PQ
9698.16
A88
B3
1992

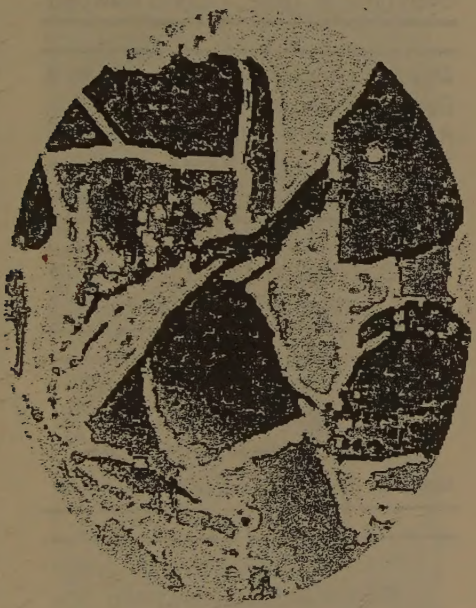
UNIVERSITY OF ARIZONA
39001031090114

Sexo Instinto

fausto fawcett

RELUME DUMARÁ

BÁSICO INSTINTO



FAUSTO FAWCETT

PQ
9698.16
A88
B3
1992

RELUME DUMARÁ

BÁSICO INSTINTO

Copyright © 1992, Fausto Fawcett.

Direitos cedidos para esta edição à
DUMARÁ DISTRIBUIDORA DE PUBLICAÇÕES LTDA.
Rua Barata Ribeiro, 17 sala 202
22011-000 – Rio de Janeiro, RJ
tel.: (021) 542-0248 fax: (021) 275-0294

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Alberto Schprejer

CAPA
Jorge Cassol
Fotografia de Flávio Colker
Modelos: Regininha Soares e Luzia Mayer

EDITORAÇÃO
Carlos Alberto Herszterg

DESENHOS
Marcus Wagner
do capítulo "Valdemir e Chacininha"

IMPRESSÃO
Imprinta

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Fawcett, Fausto, 1957-
F286b Básico Instinto / Fausto Fawcett. – Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

ISBN 85-85427-25-6

1. Ficção brasileira. I. Título.

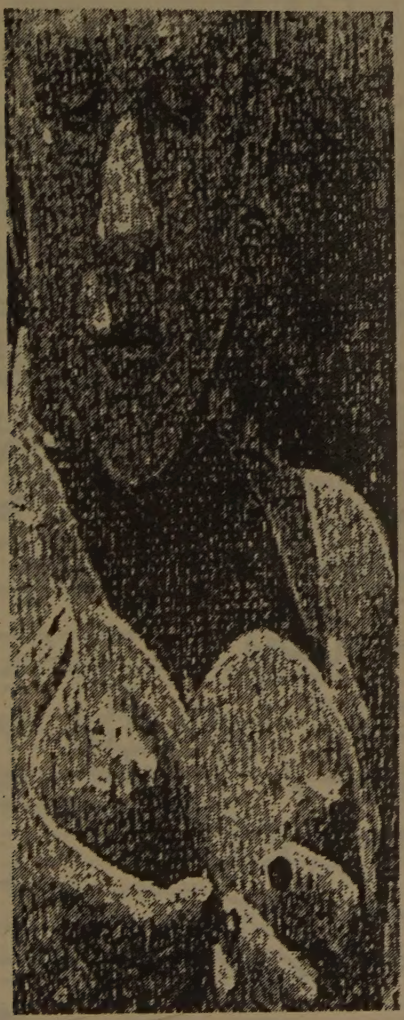
92-1055

CDD – 869.93
CDU – 869.0(81)-3

Todos os direios reservados. A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja ela total ou parcial constitui violação da lei 5.988.

FAUSTO FAWCETT

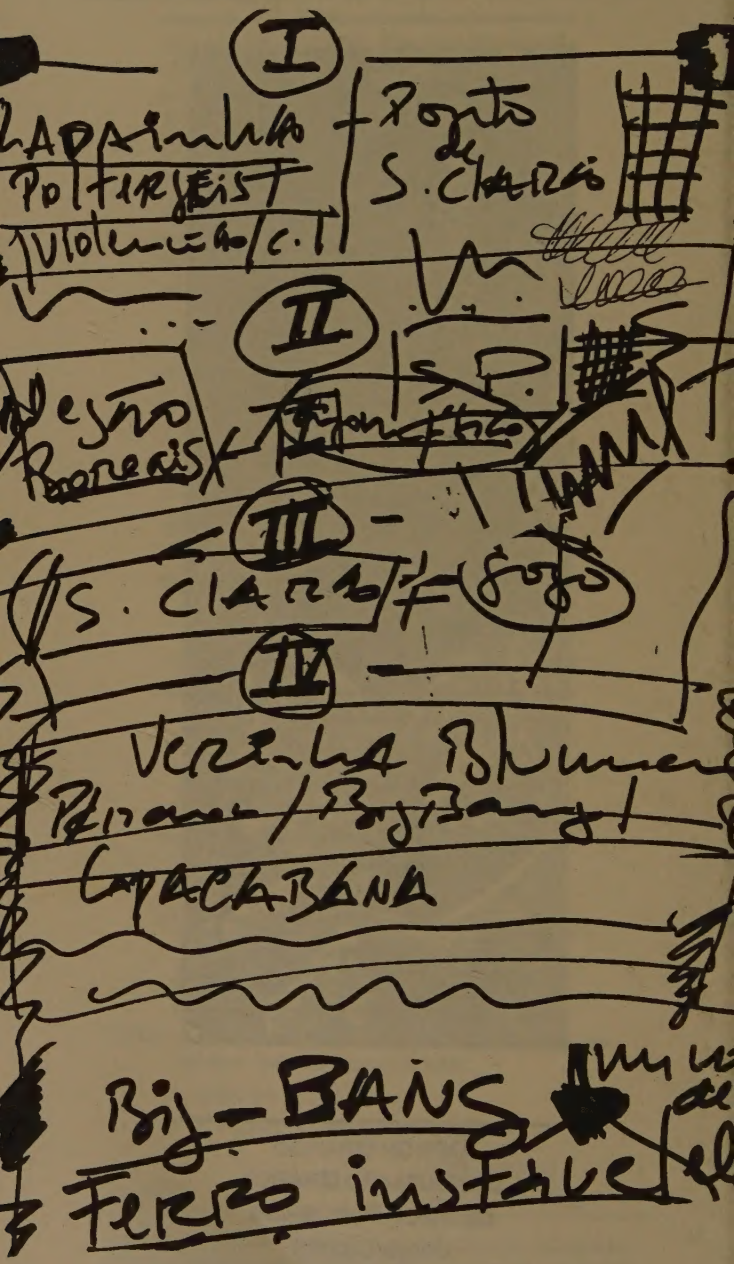
BÁSICO INSTINTO



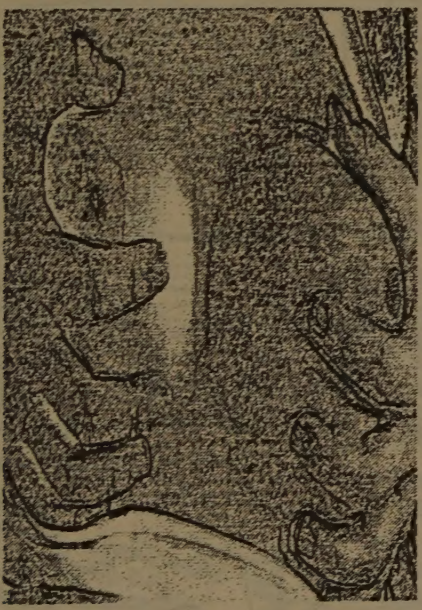
DESIGN GRÁFICO
COMPUTAÇÃO GRÁFICA
DESKTOP PUBLISHING
Jorge Cassol

FAUSTO FAWCETT

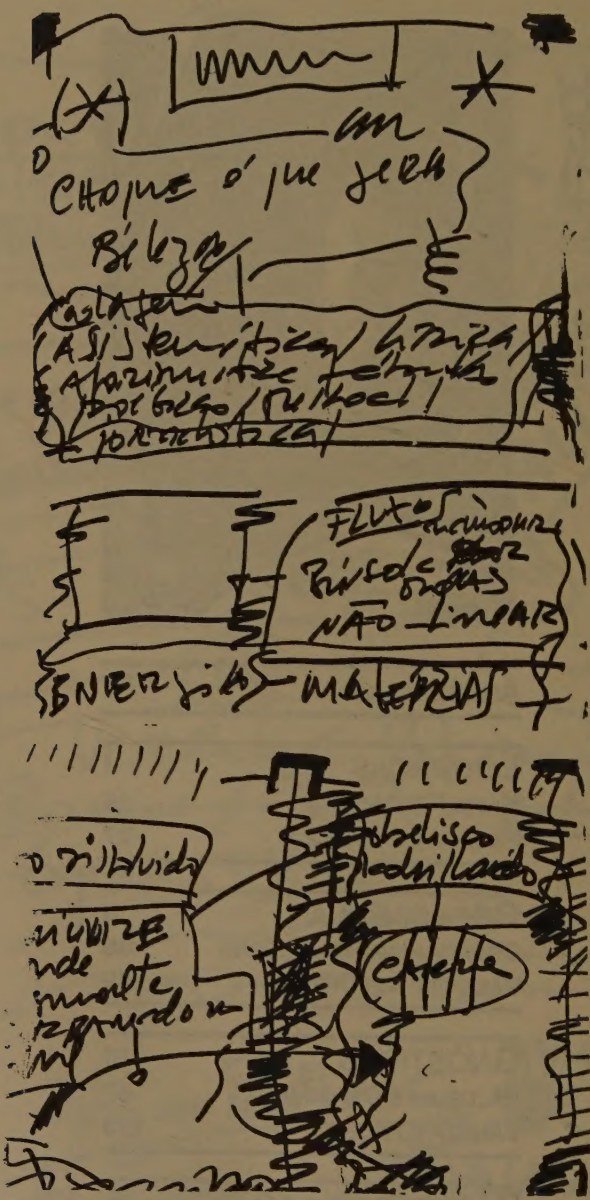
BASICO INSTINTO

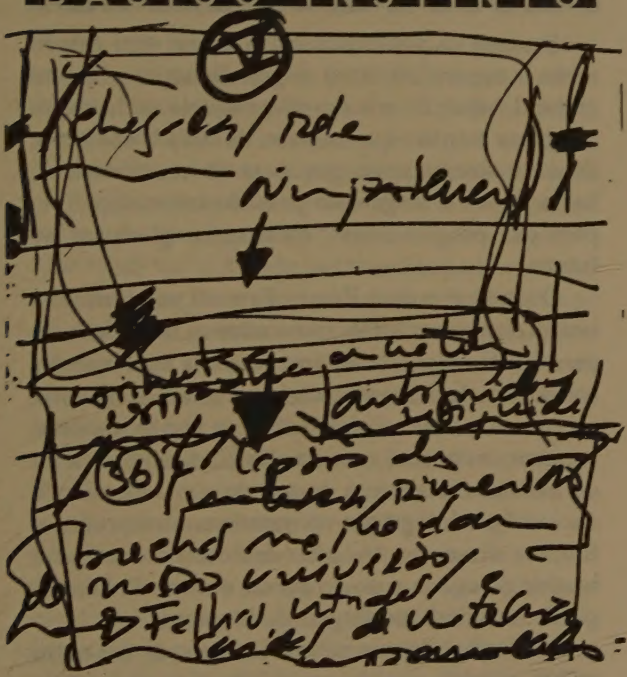


FAUSTO FAWCETT



APRESENTAÇÃO	7
LOURAÇAS	I
KÁTIA FLÁVIA	15
FACADA LEITE MOÇA	27
COPACABANA	II
COPACABANA HONG-KONG	35
VANESSA VON CRYSLER	45
GNÓSTICOS	III
VALDEMIR E CHACININHA	67
VANUZA E RACHID	123
BÁSICO INSTINTO	IV
BÁSICO INSTINTO	145





APRESENTAÇÃO

Cacá Diegues

O quase centenário modernismo brasileiro sempre se caracterizou por uma espécie de conciliação entre o arcaico e o moderno, dicotomia permanente e, às vezes, trágica na sociedade brasileira. Em nome de uma nova civilização que íamos construir no futuro, destacavam-se os valores do passado que consagrariam sua originalidade utópica. Até mesmo o tropicalismo, último filho temporão do modernismo, tentava disfarçar em caricatura essa indisfarçável nostalgia do futuro. De lá para cá, triturada pela pressão da ditadura e, depois, perdida na angústia da liberdade (o que fazer com ela?), a produção cultural feita no Brasil passou a bater no vácuo do projeto, nesse vazio pós-utópico.

Durante os últimos anos, o Brasil tem estado meio à espera do novo e grande acontecimento cultural capaz de nos devolver aquela velha esperança nas manhãs-que-cantam, da nova bossa nova, do novo cinema novo, que, para os "reacionários", havia de ser o resgate do passado interrompido e, para os "progressistas", mensagens gloriosas ao futuro.

Quando vi e ouvi Fausto Fawcett pela primeira vez, dizendo seus textos musicados na noite carioca, percebi ali a hipótese de uma resposta à melancolia temporária da cultura brasileira, alheia à sua história recente. Ali estava um trabalho que não se importava, nem um pouco, com a velha tradição brasileira de alternância entre a busca de uma identidade nacional e a integração no mundo contemporâneo. Em vez disso, um trabalho dedicado a decifrar o sentido do *agora*, o nosso *agora*, através da mitologia de um cotidiano virgem de literatura.

Me lembrei, nesse mesmo instante, de um outro artista solitário que, há uns trinta anos atrás, dizia seus textos pela noite de São Paulo, afirmando a hipótese de um presente alternativo que negava o futuro anunciado com tanta certeza pela maioria hegemônica dos intelectuais da época. Como Jorge Mautner então, Fausto Fawcet pega a sua onda, não fica à deriva sobre as águas lisas do mar geral. Ambos pertencem a uma raça de artistas cuja solidão, face aos movimentos, aguça a observação do mundo. A originalidade dessa observação vem de uma certa e específica profundidade que só afirma dúvidas, em oposição às certezas dos movimentos coletivos. O que para eles é a *realidade*, só pode ser tratado com aquela ironia no limite do duplo-sentido, na fronteira do sim e do não. Assim, podemos dizer, por exemplo, que Kátia Flávia é a Capitu dos anos 90.

Como um Guimarães Rosa urbano, Fausto Fawcet tira sua língua nova dos grandes sertões do subúrbio carioca, das veredas de Copacabana, uma

língua feita de palavras absurdas e impuras, cujo sentido se transforma no contato de umas com as outras, numa montagem pop-barroca. Essa língua recorre a todos os costumes de rua, a todos os dicionários eruditos, às páginas da imprensa policial, mas sobretudo à sintaxe nova do cinema, do vídeo e da televisão. Cito "Vanessa Von Chrysler": "De tanto ver o mundo ser transformado em imagem, de tanto ver a vida ser transformada em show de realidade patrocinada, os habitantes do gueto capitalista já não sabem o que é e o que não é real, não sabem se seus sentimentos são seus mesmo ou se são ficção de personalidade".

As grandes cidades do mundo contemporâneo, como o Rio de Janeiro em que Fausto Fawcett se inspira, são compostas de sua real paisagem e da imagem delas, até o ponto em que ambas se confundem e formam um terceiro *real* que habita o inconsciente de suas populações, virando tradição e mitologia. Dessa fusão fria nascem as verdadeiras cidades da cultura contemporânea. Vanuza e Rachid, personagens do texto ao título do qual emprestam seus nomes, fazem "turismo por paisagens simuladas". Assim como, no admirável "Valdemir e Chacininha", a montagem paralela do curso das vidas dos dois heróis é mapeada pelos pontos da cidade pelos quais passam, enriquecidos pelo delírio de seus personagens, sendo esse delírio um êxtase de informações audiovisuais.

Fausto Fawcett talvez seja o primeiro escritor brasileiro a reproduzir essa (digamos) estrutura de pensamento audiovisual em seu texto. Aqui, não se trata mais de se referir a seus signos, expressar de algum modo a sua importância, introduzi-lo na narrativa como elemento cenográfico, uma ambientação contemporânea, mas de utilizar-se do audiovisual como de uma nova lógica. Não é só que o audiovisual tenha ajudado a mudar a realidade – é sobretudo que ele é uma nova forma de pensar o homem e o mundo que o cerca, uma estrutura de

pensamento que mudou a forma da humanidade se ver a si mesma e agir diante disso. Ele não está a serviço de idéias, ele é uma idéia em si mesmo. Foi essa, sem dúvida, a principal novidade do homem do século 20 no que diz respeito à cultura.

Só agora, neste final de século, começamos a conviver com uma certa naturalidade com essa espécie de êxtase. Não precisamos mais nos espantar com a velocidade, a violência natural das coisas, o conhecimento aparentemente total de tudo ao mesmo tempo. Já podemos viver essas experiências sem precisar nos referir ao nosso encantamento por elas, como se fizessem parte de nosso mais reles cotidiano. Livramo-nos aos poucos do peso epistemológico de todas essas extraordinárias mudanças, começamos a aprender a conviver com sons-imagens produzidos artificialmente como já convivemos há tantos séculos, e com tanta naturalidade, com, por exemplo, a própria escrita.

Se isso for verdade, a arte, nesse momento, se liberta de si mesma, sua matéria deixa de ser o auto-encantamento, a auto-referência, e volta a ser a própria vida, seu objetivo mais primitivo. Mesmo que a vida seja, agora, ela mesma e mais a sua simulação.

Diante disso, sentimo-nos como se estivéssemos sendo secretamente preparados para um grande e novo acontecimento, do qual não temos capacidade de tomar conhecimento de uma vez só. Certos noticiários, um certo cinema, uma certa política, a televisão, tudo faz parte de uma gigantesca e ao mesmo tempo delicada montagem que não está sendo necessariamente articulada por nenhum Big Brother, nenhuma central subversiva de controle da humanidade. Ela é apenas parte de um acordo inconsciente e implícito entre todos nós, de cuja participação nesse *puzzle* depende o evento e sua forma final. Não produzimos mais a doce esperança, mas apenas o fermento original de onde ela nasce.

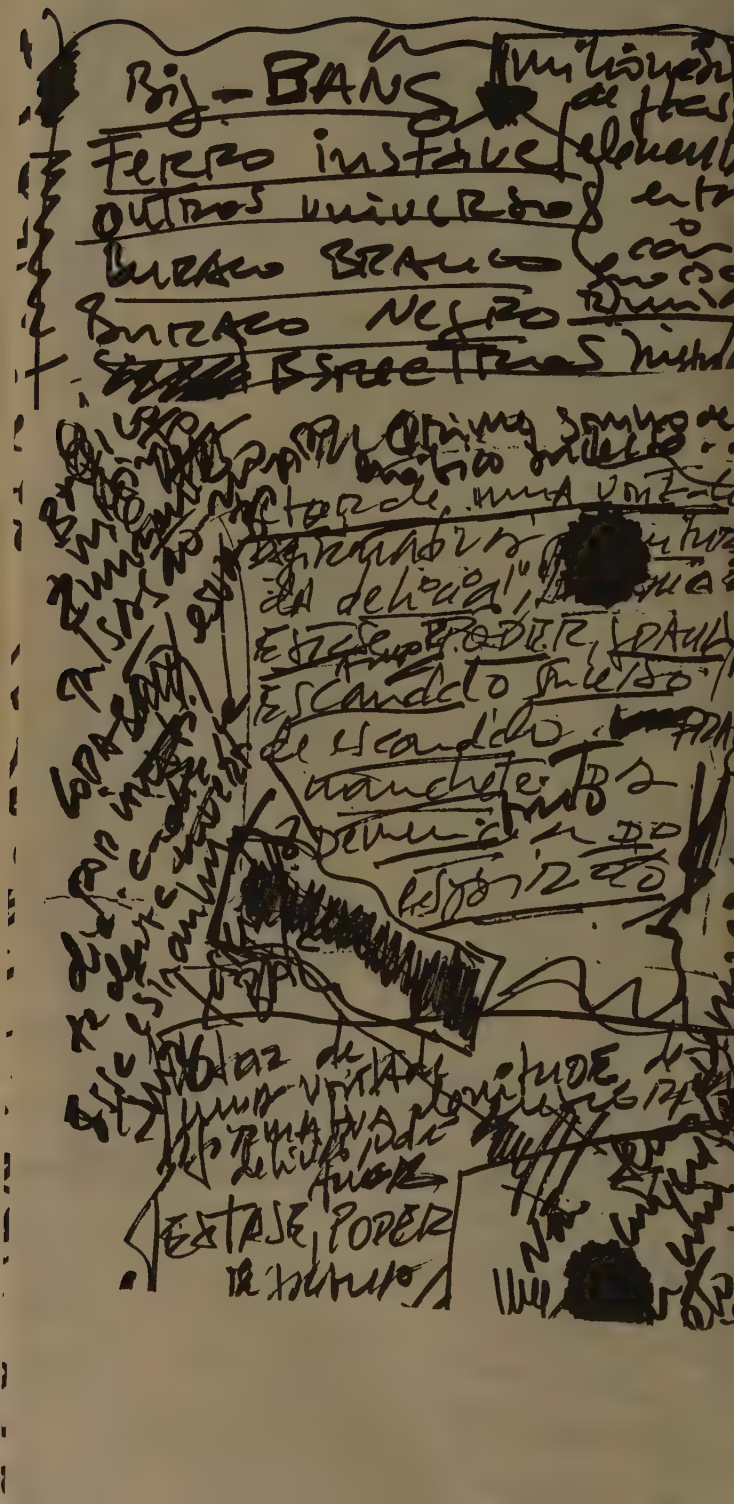
A melhor ilustração dessa idéia está no texto mais impressionante de *Básico Instinto*. O baiano apocalíptico do épico "Valdemir e Chacininha" é um "fodido terminal", como o tempo em que ele vive. Mas sua tragédia é tão injusta, tão antinatural, que imaginamos haver um saber ou uma prática quaisquer que ainda não foram desvendados capazes de nos salvar de nossa própria miséria ou, pelo menos, de nos fazer compreendê-la: "Bombardeados pelo delírio das ficções comerciais e não comerciais, eles vivem envolvidos com mundos que só existem no desejo".

Como esse, muitos textos deste livro e da obra de Fausto Fawcett tomam seus títulos dos nomes de seus personagens. É natural que assim seja, pois, num mundo cujas regras de compreensão foram liquidadas, só nos resta acompanhar a trajetória da única coisa que podemos ver claramente: o homem e sua ação no mundo. A vida é novamente um filme sem roteiro prévio, quem sabe até sem nenhuma trama, onde sobreviveram apenas os personagens e suas circunstâncias.

Básico Instinto é a obra de um dos artistas que, no Brasil, melhor compreendeu essa nova visão de um homem sem destino preciso, que não ruma necessariamente para direção pré-determinada alguma. Um homem cujo destino é o êxtase da crise permanente.

Computação Gráfica: Jorge Cassol

LOURAÇAS



Big-BANG

Ferro instável

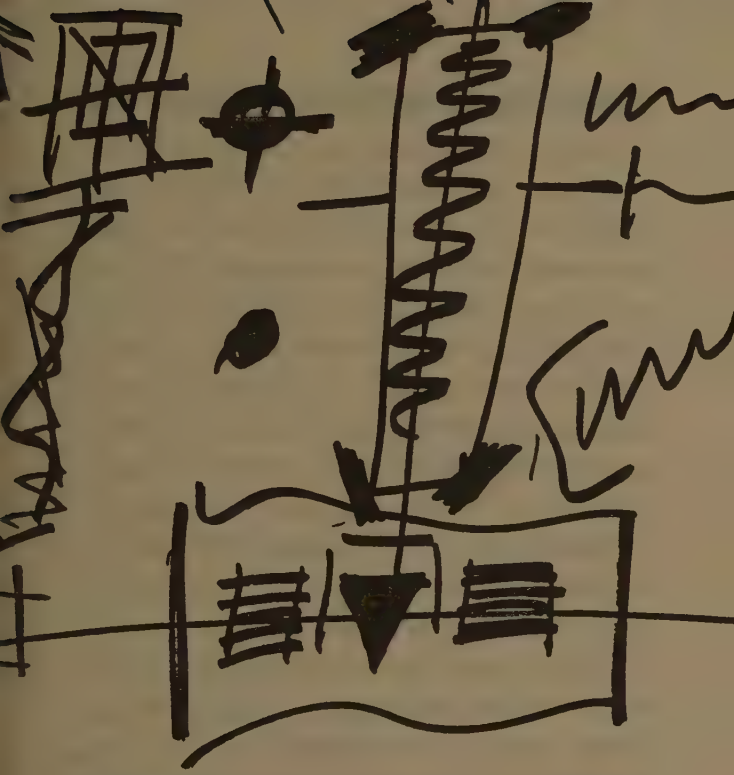
Outros universos

Buraco Branco

Buraco Negro

Espectros

Estase, poder



KATIA FLAVIA

Um Taj Mahal Katia Taj Mahal Flavia Taj Mahal Katia Taj Mahal Flavia Taj Mahal. Bem vindos repórteres de todos os naipes. Aproximem suas câmeras subjetivas, ajeitem suas lentes objetivas pois vocês estão entrando nas ruínas do Taj Mahal roxo em pleno centro de Irajá. A ex-residência do mais escatológico, excêntrico, sensual, fetichista e voyeur dos casais. O casal Katia Flavia-Salomão Calígula. Alguma pergunta? E os repórteres perguntam: Mas por que esses donalds de porcelana? Mas por que essas paredes de guard-rail chamuscado? Mas por

que esses monitores passando tapes de desfiles de escola de samba amontoados em carruagens de plástico fosforescente? Mas por que esse chão de grafittis pornográficos? Mas por que esse filme publicitário passando descontrolado no teto? Porque o casal Salomão Calígula-Katia Flavia adorava lugares, acontecimentos, ambientes, festividades excêntricas, pirotecnoexuberantes, cafonáuticas, cafonosas, cafonínives, babilônicas como disneylândias, motéis faraônicos, palácios de decoração pesada e desencontrada, mansões aparentemente vazias, mas com tudo embutido eletronicamente, mecanicamente em paredes funcionais, shoppings, escolas de samba, festas de todo o tipo, foguetórios de todo jeito, bibelódromos, olimpíadas kitsches, exposições industriais, bienais de ferro velho abrangente, estádios lotados, cassinos, praias cheias, arrastões de autômatos crioulos correndo de pau duro atrás de louras autômatas de bunda arrombada cheia de explosivos, e quando os crioulos enfiam nelas elas explodem em rosas, em buquês, em corbeilles variadas catapultadas pela penetração dos arrastões autômatos, ambientes excêntricos e excessivamente visuais e audioconfusos. Salomão Calígula era um zorro dos novos tempos, o Paul Getty da zona oeste, o Howard Hughes da Leopoldina. Estava na vanguarda da contravenção apesar de usar um recurso clássico, ou seja, negócios limpos para servi-

rem de biombo-fachada para seus negócios sujos: tráfico de menininhas escravas branquinhas pra príncipes árabes e africanos, indústria de bombas de neutrons pocket para utilização por exércitos e comandos variados em grupos terroristas, vírus domados, espécies de micróbios adestrados assim armas biológicas, loteria da morte – neguinho apostando em qual inimigo de Salomão dançaria etc. Já Katia Flavia, bem Katia Flavia... Era a encarnação do mundo cão. Ex-miss Febem, seu corpo era cheio de hormônios suspeitos. Ex-pivete, ex-menina de rua capturada e maltratada pela seita suspeita Leão de Judá, bezerro imolado, cordeiro imolado, ex-vítima de anestesistas depravados nas profundezas do Inamps. Anestesia local, sexo oral. Anestesia local, sexo anal. Anestesia geral, sexo total. Passou por todas as casas de detenção feminina mas conseguiu dar a volta por cima namorando um ou outro gerente de concessionária e abriu uma rede de puteiros teleféricos. Katia Flavia, menina extremamente voyeur. Instavelmente uterina. Ovulação grossa. Ovário pesado. De vez em quando o mundo-cão vinha à tona e ela precisava tomar cápsulas, pílulas de autismo concentrado, pílulas de ausência mental.

Pegava seu mustang roxo e se mandava pro número 71 da avenida Nossa Senhora de Copacabana, Edifício Alone, esquina de Princesa Isabel com Nossa Senhora. Um tri-

plex segundo, terceiro e quarto andares equipado com salão de tiro-ao-alvo, mas não era com patinhos que ela se exercitava, atirava em réplicas das estátuas dos profetas do Aleijadinho. Quando o mundo-cão vinha à tona Katia Flavia tomava pílulas de autismo concentrado e ficava praticando tiro-ao-alvo barroco. Katia Flavia só usava calcinhas bélicas, dessas com armamentos bordados – calcinha tomahawk, calcinha amx, calcinha minuteman, calcinha V2. Mas a calcinha que ela mais gostava de usar era mesmo a calcinha exocet. Mas Katia Flavia ficou famosa mesmo, virou símbolo sexual suburbano quando resolveu cavalgar nua pelas esquinas dos subúrbios num cavalo branco. Ela colocava seu colar de esferas bic, seu colar de tungstênio, soltava seus cabelos e começava a cavalgar pelos conjuntos habitacionais, pelas ruelas mais sórdidas, pelas avenidas mais movimentadas, pelas quebradas das favelas, pelos becos de viadutos, pelas redondezas de bailes funks, pelas cercanias dos pagodes mais ferozes, pelos pontos de macumbação destemida, pelos pontos de peregrinação marginal, pelas encruzilhadas de tudo que rola nas noites da subúrbia. Nenhum marginal, nenhum policial ousava botar a mão em Katia Flavia. Ninguém põe a mão na mulher do Salomão. E as mulheres totalmente invejosas, vendo seus maridos e namorados alterados por causa do passeio da Godiva, crianças e homens

e até outras mulheres mais assim tamos aí, bem invejosas, griladas, começaram a espalhar que Katia Flavia não passava de uma louraça belzebu, uma louraça lúcifer, uma louraça satanás. Mas isso não adiantou nada porque rapidamente a lenda se espalhou por todos os subúrbios e zona oeste e ruralzinha e pescadora restinga marambaia e sepetiba e região dos lagos e zona norte baixada e centro zona sul. Espalhou-se a lenda de Katia Flavia, seu colar de tungstênio, suas coxas rolisérgicas desembocadas numa michelângela bunda perolada em caramelo rosado logo abaixo de um colo de estirpe maromba árabe no ventre dançante e despontando no tórax dois seios majestosos, maravilhosos favos de magma mamário. Rosto meio-vera meio-bassinger meio-fischer meio-kim meio-angélica aos trinta e dois. Estampa de quadro pré-rafaelita reproduzida nos ladrilhos de pés sujos ou toalhas de Camelo Copacabana. Linda Katia Flavia. A lenda da Godiva suburbana, carioca, nua cavalgando pelas esquinas. Godiva Belzebu, Godiva Satanás, Godiva Lúcifer. Nenhum marginal ousava botar a mão nela, nenhum policial ousava. Ninguém põe a mão na mulher do Salomão. O casal Salomão Calígula-Katia Flavia vivia feliz com suas orgias, excentricidades, viagens, imperialismo sorrateiro, viviam felizes no imponente Taj Mahal roxo de acrílico roxo cercado de toda a segurança eletrônica, elétrica e animal,

pois leões e tigres e lobos vagavam pela propriedade com o cheiro das roupas inimigas e policiais constantemente nas narinas. Todos com um dispositivo assassino, um robô microscópico instalado nas carcaças. Caso algum deles se dirigisse para Salomão ou Katia seria imediatamente explodido por obra e graça de um controle remoto exclusivo dos dois. Viviam felizes.

Até que um dia Salomão foi morto numa emboscada em Parada de Lucas. Imediatamente todos os seus subordinados e subfuncionários revoltaram-se. Invadiram o Taj Mahal com o corpo de Salomão em picadinhos. Violentaram as empregadas, sodomizaram legal os empregados e transformaram em ruínas metade do palacete de acrílico especial. Procuraram desesperadamente a gostosona excêntrica, a louraça belzebu. Não acharam. Procuraram por todo o Taj Mahal. Reuniram-se no centro de um salão e disseram-se mutuamente: "Sumiu, Katia Flavia sumiu". Onde está a mulher do Salomão, aquela em quem ninguém botava a mão? Ela está num terreno baldio atrás da boate Kiss Me perto da avenida Brasil. Uma louraça revoltada. Vocês já viram uma louraça magoada? Ela coloca sua calcinha exocet, seu sutiã escorpião adesivo, seus óculos ray-ban roxos, seus tênis roxos, sua capa de chuva roxa. Dessa vez ela não vai tomar pílulas de ausência mental, ela vai virar uma exterminadora fê-

mea. Não vai tomar pílulas de autismo concentrado. Ela vai se transformar num schwartzennegger-fêmea. Ela entra no seu mustang roxo e vai na direção da avenida Brasil. Rumo a Copacabana ela vai acionando bombas dispositivas escondidas em quase todos os batalhões, delegacias, zonas carentes. Bombas dispositivas instaladas por Salomão Calígula para caso de emergência urgente, atitude de não sabem com quem estão lidando. Mas nas imediações do Maracanã, com o policiamento alerta, com o que sobrou das forças policiais alerta, a Godiva sente um aperto no coração. Perto do Maracanã ela larga seu mustang, a Godiva é tricolor. Ela lembra que tá rolando no Maracanã uma rodada dupla noturna. Na preliminar jogaram Flamengo e Botafogo. No jogo de fundo, 30m do segundo tempo. Vasco e Fluminense. Katia Flavia vai na direção da roleta. O pipoqueiro retardatário faz uma gracinha e ela não titubeia, silenciador no pipoqueiro, tuff. Vai entrando e alguns guardas tentam pará-la pra obter algum boquete ou sarração e ela não conversa, silenciador nos guardas molestadores, tuff, tuff. Sobe a rampa que dá acesso às arquibancadas, confirma a direção tricolor e vai ao encontro da Young Flu. Passa pela Força Flu, pelo Sendero Tricolor e finalmente chega na Young atrás do gol do Vasco. Mas quem tá no ataque é justamente o time de São Januário. "Bola para Paulo Roberto. Atraves-

sa a linha divisória do gramado, procura alguém fora de marcação. Roberto pede bola, mas ele toca pra Mauricinho. Jandir em cima, ele prefere Romário, recebe, envereda pela esquerda, evita Edson Souza, gira o corpo joga, um bolão nas costas de Branco pra Mauricinho que mata a bola na velocidade, Vica sai na cobertura, entre as pernas de Vica. Mauricinho chega na lateral da grande área. Levanta a cabeça e vê Roberto livre, cruza rasteiro, Paulo Vitor vai saindo, Roberto livre vai marcar, Paulo Vitor milagre milagre milagre espalma e a bola sobra pra Ricardo que toca rápido pra Romerito engatar uma quarta, cruzar a linha que divide o gramado, pára, dá uma respirada, vê Branco passando batido lança o lateral que estufa o peito, mata a bola, se manda, vai embora, toca rápido pra Tato nas costas de Paulo Roberto. Tato livre vai marcar... o bandeirinha marca impedimento." A torcida tricolor, revoltada, levanta. Katia Flavia então nem se fala. Abre sua capa de chuva, tira sua pistola com silenciador e tuff tuff no bandeirinha que cai na lateral do campo. A torcida grita: "Vamos camuflar a loura. Esse bandeirinha tá fingindo. Isso aí é groselha, não é sangue. Filho da puta, é groselha". A torcida tricolor camufla o Schwarzenneggerfêmea, a louraça do Irajá, bandidaça belzebu. Ela vai saindo, pega o túnel de acesso às arquibancadas e se manda. No placar: Roberto e Romerito um a um. Katia Flavia passa

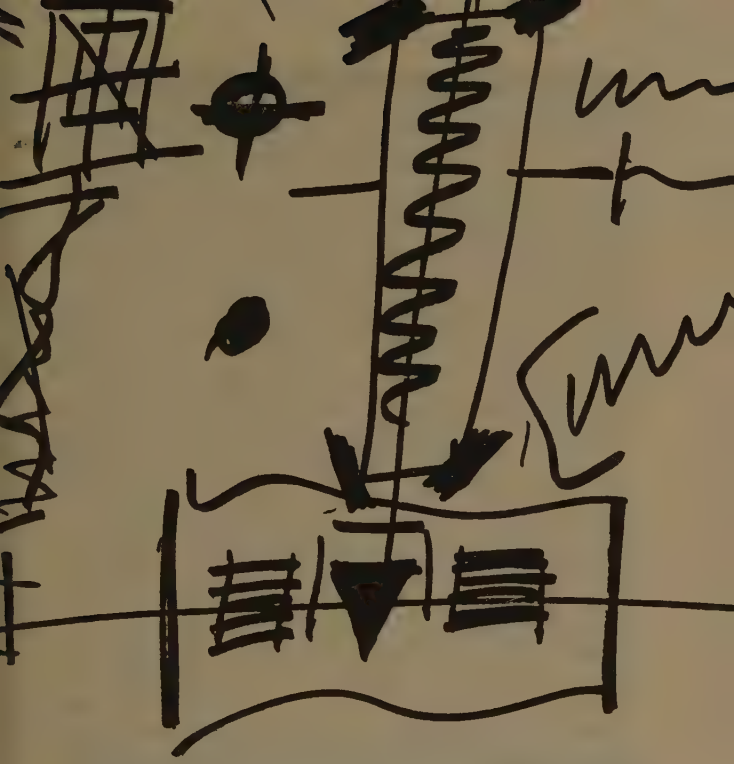
pelos cadáveres que deixou. Faz sinal para um 434 completamente vazio. Ela sobe no 434. Silenciador na nuca do trocador. Cruza a roleta. Silenciador entre os olhos do motorista. Ela joga fora o motorista e toma as rédeas do buzum. Passa pela praça da Bandeira. Sobe o viaduto dos Marinheiros, chega à Presidente Vargas, faz uma barbeiragem e se mete por trás do edifício dos Correios chegando rapidinho nas imediações do Sambódromo, quebra pra direita numa guinada de pneu cantando e pega a pista rumo ao Santa Bárbara, o túnel. Cruza o túnel e chega no elevado de Laranjeiras. Passa em frente ao Fluminense, ventando deixa pra trás o Palácio Guanabara e chega logo na praia de Botafogo. Pega a São Clemente, passa em frente ao Santo Inácio, na batida pelo Dona Marta, Batalhão Militar e entra na Real Grandeza. O que tá passando batido pela Real Grandeza? Um 434 totalmente vazio, um 434 Katia Flavia no volante, um 434 totalmente ensangüentado, um 434 Katia Flavia no volante, um 434 totalmente apagado, um 434 Katia Flavia no volante. Entra na Siqueira Campos depois de deixar o Túnel Velho surdo. Passa em frente ao Let it Be, à adega Pérola, chega na Toneleros, vira à direita, outro batalhão, o décimo nono; cruza a Figueiredo e a Anita Garibaldi, um 434 é deixado abandonado na Santa Clara com Toneleros. Katia Flavia pega a Santa Clara na direção Barata Ribeiro,

dobra a esquina, sente vontade de mijar. Abaixa a calcinha e dá uma mijada no tapete da Billboard. Levanta a calcinha e tem uma visão. Visual maravilhoso de frente pro templo Bet El. Pulando o muro do templo que fica ao lado da Galeria Menescal, dezenas de Saras, Ruths e Deboras. O melhor da sensualidade judaica pulando o muro do templo Bet El. A Antigo Testamento em forma de ninfetas, salmo em forma de peitinho, versículo em forma de coxinhas. Vão jogar handball na madrugada da Galeria Menescal. O Jezebel Handball Club vai enfrentar as Palestinas do Gordon. Katia Flavia se diverte. Cruza a Figueiredo Magalhães esquina com Barata Ribeiro e entre a Gabriela Discos e a garagem do CB ela vê rapazes que são metade homem, metade skate; são os centauros de rodinha que com os cotovelos na sarjeta, assim encostados esperam o caminhão de lavagem comlurb passar pra poderem tomar banho. Cruza a Siqueira Campos. Academia Rodney. Marombeiras insones malham nos aparelhos musculares. Hilário de Gouveia – nas escadarias da igreja presbiteriana um travesti vestindo tailleur acaricia com seu isqueiro cricket sua salamandra de estimação. Atravessa a Paula Freitas olhando poças de refrigerante cheias de drops à deriva. Chega na Mascarenhas de Moraes depois de passar batida pela República. Iluminação precária. Uma joaninha às escuras. Dois policiais se beijam apai-

xonadamente. Katia Flavia faz uma ronda na joaninha e encosta seus peitos na janela do motorista. O primeiro PM gay reconhece a Godiva numa olhadela distraída e se manda. O segundo com aquela boca pós-chupão encosta a própria nos seios da Godiva que não dá mole – silenciador no PM gay e fora do carro com ele. Ela entra na joaninha, dá um cavalo-de-pau e sobe a Mascarenhas de Moraes na direção do clube Radar. Mete a mão no microfone do rádio policial e começa a se comunicar com todas as delegacias e batalhões sobreviventes da sua chacina magoada, teleguiada. Alô polícia meu nome é Katia Flavia.

Alô, polícia, eu tô usando um exocet, calcinha exocet, calcinha. Alô, polícia, eu tô usando um exocet calcinha, um exocet. Meu nome é Katia Flavia Godiva de Irajá, me escondi aqui em Copa. Polícia Belfort Roxo, Duque de Caxias, polícia Deodoro, São Cristóvão, de Benfica, da Pavuna Austin Campinho, polícia pode vir porque meu nome é Katia Flavia Godiva de Irajá, me escondi aqui em Copa. Polícia do Flamengo polícia Botafogo, da Barra da Tijuca, do centro da Cidade, polícia, polícia, polícia pode vir. Meu nome é Katia Flavia. A Godiva foi na direção do edifício Alone onde ela praticava tiro-ao-alvo barroco. Todas as polícias cercaram a Princesa Isabel. Toda a população de Copacabana por perto desceu. Segundo andar do edifício

Alone, em cima da loja Só a Rigor, ao lado do edifício Trafalgar. Katia Flavia fugiu pelos fundos da loja. Começou a jogar vestidos de noiva, roupas de gala, smokings pela janela e os policiais apavorados fuzilando smokings e vestidos de noiva. A Princesa Isabel ficou cheia de vestidos de noiva e smokings baleados. Até que um delegado resolveu tomar uma atitude junto com um comandante PM. Os dois subiram ao apartamento. Minutos depois chegaram na varanda e mandaram: "Sumiu Katia Flavia, sumiu". E a população, como torcida frustrada, começou a se retirar com aquele refrão na cabeça – ninguém põe a mão na mulher do Salomão. Todas as equipes de tv foram desligadas. Idem as de rádio. Os camburões voltaram para as delegacias e batalhões, cheios de vestidos de noiva e smokings. Katia Flavia ficou em Copa. Voltará em forma de quê? Shirley Susie? Vania Wilma? Ninguém sabe.



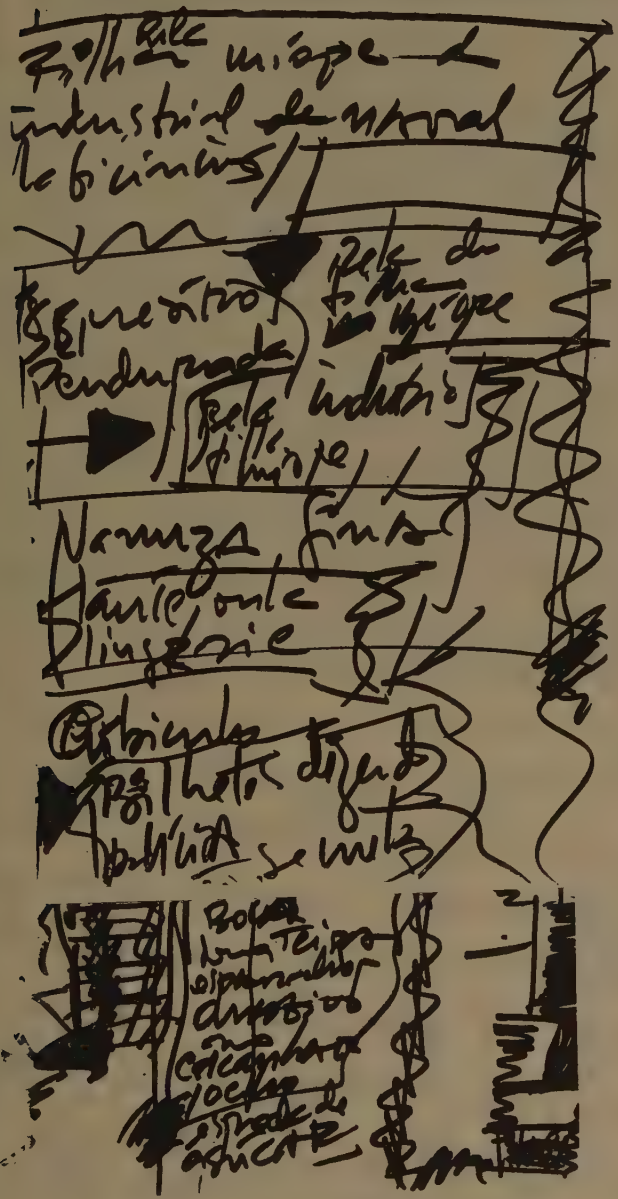
FACADA LEITE-MOCA

Noite estrelada. Uma loura condenada dirige sua Ferrari vermelha à beira de um abismo canadense. Noite estrelada. Uma loura condenada dirige sua Ferrari vermelha equipada com antena parabólica. Ela gira o dial da TV Mundial: imagens mexicanas, imagens francesas, imagens tailandesas, imagens antárticas, imagens subterrâneas de territórios soviéticos, imagens aéreas de quadrantes atmosféricos poluídos na Amazônia. Ela abandona as imagens mundiais e vira o rostinho pra esquerda observando o Oceano Pacífico, um território marítimo

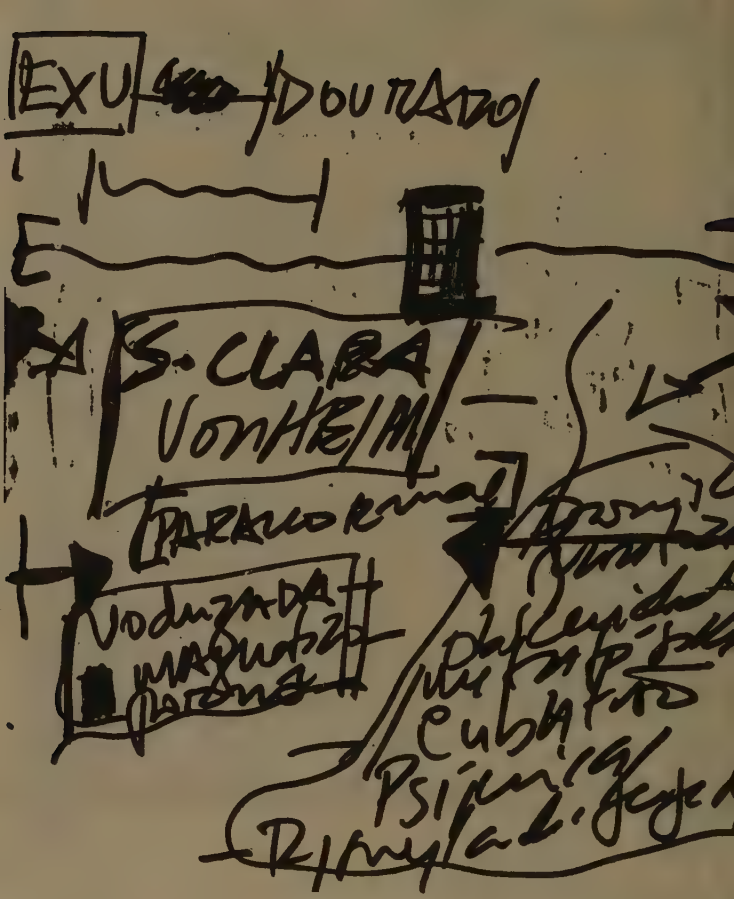
reservado pra inofensivos testes bélicos. Testes bélicos da Otan. Futuros foguetes intercontinentais explodem pacificamente no horizonte enquanto deliciosas garotas militares, amantes de altas patentes, praticam wind-surf entre mísseis desativados ou bóiam nuas entre ogivas de mentira. Cabeleira loura entremeada por tranças de poliuretano vermelho, escorpião tatuado na base da espinha, coxas de quem faz jazz, boca carnuda ideal pra batom forte, imensos olhos azuis. Noite estrelada, dirigindo uma Ferrari vermelha à beira de um abismo canadense, uma loura condenada. Viviane Vancouver é a mais famosa fotógrafa hiperrealista do mundo. Tornou-se exímia repórter da decadência humana nos becos urbanos. Percorreu o lixo civil do Terceiro Mundo – miséria refinada. Cruzou os subterrâneos do Primeiro Mundo cheios de imigrantes e deserdados mundiais – flagrantes da miséria camuflada. Infiltrou-se em clãs de magia ássassina, gangues de adolescentes superdotados revoltados, garotos de tendência bélica manipuladores das substâncias mais perigosas do mundo – urânio, plutônio, trítio e berilo – sociedades de perversão secreta etc... Viviane Vancouver é a mais famosa fotógrafa hiperrealista do mundo. Usou toda a sua rara sensibilidade sádica pra transformar atentados terroristas, crimes passionais, desastres ecológicos, catástrofes industriais, conflitos de rua, acidentes cirúrgicos,

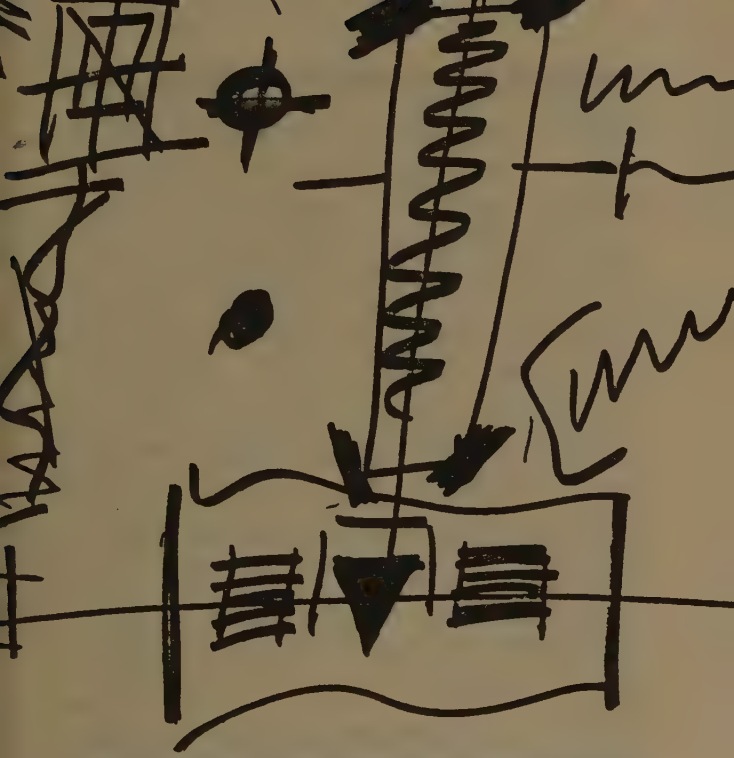
nas mais terríveis naturezas-mortas que nenhum pintor jamais ousou transar. Adoradora do grotesco-escatológico, do lúbrico-libidinoso, do feérico-pornô, do obsceno-apocalíptico, da decadência extravagante do brega-sensual. Viviane ama tudo aquilo que toca fundo na sua alma carnal. Tudo aquilo que detona sua intuição carnívora e excita sua imaginação destrutiva, sua inteligência predatória. Na verdade essa loura de sensualidade over é atormentada por uma nostalgia da matéria bruta da qual o homem e a mulher são os acidentes mais famosos. Naturezas-mortas que nenhum pintor jamais ousou transar. Garotas paranormais envolvidas em rituais canibais. Místicos devorados por garotas de programa paranormal. Naturezas-mortas. As grandes revistas mundiais pagam milhares de dólares pra terem as fotos de Viviane publicadas em alto-relevo. Mas o FBI descobriu que Viviane estava se excedendo na sua fissura por naturezas-mortas. Estava pagando a pessoas pra se mutilarem em grande estilo, se suicidarem com gás hilariante, explodir lugares. Agora Viviane está indo na direção de sua residência, que fica no sótão de uma estufa artificial onde cientistas vegetais pesquisam plantas carnívoras. Eles passam botanic spray nas pétalas que mordem. Ela atravessa a estufa e chega ao sótão. Essa é a sua última noite de liberdade pois é uma loura condenada. Anda pelo sótão. Pára em frente

a uma faca vibradora. Tomou uma decisão. Pega o telefone e liga pro seu advogado, pro delegado mais próximo. Pede pra eles chegarem ao sótão dali a meia hora. Diz pro empresário transformar o que encontrar num poster hiperrealista. Desliga o telefone. Tira a roupa: coxas de quem faz jazz. Coloca dez Polaroids disparadas em volta da sua cama rosada, lambuza o corpo com leite condensado, pega sua faca vibradora preferida e começa. Facada um, facada dois, facada três, facada quatro, facada cinco, meia hora depois chegam o empresário, o advogado e o delegado, que diz o seguinte: "Nunca vi um corpo de delito tão lindo como esse". Cabeleira loura entremeada por tranças de poliuretano vermelho, escorpião tatuado na base da espinha, coxas de quem faz jazz, boca carnuda, ideal pra batom forte, imensos olhos azuis.



Computação Gráfica: Jorge Cassol


EXU
DOURADO
S. CLARA
VONHEIM
PARACORMAL
VODUZADA
MAGNETIZO
PORONA
Cubatão
Psíquica



COPACABANA HONG KONG

Copacabana foi transformada num território off-off estado carioca, um vácuo-financeiro-industrial dominado por mini-indústrias paralelas. Mini-indústrias camufladas por açougues, armarinhos, lanchonetes, cabeleireiros etc. De dia é açougue, de noite é mini-indústria robótica, química, zoológica etc. Copacabana é o marco zero do contrabando bizarro, território livre de multinacionais investimentos mafiosos. É uma espécie de bairro-purgatório e nos seus edifícios e ruas pode-se encontrar a mais contrastante e extravagante fauna humana:

náufragos existenciais sem perspectivas sociais, ricaços discretos, pivetes poliglotas, vândalos genéticos, desgraçados crônicos, subs em geral, apavorados membros da seita consumista classe média-falida vivendo a barra pesada dos impostos civis e da decadência sócio-econômica, camelôs científicos, travestis suculentos. Extravagante-contrastante fauna humana fazendo coisas nos edifícios ou circulando fora deles bombardeada pelo excesso audiovisual das suas ruas. Um lugar ideal pra proliferação de submundos. Toda quinta-feira chegam na praia do Lido embarcações escoltadas por surfistas militares. É o boat-people internacional. O primeiro mundo resolveu expulsar, jogar nos oceanos centenas de imigrantes delinqüentes: espanhóis-sarracenos, iugoslavos-croatas, iranianos-persas, iraquianos-assírios, fenícios-libaneses, turcos-otomanos, chineses-muçulmanos, asiáticos em geral. Proliferação de submundos. Os focos de um futuro império asiático econômico tecnológico-mundial começa a aparecer também em Copacabana. De uma forma obscena. É Copacabana Hong Kong – do Posto Dois ao Posto Quatro existe um território conhecido como Copacabana Hong Kong. Copa Hong Kong é o resultado de uma mistura fatal: superdotados americanos marginalizados administrados pela vanguarda da contravenção chinesa com dinheiro japonês. A escória internacional da

ciência industrial habita os fundos das lojinhas de Copacabana e em Copa Hong Kong essa escória é uma escória superdotada. Gênios da robótica, da física, da genética, da computação circulam nos subterrâneos do bairro-purgatório. Derek é um desses superdotados. Passeia pelo Posto Dois, Nossa Senhora de Copacabana. Repara numa fumaça que sai de vários bueiros. É que mendigos andam roubando produtos das lojas de plásticos vulcan e levando pro subsolo do bairro. Fazem fogueiras de contact e se aquecem com cortinas de banheiro torradas. Ninguém se importa quando vê a fumaça saindo dos bueiros, são os mendigos vulcânicos se aquecendo. Derek continua andando na madrugada do Posto Dois. Ele tem uma oficina de radares churriados atrás de um armarinho sórdido na Viveiros de Castro. Continua andando. Pára diante da vitrine de uma loja de artigos masculinos onde iogues foram contratados como manequins a fim de arrumarem grana pra sobrevivência de suas irmandades. Iogues de tergal, rútilos e imóveis. Barbudos manequins. Na vitrine infantil da loja, arqueiros monges-zen fizeram a mesma coisa pra impedir a falência dos seus mosteiros distantes. Ficam com seus arcos esticados e suas flechas servem de varal para coleções de moda-mirim. Iogues e monges arqueiros-zen usam toda sua sabedoria respiratória para tornarem-se impassíveis manequins de moda

masculina. Derek está indo na direção do canhão de peças íntimas. É que cientistas descobriram que as subpartículas atômicas da lingerie podem ser usadas para dissolver fatores poluentes na atmosfera do bairro. Daí que o céu de Copacabana é inundado por soutiens, anáguas, calcinhas, combinações etc. atiradas no ar por um adaptado canhão antiaéreo. Derek é quem acende seu pavio-laser. Um bico que lhe rende uns dólares-copacabana a mais.

Derek, o superdotado astrofísico, vai colorjetando equações nas paredes das bancas de jornais, vai reparando que as janelas dos edifícios estão lotadas de televisores porque é dia de Santa Clara, padroeira da tevê, senhora das tempestades. Os edifícios são paredões de tevê simultânea, arranha-céus de imagens e o bairro vive um verdadeiro carnaval medieval com centenas de clarissas bêbadas, santa-claras postiças, meninas usando perucas louras com antenas comemorativas. É o dia da pin-up católica, da santa blondie, da sensual telepata medieval. Derek chega numa esquina chinatown e vê dois carros se porrarem, três carros se porrarem, quatro carros se porrarem, todos os quatro capotarem e seus canos de descarga furiosos espalharem uma neblina rasteira pelas encruzilhadas próximas intoxicando travestis que mijavam em cima de macumbas passadas. Sereias silicones urinam purpurina em cima de macumba

mofada. E na esquina do desastre, na encruzilhada nublada Derek viu, em meio à confusão de fumaça, populares, ambulâncias, bombeiros e policiais uma típica figura do trecho chinatown de Copa. Uma garota cingapura, deliciosa gueixa vadia, budista venérea, ninfeta narcótica, analfabeta sensual. Ela usava uma grinalda de canetas derretidas com florezinhas de plástico coladas, grinalda de flores esferográficas. Usava uma miniblusa com foto da Mona Lisa, usava miniblusa Mona Lisa. Usava uma calça de veludo collant e vulcabrás vermelho com cadarço de pelúcia negra. No braço esquerdo múltiplas marcas de vacinas triplas contra a meningite japonesa, dengue coreana, lepra javanesa etc. Nos paredões de tevê simultânea em que se transformaram os edifícios apareceu um documentário sobre a pré-história e nele a imagem de um pterodáctilo sofrendo interferências de uma transmissão de campeonato de natação na Alemanha Oriental. Vôo de pterodáctilo interrompido por vigorosas braçadas de belas nadadoras alemãs. Olhando as centenas de pterodáctilos nas janelas dos edifícios, Derek sentiu por instantes uma tremenda saudade de Johnny Quest e nesse vacilo nostálgico ele foi pego pela garota cingapura. Ela soprou através de uma minizarabatana folheada a ouro uma agulha entorpecente, afrodisíaca agulha. A deliciosa gueixa vadia imediatamente jogou-se para cima do char-

moso superdotado astrofísico e começou a acariciá-lo e a sussurrar um vocabulário estranhíssimo nos seus ouvidos. Essas garotas de Cingapura só falam quando em estado-de-sacanagem-selvagem e das suas bocas chupadoras só saem fragmentos de palavras japonesas sussurradas de maneira fatal. Ninguém escapa. E a budista venérea sussurrava: *Mitsub-me sony, mitsub-me sony. Yamagata sanioshita, sanioshita. Tokioto kitayush. Kitayush. Anatanosey katseny ongakô. Mitsub-me sony, Mitsub-me.* A realidade transformou-se numa imensa pele de mulher macia para Derek – as ruas, os postes, os luminosos, os carros, sanduíches, tudo era pele de mulher macia; toda matéria em estado sólido tinha adquirido uma estranha maciez. Na esquina do desastre centenas de populares atrapalham a ação da polícia, dos bombeiros que tentam apagar os carros incendiados, das enfermeiras, dos médicos, das macas. Óleo na pista, cadáveres decepados, fumaça, engarrafamento, caos. Fugindo na confusão a ninfeta narcótica leva Derek pro seu citroen melancólico. Lá em cima ventos uivantes sopram todos os amantes nos terraços de Copacabana Hong Kong. Derek repara que o citroen não tem o banco de trás e tá lotado de frascos de remédios proibidos no primeiro mundo. Essas meninas são ainda cobaias de violentas gangs hipocondríacas que investem a maior grana em remédios ilegais, aplicam

muito dinheiro nessas verdadeiras Broadways farmacêuticas que são as drogarias de Copacabana. O citroen melancólico passa perto de um ambulatório pornô de propriedade dessas gangs, instalado num ex-caixa automático bradesco. Os ambulatórios imigrantes nordestinos, amazonenses, goianos etc. vitaminados em laboratórios e com uma mistura de antibióticos circulando no sangue curam várias doenças através de seus espermas e menstruações. São os hospedeiros de antídotos.

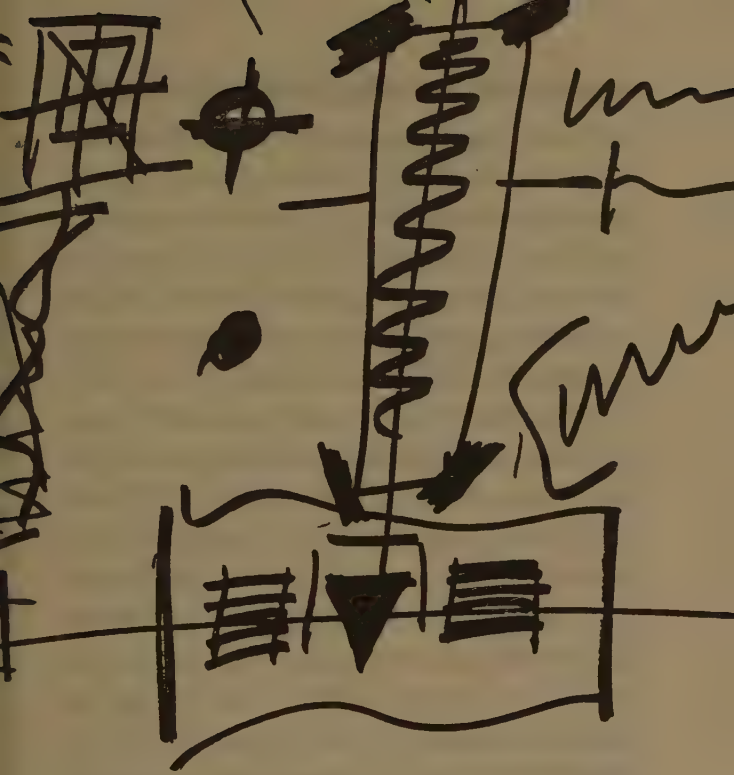
Eles têm vida curta, um ano no máximo, mas com o inchaço das grandes cidades brasileiras miseráveis é que não faltam pra esse trabalho. Mulheres se curam dando uma chupada antibiótica no pau dos homens e os homens se curam recebendo na boca a menstruação curativa das hospedeiras de antídotos. O citroen melancólico passeia por Copacabana Hong Kong. Dentro dele Derek sente ondas de prazer e vê a budista venérea descascar uma maçã-do-amor rascante com uma navalha cor-de-rosa. Consegue dizer pra ela: "Que visual sensual tem sua arma perigosa. Que visual sensual tem tua navalha cor-de-rosa." O citroen entra na Duvivier, vira pra esquerda na Viveiros de Castro e pára na Rodolfo Dantas. A gueixa vadia leva Derek prum edifício ao lado da boate Zoom. Ela mora na parte de cima de um conjugado duplex. De dia esse conjugado é usado como

depósito de taxímetros falsificados por taxi-drivers alucinados. De noite essa parte de baixo é refúgio de taxi-girls pistoleiras que, fugindo de alguma encrenca ou preparando-se pra alguma, se vestem, se lavam, jogam cartas peladas, ou se maqueiam suavemente enrabadas por adolescentes carentes das redondezas. Depósito de taxímetro de noite é depósito de taxi-girl. Belas pistoleiras vingativas e amargas. A ninfeta narcótica joga Derek no chão do andar de cima. O chão é feito de um sinteco estranho, parece um imenso pé-de-moleque envernizado. Derek olha pro teto e toma outro choque visual: um imenso mickey crucificado todo em fibra de vidro transparente serve de lustre pro lugar. Mas a iluminação é precária pois só duas lâmpadas estão acesas, uma na cabeça outra no estômago. Nas paredes laterais dois posters imensos, um mostra um suicídio aéreo: um pára-quedista japonês faz haraquiri em plena queda. Noutro uma espécie de ritual obsceno: uma loura unicórnia e suculenta chupa o pau de um gorila mongolóide com sua bunda bem levantada. Seu cu serve de castiçal pruma vela toda lambuzada de açúcar colorido lambido por pequenas gatas cinzentas. A vela acesa ilumina rostos roubados de revistas e colados em corpos roubados de quadros antigos, e todos os rostos têm uma língua enorme colocada neles lambendo a bunda suculenta e arrebitada da loura unicór-

nia. Derek nunca tinha visto uma bunda candelabra, um cu castiçal. Atrás de tudo ainda havia dezenas de capacetes pendurados. Atrás de Derek uma piscina minúscula com cloro corrosivo descascando miniaturas, sucatas de avião revel. Zarabatanas e navalhas por todo lado. Visual-sensuais, navalhas coloridas. A gueixa vadia tirou a roupa de Derek, tirou a sua roupa. Lambuzou o corpo do superdotado astrofísico com cachaça e vaselina, poderosa anestesia complementar à agulha afrodisíaca. Lambuzou todo o corpo dele. Pegou a navalha cor-de-rosa e encostou nos olhos de Derek, que viu seus olhos refletidos no aço inoxidável da lâmina asiática. Disse devagar pra ela: "Que visual sensual tem tua arma cor-de-rosa, visual-sensual navalha cor-de-rosa." A ninfeta narcótica sentou em cima dele encaixadinha no seu pau, apertando seu corpo com suas coxas de marombeira indonésia. Começou a se mexer, começou a beijar, começou a lamber e a cortar suavemente a superfície da pele de Derek com sua navalha cor-de-rosa. E enquanto cortava, beijava e lambia e mexia, sussurrava pedaços de palavras japonesas no ouvido do astrofísico marginal – *Yamagata sanioshita. Akita nagoya, padatsua nundi tecê. Anatonosey katseny ongakô. Mitsub-me sony, mitsub-me sony.*

Anestesiado, Derek nada sentia, tudo era delícia. A bocetinha veterana da analfabeta sensual parecia multiplicar o gozo de Derek

e assim foi durante horas. Beijar, lamber, cortar, gozar, chupar, cortar, tudo ao som de uma longínqua disco-music. Depois ela passou uísque em cada corte pra cicatrizar, conhaque em cada corte pra cicatrizar. Derek dormiu, e acordou cheio de cicatrizes, cheirando a álcool, num banco do calçadão. Olhou pro mar e viu surfistas noturnos se aquecendo nas traves da praia. O dia vai demorar a chegar por causa de um violento eclipse solar. Lembra do canhão de peças íntimas, pois pouquíssima lingerie flutua na atmosfera do bairro. Repara numa vespa peluda escorregando num tasco de fórmica. Chuta o tasco de fórmica e sai andando. Não resiste à ressaca e à ardência das cicatrizes. Senta na sarjeta do calçadão entre duas kombis cheias de mendigos acumulados, suas bocas tão cheias de espuma de garagem, alimentação básica desses subs. Derek coloca seus pés numa poça de refrigerantes extintos cheia de drops à deriva. Fica olhando aquele dulcora flutuar no crush misturado com tab e gini. Poça de refrigerantes extintos. Derek foi totalmente roubado, está sem a chave de casa, sem a chave do canhão e com uma navalha cor-de-rosa no bolso. Ventos uivantes sopram todos os amantes nos terraços de Copacabana Hong Kong e um astrofísico superdotado anda solitário fazendo a barba com uma navalha visual e sensual. Navalha cor-de-rosa.



VANESSA VON CHRYSLER

No centro de Munique, capital da Baviera, funciona o Instituto Médico Legal Arqueológico, instituição especializada na recomposição e restauração de mortos especiais, cadáveres ilustres muito bem tratados por congelados norte-americanos, gente que trabalhou com Michael Jackson, Howard Hughes, Paul Getty I e Walt Disney – cadáveres muito bem tratados por índios e índias redutores de cabeças recrutados nas quatro selvas amazônicas; nas selvas da Venezuela, nas selvas peruanas, nas selvas da Colômbia, nas selvas brasileiras. De cinco

em cinco anos é realizado um leilão nessa excêntrica instituição e para lá convergem dezenas de historiadores, paleontólogos, museólogos e donos de antiquários do mundo inteiro a fim de comprarem princesas incas reduzidas, gigantescos feiticeiros polinésios empalhados, cabides cheios de arcaicos pigmeus centro-africanos e caixas de música ou andróides revestidos com pele de garota cossaca. Nesse exato instante está se realizando um leilão no Instituto Médico Legal Arqueológico: princesas reduzidas já foram vendidas, feiticeiros empalhados já foram vendidos, bonecos revestidos com pele de garota cossaca já foram vendidos. De repente as luzes se apagam, o teto se abre e uma urna coberta com flocos gelados começa a descer sob forte foco de luz azul na frente do leiloeiro-mor, que diz: "Senhoras e senhores agora a nossa peça mais rara". E todos sussurram, com o programa do leilão na mão, "*Vanessa Von Chrysler*". E o leiloeiro-mor diz: "Esta é Vanessa Von Chrysler, uma autêntica tirolesa em extinção capturada e congelada pelos nazistas em 1940. Descendente direta das primeiras fêmeas alemãs, germanas do começo. Vanessa pertenceu a uma dessas comunidades ortodoxas espalhadas pelo mundo em lugares ermos e ainda não atingidos pelo telejornalismo, pelo turismo de massa, pela ciência de massa. Comunidade de bárbaras visigóticas ortodoxas. Há 48 anos foi conge-

lada pelos nazistas depos de percorrer os porões científicos da SS em regime de pesquisa e treinamento. Depois de percorrer toda a Alemanha foi congelada pelo Reich e abandonada num frigorífico suburbano na cidade de Mannheim. Há vinte anos foi encontrada pelo Instituto Médico Legal Arqueológico que deu continuidade à sua conservação gelada. Imprevisíveis segredos da tecnologia nazista e da barbárie ortodoxa encarnados na mais bela pin-up arqueológica. Quem dá mais por essa tirolesa em extinção?". E os nomes dos deuses germânicos começam a perturbar a mente dos que estão no leilão – *Thor Loki Frigg Odin*... e o leilão começa.

Setenta mil marcos, cem mil marcos, quatrocentos mil marcos, novecentos mil marcos, UM MILHÃO DE MARCOS. "Vendida pro jovem antiquário de Copacabana". Bruno, o jovem antiquário, aproxima-se do leiloeiro-mor que diz: "Escute rapaz, aqui está o manual de instruções para a conservação dessa fêmea preciosa. Mas não a descongele jamais, pois não se sabe o que poderá acontecer com essa garota de alma exilada". Bruno ouviu o conselho mas não ligou muito, tamanha a fascinação com a sua aquisição. Horas depois já está num jatinho Lufthansa, especialmente fretado para levá-lo e a seu tesouro rumo a Copa.

Chegando em Copacabana ele vai direto pros porões do seu antiquário situado num

shopping center da Siqueira Campos. Ajudado por um casal de adolescentes que nunca sai do shopping, ajudado pelos ratos de shopping ele consegue colocar a urna em meio a antigüidades acumuladas. A shopping rat couple vai embora e Bruno fica sozinho contemplando a sua visigótica. Depois de meia hora não agüenta mais, vai se apaixonar, depois de meia hora não agüenta mais, vai descongelar. Coloca um relógio com os mapas digitais da Alemanha Oriental e Ocidental no pulso esquerdo de Vanessa. Pega um dínamo portátil e o aproxima do coração da visigótica, disparando uma violentíssima descarga elétrica. A tirolesa desperta e dá de cara com o mapas da Alemanha Oriental e Ocidental brilhando no seu relógio digital. Bonn Colônia Dortmund Renânia Brandemburgo Stuttgart Leipzig Munich Leipzig Munich Leipzig Munich Dassel Hamburgo Dresden Bavária Westfália.

Vanesa Von Chrysler é descendente direta das primeiras fêmeas germânicas, bárbaras medievais que abalaram o Império Romano. Guerreiras visigóticas que com seus pumas de olhar amarelado, lanças de sabres pontiagudos e espadas maciças aniquilaram milhares de pessoas – centenas de povoados.

Essas primitivas mulheres germânicas costumavam banhar-se no mar Báltico, habitado na sua superfície por enguias pré-históricas / enguias superficiais boiavam outrora

no mar Báltico e as guerreiras visigóticas costumavam domesticá-las, capturá-las a fim de tomar pequenos choques no pulso e no coração / detonando adrenalina com aquáticos volts. Nas noites de tempestade elas boiavam no Báltico, cobertas com as enguias, à espera dos raios. E os raios rebatiam nas enguias, rebatiam nos seus corpos que voltavam pra praia cheios de neblina.

Depois de atacarem o Império, as bárbaras se instalaram no que viria a ser a Áustria, se instalaram nas montanhas do Tirol. Durante séculos raptaram rapazes pra reprodução. Durante séculos se esconderam. Só saíam pra tomar choque coletivo nalguma usina próxima. Tirolesas em extinção / choque coletivo – tirolesa em extinção.

Em 1940 cientistas nazistas foram atrás da lenda tirolesa. Capturaram e mataram várias delas a fim de formar a fêmea swat do Reich / *fêmea swat do Reich* / a fim de que no futuro o Reich sobrevivesse. Os nazistas colocaram pedaços do cérebro de um genial oficial nazista no cérebro de Vanessa e congelaram-na.

A tirolesa visigótica desperta num antiquário e sai porrando, sai porrando autômatos, escudos, armaduras / sai porrando / minicatapultas / sai porrando / raridades bélicas, góticas relíquias, vitrais medievais, cubo de mosaico bizantino / bibelôs art-nouveau, esboços de quadros geniais

Bosch – Michelângelo – Da Vinci – Bo-

ticcelli, quadros geniais, antigüidades gerais, posters de papiro – pirâmide azteca, espadas sarrracenas – relíquias otomanas, artefatos Nairobi – mandarim de porcelana – *lixo maia*.

Chutando antigüidades amontoadas ela deixa o antiquário e se manda por Copacabana, com os mapas da Alemanha Oriental e Ocidental brilhando no seu relógio digital.

Bonn – Colônia...

Bruno acorda do soco desferido por Vanessa e sai do antiquário atrás da sua garota visigótica. Ele é um rapaz fascinado por antigüidades gerais e arquivos informáticos. O script da sua vida revela estágios nos porões da IBM e em catacumbas camufladas por empreendimentos imobiliários. Ele costuma acoplar um complexo microcomputador a uma microtevê fora do ar e sair pela madrugada de Copacabana provocando poltergeists, penetrando no congestionamento de almas penadas que assola o bairro. Costuma sair com seu videogame espírita demarcando a latitude e a longitude dos espíritos. Principalmente dos espíritos medievais. Principalmente do espírito da mais bela cristã – a blonde telepata Santa Clara de Assis que, reza a lenda, vagava penada pelos trópicos desde a Idade Média. Ele perseguiu a telepata medieval com seu atari espírita e conseguiu demarcar a latitude e a longitude atuais dessa alma medieval. Ela costuma flutuar atrás de um biombo-vitral abandonado no almoxari-

fado do apart-hotel Santa Clara, na rua do mesmo nome. Quando está cansado de mexer nos arquivos eletrônicos das épocas estéticas ou de programar computadores aeroespaciais, Bruno vai pra trás de um biombo-vitral no almoxarifado de um apart-hotel ouvir a blonde medieval narrar aventuras cruzadas num italiano perdido. Bruno é a única pessoa que tem um poltergeist de estimação. Alma penada domesticada pela televisão.

Agora o garoto das almas antigas sai atrás da sua garota visigótica seguindo os cristais de gelo que caem do seu corpo. Ele atravessa Copacabana que se transformou num território off-off Sarney, off-off estado carioca, num gueto de capitalismo exacerbado; um território off-off Sarney, off-off estado carioca dividido em sete perímetros urbanos internacionais dominados por poderosas multinacionais, e quatro perímetros urbanos dominados pelas empresas armamentistas brasileiras – perímetro Engesa, Embraer, Impel, Avibrás. Nos cruzamentos dos perímetros todo tipo de comércio multirracial, transnacional. Mistura de gente qualificada e desqualificada. Copacabana transformou-se num pólo industrial experimental com a criação da Unicamp underground, meca de todos os cientistas deserdados, pesquisadores mestiços, especuladores das mutações na espécie humana e na matéria que a cerca. A Unicamp underground fica espalhada por Copacabana,

camuflada pelos mais variados estabelecimentos comerciais: de dia é açougue, de noite é mini-indústria química, de dia é armarinho, de noite é mini-indústria genética, farmacêutica, astrofísica, eletrônica. Bruno atravessa esse superiluminado gueto do capitalismo exacerbado seguindo os cristais de gelo da sua garota tirolesa.

Escapando do antiquário, Vanessa penetra nos subterrâneos do velho shopping center através de um buraco-fresta metálica numa escada rolante paralisada. A tirolesa em extinção atravessa o vapor das galerias oleosas habitadas por profissionais subterrâneos – fiscais da infra-estrutura de Copa. Alguns desses telerjs e cedaes abordam a bela visigótica nazista, fascinados com sua sensualidade over e seu olhar de puma amarelado. Vacilo, porque todos os que procuraram cortejá-la foram porrados com fúria inédita.

Atravessando centenas de galerias camufladas por musgos resultantes da mistura extravagantemente química de baba de ratazana excitada com baba de criança seqüestrada dopada e esquecida nos porões do bairro, Vanessa chega a um gasoduto abandonado.

Atrás do gasoduto abandonado Vanessa tem uma visão desbundante que a faz lembrar das poças de lava nas cavernas do Tirol. Uma imensa cratera acrílica onde desembocam toneladas cúbicas de detritos comerciais liquidificados. Vanessa tem a visão dos esgotos

publicitários. Milhares de produtos anunciados, materiais utilizados em comerciais transformados em papa movediça graças à mistura terrível de ácido corrosivo com iogurte pós-datado.

Vanessa tem a visão dos esgotos publicitários.

A tirolesa fica extasiada com deformados fragmentos de sabonetes, tratores, relógios, armas, torneiras, fibras óticas, cartazes metálicos, material de escritório, material de limpeza, armários modulados, cozinhas planejadas, resina cosmética, tubos e conexões, biscoitos e bujões, brinquedos e câmeras, antibióticos e fiações, melitas, spots, eletrodomésticos, tanta coisa em compota, produtos variados, produtos, produtos, produtos. O êxtase de Vanessa é interrompido por um guarda que diz: "Some daqui, ô nazista. Aqui não é lugar pro teu impulso crematório. Leva tua intuição carnívora, teu tesão predatório pra outro canto".

Vanessa sai fora e entra numa válvula de escape desativada.

A visigótica sobe pela válvula de escape e chega numa superfície estranha, um chão de sinteco manchado parecendo um imenso pé-de-moleque envernizado. A tirolesa chega ao shopping de vodoos, um lugar onde você compra todo tipo de macumba, macumba asiática, macumba americana, macumba oceânica, macumba eurasiana, macumba pa-

namenha, macumba jamaicana, macumba africana, macumba brasileira. A visigótica em extinção sai do bueiro e começa a andar no meio de muita, mas muita gente decadente-agressiva. Ela esbarra nos mais variados náufragos existenciais, brasileiros que fugiram pra Copacabana e vivem clandestinamente nos becos do bairro formando pequenas comunidades nocivas. No shopping de vodoos você encontra o melhor do lixo civil, a nata da escória internacional, marginais industriais encurralados, delinqüentes expulsos do primeiro mundo rumo a Copa, turcos otomanos, espanhóis sarracenos, italianos etruscos, fenícios libaneses, iraquianos assírios, iranianos persas, iugoslavos croatas, polinésios, indonésios, argelinos, africanos, asiáticos em geral. Os filhos desses seres de nacionalidade à deriva pegam colorjet. Rabiscam línguas mortas, alfabetos inventados, gírias do passado, ibérico-otomano-eslavo-sarraceno. Nas paredes públicas de Copacabana eles colorjetam a inscrição milenar: *As antigas civilizações voltarão em forma de gíria* – gíria macedônica, egípcia, assíria, sérvia, croata, gíria babilônia.

Atravessando o andar das possessões muçulmanas, Vanessa vê gente recebendo tranca-rua do Quatar, pomba-gira de Omã e Exus marroquinos, além de auto-arigós tirando e colocando órgãos no corpo a todo instante num espetáculo incrivelmente visceral. Ela

vai andando e vê na frente de um fast-food árabe uma imensa juke-box tocando hits do Alcorão mixados por drusos e xiitas disc-jóqueis. Em frente à imensa juke-box muçulmana mulheres deserdadas dos exércitos de Khomeini transformam seus shadhors em sarongs e dançam disco-music dos Emirados. Vanessa sente saudade das danças de guerra da sua comunidade bárbara e começa a dançar. Mas por pouco tempo. A extinção bate no coração e ela precisa se recarregar. Sai correndo pelo shopping. Pára em frente a uma janela e vê os terraços de Copacabana repletos de telões e painéis luminosos. Muita eletricidade à disposição do seu coração. Ela se manda pra saída, mas esbarra num monte de rapazes e moças que se aglomeram na frente de um camelô turco vendendo drops de Istambul e pastilhas de Ancara. O tumulto é tão grande que um repórter local chega e pergunta pros rapazes e moças: "Aí, jovem de Copacabana, o que que você sente quando chupa as pastilhas de Ancara e os drops de Istambul?"

"Estrelas invadem estrelas e o black-out do universo me persegue/ quando eu olho pros seus olhos vejo logo meteoros/ as cidades são enormes e eu me perco na fumaça/ às vezes me sinto um parasita invertebrado/ face desbotada de Christiane F./ eu olho os outdoors rasgados, os posters misturados, os graffittis manchados/ mastigo morangos em

escadas magirus/ fico num beco qualquer/ numa esquina qualquer/ chupo esse drops/ fico com a mente vagando no meio de tudo/ luzes, nuvens, carros, cabelos, canetas, coxa, brinco, lycra, neon, sinal, jornal, sentindo meu ego dissolvido na matéria em movimento..."

"Aí, jovem de Copacabana, o que mais você tá vendo?". "*Visuais medievais da Turquia Imperial/ navios fumegando lá na costa da Criméia/ garotas otomanas chupam bichas da Albânia/ odaliscas traficando bibelôs de Hamurabi/ bêbadas eslavas nos jardins da Babilônia/ párias de sarong desenhando mosaicos nos punhais de Alexandria/ visuais medievais, Turquia Imperial.*"

Vanessa deixa o shopping de vodoos e vai recarregar o coração num painel jornalístico.

Depois de sete dias e sete noites, Vanessa Von Chrysler transformou-se na mais famosa lenda underground de Copacabana. A visão da visigótica se recarregando nos terraços cheios de painéis eletrônicos, telões comerciais e gráficos financeiros digitais fascinou centenas de pessoas. A visão de seus assassinatos sumários apavorou outras centenas de pessoas. Durante sete dias e sete noites ela arrebentou vitrines alimentícias pra obter comida, desregulou máquinas de refrigerantes e suco pra matar a sede com litros de cada um.

Ficava calma quando ouvia alemão. Fica-

va calma quando trepava furiosamente com dois ou três homens ao mesmo tempo e depois esfregava nos olhos, nos paus e nas bocas deles suásticas cheias de veneno adesivo, ácido corrosivo que reduzia a cinzas olhos, paus e bocas que experimentassem seu corpo. Ficava calma quando olhava objetos antigos, quadros clássicos vendidos no chão do pré-metrô – lembrava de Bruno, o antiquário eletrônico. Ficava calma quando contemplava o esgoto publicitário e se lembrava das cavernas vulcânicas do Tirol. Mas tudo isso não passava de intervalo no seu tormento de alma exilada.

Os nazistas injetaram no seu sangue de bárbara visigótica uma substância terrível, a adrenalina ariana. Quando essa substância chegava na cabeça de Vanessa, ativava sua memória nazista, memória de oficial SS. Seus olhos eram açoitados por alucinações crematórias misturadas com lembranças de histórias bárbaras vividas por suas ancestrais – e tome dor no cérebro, e tome cenas de bombardeios, cenas de bombardeio, muito bombardeio. A adrenalina sugava sua potência cardíaca e ela precisava sempre recarregar seu coração – antigo prazer elétrico em painéis de imagens gigantescas. Até recarregar o coração ela matava, matava e destruía.

A fama da tirolesa em extinção deixou Copacabana sobressaltada, correu mundo e chegou no Instituto Médico Legal Arqueoló-

gico que imediatamente enviou policiais arqueológicos no encalço da visigótica. Chegando em Copacabana, esses policiais pensaram numa maneira de atrair Vanessa. Promoveram um black-out no excesso audiovisual do bairro, apagando todos os neons, telões, luminosos, painéis eletrônicos, estatísticas brilhantes pulsando em gráficos digitais. Só deixaram um telão ligado. O maior telão instalado na parede exterior do edifício-principado Caroline de Mônaco, um gigantesco prédio de duzentos andares com representação no parlamento do bairro e para cuja cobertura foi transferido o Forte de Copacabana. Nesse telão só rolam imagens de desfiles e manequins do mundo inteiro. Essas imagens sofisticadas são interrompidas toda hora pelo rosto da manequim número um Sílvia Pfeifer.

Na noite do black-out todos saíram dos edifícios para ver o bairro apagado – situação inédita. Sentindo uma certa angústia sensorial provocada pela ausência dos neons, dos luminosos telejornais, dos painéis de propaganda, os habitantes do gueto enchem as ruas dos perímetros internacionais, dos perímetros armamentistas, as ruas das quatro penínsulas construídas mar adentro pra aliviar a população de oitocentos mil habitantes. De todos os cantos de Copacabana as pessoas procuraram concentrar o olhar no imenso telão de cem metros de altura por oitenta de largura onde

onze mil linhas definem eletronicamente o rosto da manequim número um Sílvia Pfeifer.

Angústia sensorial. De tanto ver o mundo ser transformado em imagem, de tanto ver a vida ser transformada em show de realidade patrocinada, os habitantes do gueto capitalista já não sabem o que é e o que não é real. Não sabem se seus sentimentos são seus mesmo ou se são ficção de personalidade. Bombardeados pelo delírio das ficções comerciais e não comerciais, eles vivem envolvidos com mundos que só existem no desejo. Na cabeça deles, pra cada beijo e facada existe uma coisa pesquisada e o mais vagabundo ferro de passar tem a ver com uma pesquisa militar. Pra eles o invisível já é tão vulgar, o transcendental já é algo tão banal pelo excesso de fotos e filmes científicos sobre o invisível. E quando o invisível é uma coisa vulgar, o transcendental é algo tão banal, que emoção espiritual resta ao habitante de um super gueto capitalista? A fascinação, a fascinação por imagens cada vez mais artificiais, sufocantemente artificiais. Imagens que os façam pensar em mundos não-humanos, universos paralelos. E quem são as heroínas dessa fascinação espiritual? As manequins das revistas de moda mais sofisticadas. Mulheres de fisionomia etérea. Incorpóreas ladies. Mestras da sedução calculada. Tentando aplacar a angústia sensorial com o máximo de fascinação, os habi-

tante do gueto capitalista concentram seu olhar no rosto da manequim número um.

Mundos não-humanos
Universos paralelos
Fascinação espiritual
Mundos que só existem no desejo
Silvia Pfeifer.

Seguindo os cristais de gelo da tirolesa, Bruno encontra Vanessa caída – é a extinção. Com a última carga do dínamo portátil ele reanima o coração da visigótica e os dois vão atrás de mais eletricidade no perímetro germânico.

Vanessa precisa recarregar o coração e os dois vão na direção do gigantesco e complexo edifício dos complexos industriais alemães, instalado em Copacabana. Em ritmo de fuga os dois atravessam centenas de quadras de futebol conhecidas como os campos de Vogts, em homenagem ao famoso lateral direito da seleção alemã. Cada quadra tem o nome de um jogador da seleção alemã da década de setenta. De dia servem pras peladas dos executivos mais atléticos, mas à noite são freqüentados por todo tipo de gente. E o que acontece na quadra número onze? Rummenigge – um homem coloca um ventilador no centro da quadra e começa a jogar lesmas no ar. Um homem joga lesmas numa ventania fabricada. E o que acontece na quadra número seis? Breitner – coveiros dadaístas enterram sacos de veludo cheios de vitrais despe-

daçados. E o que acontece na quadra número oito? Overath – uma patinadora campeã mundial circula pela quadra com um projetor de slides portátil cheio de slides de automóveis desmontados. Porsches, Volkswagens e Mercedes desmontados piscam no chão da quadra Overath. E o que acontece na quadra número quatro? Beckenbauer – xifópagas tesudas são enrabadas por duplas de pastores evangélicos que bradam aos céus trechos da Bíblia de trás pra frente. E o que acontece na quadra número um? Schumacher – meninas usam controle remoto pra guiar lanternas voadoras. Vagalumes eletrônicos voam baixo no ar do perímetro germânico.

Quando Bruno e Vanessa cruzam a última quadra são envolvidos por uma rajada de balas. São as polícias germânicas e arqueológicas chegando. A perseguição vai começar. Os dois fogem pro interior do gigantesco e complexo edifício dos complexos industriais alemães. Atravessam o hall e entram num dos quarenta elevadores dispostos em círculo. Dentro do elevador uma televisão mostra ininterruptas imagens da tenista número um do mundo, Steffi Graf. O elevador chega ao último andar, onde está instalada a fábrica de letreiros luminosos com os nomes das principais empresas germânicas. Os policiais chegam atirando e gritando o nome de Vanessa, irritando a visigótica Vanessa Von Chrysler. Os nomes dos deuses germânicos voltam a

atormentar a mente de Bruno – Tolkien deusa Balder Thor Loki Frigg Odin. Eles chegam na linha de montagem da palavra telefunken.

Dentro da linha de montagem da palavra telefunken – a adrenalina ariana começa a agulhar a memória da visigótica nazista, e o que Vanessa vê no luminoso telefunken baleado? Espadas pesadas, perfumadas com suor de putinha celta, perfuram javalis peludos.

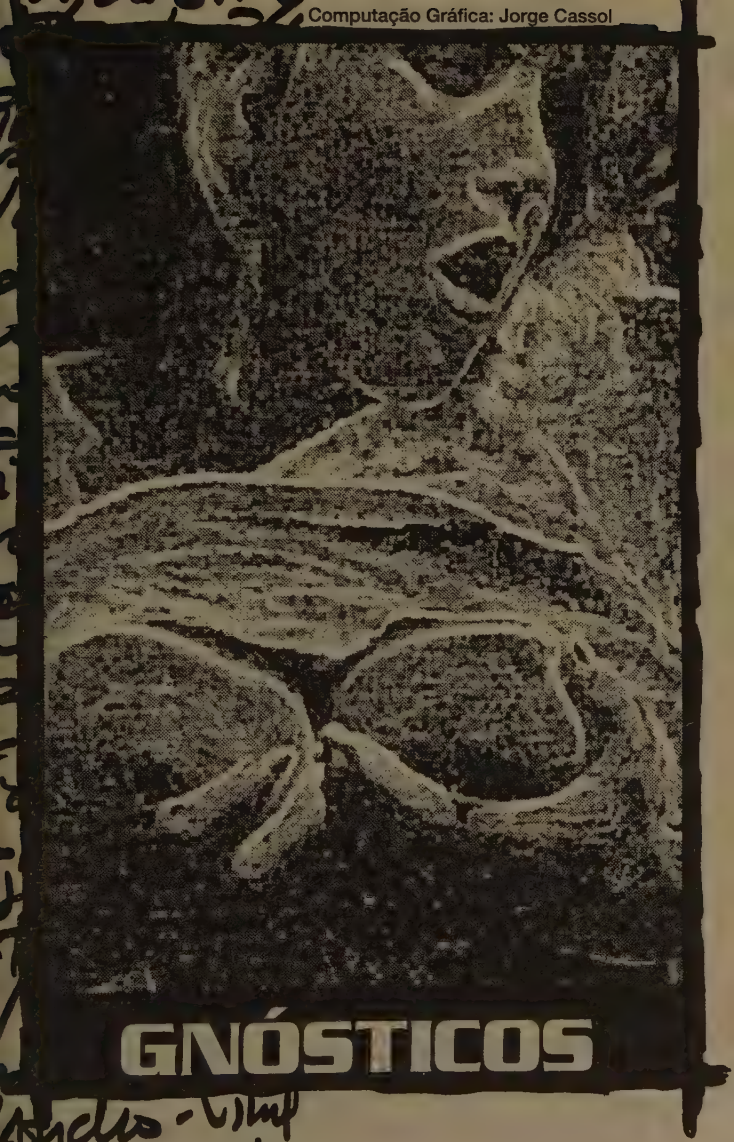
Dentro da linha de montagem da palavra basf – a adrenalina ariana vai agulhando a memória da visigótica nazista, e o que Von Chrysler vê no luminoso basf baleado? Em meio ao bombardeio da cidade de Dresden, bocas de velhinhas chamuscadas ficam abertas, cheias de cinza líquida servindo de escura poça divertida pra moscas esverdeadas. Dentro da linha de montagem da palavra bayer – a adrenalina ariana vai agulhando a memória da visigótica nazista, e o que Vanessa vê no luminoso bayer baleado? Onças de maleta devorando estômagos de bispos e cardeais medievais.

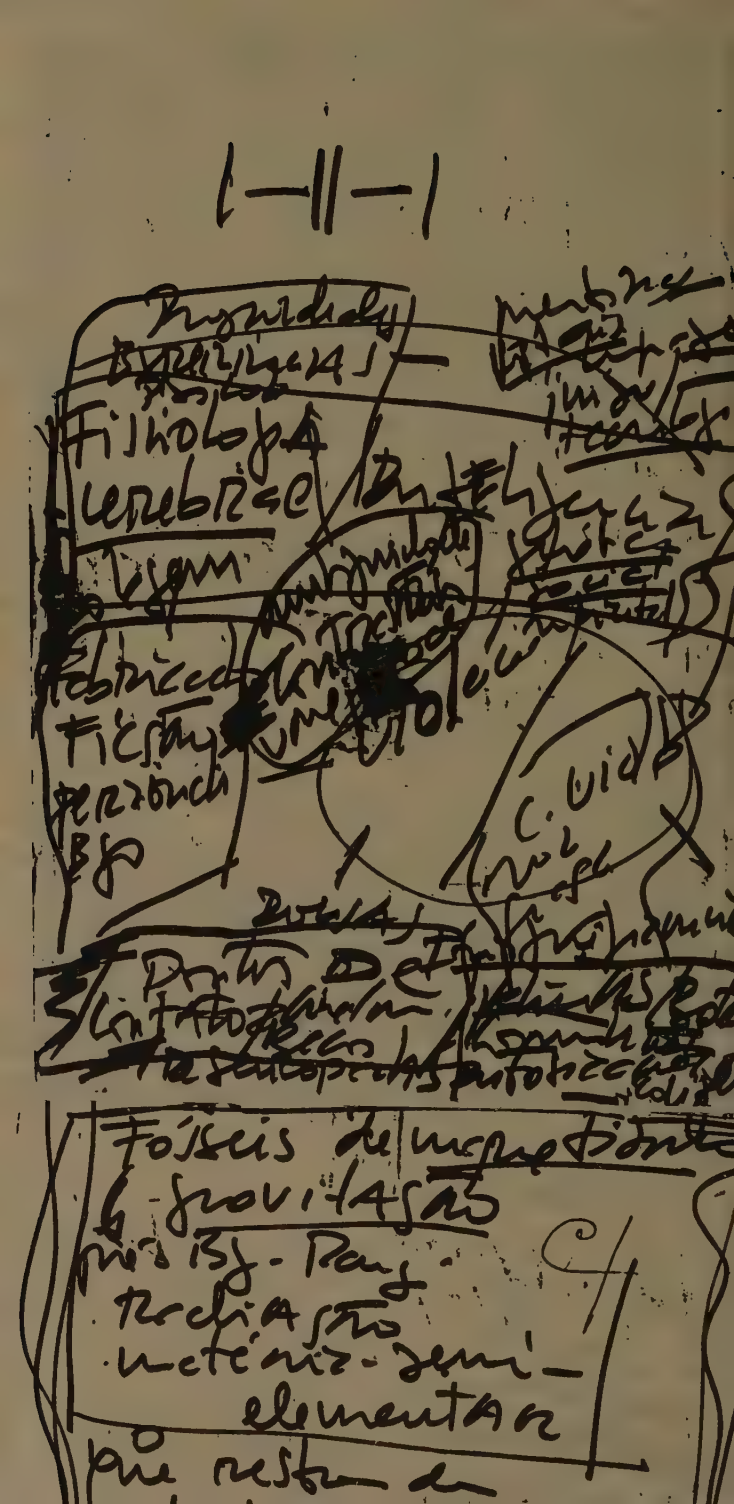
Dentro da linha de montagem da palavra hoechst – a adrenalina ariana vai agulhando a memória da visigótica nazista, e o que Von Chrysler vê no luminoso hoechst baleado? Oficiais SS jogando bola de gude com bagos de aliados castrados.

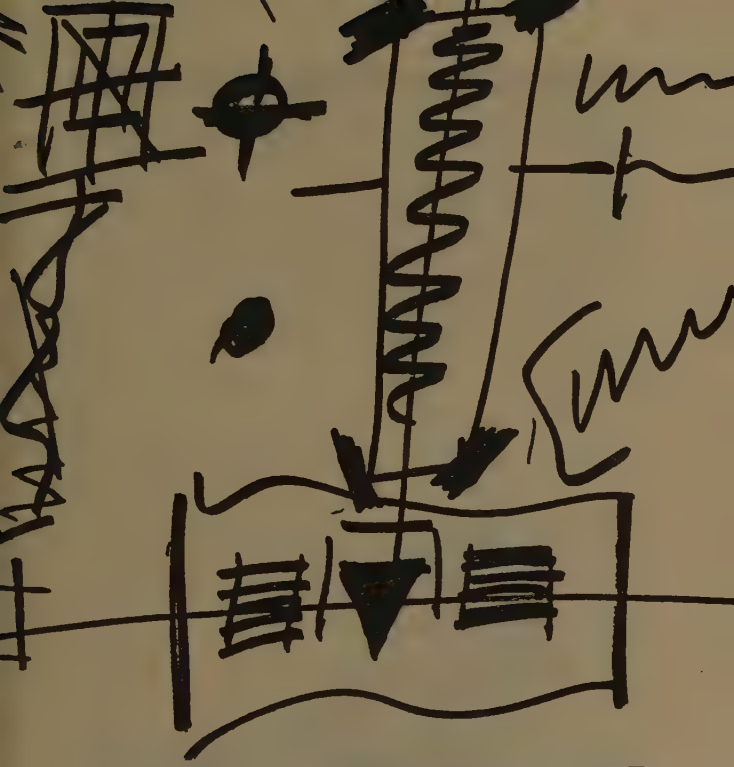
Bruno e Vanessa deixam o luminoso hoechst e fogem pro quilométrico terraço do

edifício. Os dois ficam olhando a madrugada no supergueto do capitalismo do exacerbado. Mas esse momento é interrompido pelo vôo estacionário de helicópteros Boeing Vertol e Blackhawk. A adrenalina ariana tá no auge e Vanessa sente vontade de matar Bruno, que sente vontade de matar Vanessa. A adrenalina ariana de nada adianta frente aos helicópteros muito bem armados. Os dois esquecem o ódio num impulso de fuga e começam a descer por um luminoso mercedes-benz. No centro do emblema a luminosidade é tanta que se pode visualizar o sangue correndo nas veias. E que tipo de helicóptero encurrala os dois? Um Blackhawk. Por segundos os dois se olham encurralados pela ventania Blackhawk. O garoto das almas antigas e a tirolesa em extinção. Um segura a mão do outro e são cravados no luminoso mercedes por rajadas vindas do helicóptero. O casal começa a virar cinzas num curto-circuito idílico, enquanto uma menininha tranqüila apanha lá embaixo o relógio de Vanessa que caiu intacto no perímetro germânico. E o que a menininha vê no relógio de Vanessa? Mapas da Alemanha Oriental e Ocidental brilhando... Bonn Colônia Dortmund Renânia Brandenburgo.

Computação Gráfica: Jorge Cassol







VALDEMIR E CHACININHA

3 h da manhã. Sombra de aguardente na pupila direita queima nervuras de filamentos óticos de um baiano com pinta de fodido terminal, mentalmente afetado por um platinado de fuscão meia nove. Sombra de aguardente na pupila esquerda queima nervuras de filamentos sensoriais de um baiano amalucado que, trajando camisa social com mangas arrancadas em tom abóbora-cheguei, bermuda tergal e mocassim marrom esfiapado, começa a circundar um carro onde um casal se prepara pra foder. Imediações de Campo Grande. Noite alta.

Valdemir, o baiano, tá carregando uma bolsa a tiracolo com pedaços de estátuas de Exu, garrafas de aguardente e cola superbonder. Quando o casal já tá completamente nu e excitado e na chupação dentro do carro Val-

Marcus Wagner

Eu sou o lampião de todos os Exus, e vou purgar esse falso mundo com linchamentos alcoólicos.

demir dá uma garrafada na cabeça de um e outro. Os dois desmaiam ensangüentados. 3h:12m. O baiano tira da bolsa um chifre cheio de pólvora e coloca na bunda do rapaz, enfiado no cu mesmo. Depois coloca uma bundinha de estátua de Exu na testa ensangüentada da menina. Antes de tudo passou cola no pau do rapaz e enfiou na boceta molhada da garota. Acende o pavio do chifre e da bunda e sai correndo até chegar num terreno baldio afastado, onde começa a bater uma punheta com o relógio da menina. Depois de gozar avista outro casal-carro estacionando pro amor. 3h:28m. Corrida de submarinos nos arredores de um terreno baldio em Campo Grande. Aproxima-se do carro. Mesma cena só que dessa vez o casal ouviu a explosão dos pedaços de Exu cheios de pólvora nos corpos dos namorados colados e besuntados com aguardente. No que levantaram a cabeça no interior do Gol tomaram garrafada e desmaiaram. O pau do cara foi colado na boca da menina, o baiano tresloucado enfiou um pé de Exu na espinha do rapaz e um chifre na coxa da menina. Colados cheios de sangue e aguardente. Desmaiados serão acordados em dor de explosão pela pólvora no interior dos pedaços de Exu. Valdemir sai correndo, mas um carro chega na hora. Ele joga uma garrafa no vidro do carro, que estilhaça, e se manda. Mais dois amantes explodem. 3h:40m.

5h. A polícia chega e Valdemir já vai longe.

Policiais conversam sobre o que vem acontecendo há duas semanas nas noites suburbanas cariocas.

Casais namorando em carros ou em lugares escuros e ermos ou pessoas desacompanhadas sendo encontradas cheias de sangue, cachaça (ou qualquer outra bebida forte) e buracos feitos por explosões de pedaços de estátuas recheadas com pólvora. Doze já foram encontrados. Policiais e peritos investigam o terreno baldio em Campo Grande. Conversam com o casal que quase viu Valdemir mas teve o vidro do carro estilhaçado. Mas o delegado e o perito chegam à óbvia conclusão de que só poderia ser alguém ligado à única casa de equipamentos macumbosos eletro-automáticos – A Encruzilhada Giratória.

5h:35m. Duas viaturas se dirigem para a residência do dono das lojas de estátuas e mecanismos automáticos de entidades da alegria sinistra, entidades anfíbias e ambíguas voltadas pro universo paradoxal da criação e destruição simultâneas de vida assim moto-contínuo de morte e fecundação e...

6h:12m. Batem na porta e o sonolento dono da casa (casa mesmo, nalgum ponto alto da Penha Circular) atende meio assustado.

– Polícia! – diz o delegado encorpadão de terno, ex-lateral direito de vários times, per-

nas arqueadas. São convidados a entrar e a tomar um café.

Tomando um cafezinho feito às pressas o delegado senta-se, acompanhado de dois policiais, num sofá na sala da casa do dono de loja de Exu sofisticado.

6h:17m. Os dois conversam.

Sete da manhã.

Delegado – Quem é esse cara que tá aprontando geral com as tuas estátuas?

Empresário Macumboso – Não sei! Vi o cara na rua consertando maravilhosamente uma estátua que um empregado meu tinha jogado fora dizendo que não dava mais pra aproveitar. O cara pegou uma gilete, um abridor de lata, sei lá e, no maior talento, improvisou ferramentas e conseguiu dar um jeito mais ou menos na estátua. Achei que o cara ia dar coisa boa. Peguei na rua. Tava cheio de fome, algumas perebas, cabeludão, barbudo, fedendo a cana direto. Falava pouco. Dei um trato no cara em termos de alimentação e moradia e salário. Minha mulher tem uma pensão perto daqui e liberou um quarto pro Valdemir, esse o nome da figura. Caladão. Pouca fala, pouco papo, brilho fixo no olhar. Ah, sim, falava dormindo. Dormia depois do almoço e desandava a dizer umas coisas que eu não entendia mesmo. Coisas assim religiosas mas cheias de sacanagem e palavrões, e também era de sexo, vivia de tesão, pau duro até doer. Duas gatinhas assim tipo gatinhas

de forró, biscate, depois de uma noite de foda – ménage uma, duas, três e quatro, tiveram que levar o Valdemir pro pronto socorro; o negócio não amolecia de jeito nenhum e o cara começou a sentir dor e tal. Priapismo crônico, disseram os médicos. Injetaram alguma desalavanca nele e tudo bem. Mas realmente...

Delegado – Realmente o quê?

E.M. – Depois de foder com as gatinhas forró ele sempre explodia algum pedaço de estátua. Foi uma delas que me contou, assim chamuscada de raspão pela explosão de uma delas, desses tótens. Bem, tive que mandar Valdemir embora porque tava ficando bichado da mente ou piorou de algo que já tava dentro consumindo o coitado. (Valdemir deu azar um dia. Passeava numa rua qualquer. Passou perto de um fuscão meia nove que estava sendo consertado quando o motor do fuscão explodiu e o platinado voou na nuca de Valdemir que apagou e só acordou num hospital. Nada de grave aconteceu com a, digamos, estrutura cerebral do rapaz, só que, como uma bala perdida, o platinado ficou alojado dentro da nuca do baiano sem poder ser retirado. Passou uns dias meio abobalhado, perdeu alguns reflexos, mas nada de grave, daria para trabalhar). Ele sofreu um acidente, ficou meio abobalhado e tal. Mandei o cara embora com uma indenização, mas ele não se conformou. Quebrou muita coisa aqui,

como todo maluco ele é forte pra caralho. Quebrou e levou muita estátua e bebidas de entidade sai-de-baixo.

Delegado – O nome dele é?

E.M. – Valdemir.

– Obrigado – diz o delegado e se manda junto com os agentes.

O empresário ronca no sofá. 7h:01m.

11:00h. Enquanto isso, lá pelas bandas da zona oeste uma neguinha oxigenada de nome Helenídia Gorette chupa as pirocas dos chefões de um grupo de extermínio categoria

Valdemir, com platinado alojado na nuca.

júnior nas imediações de um desovódromo cheio de ruínas comlurbs fumegando. Vento bate na fumaça-lixo e cobre de neblina branca ossadas e carcaças com marcas de calibres e nylon e cortes e urubus entediados se roçando pra nada, e furos nos corpos e...

O grupo de extermínio é constituído por filhos de marginais fugitivos, pistoleiros nordestinos ou cariocas ou paulistas, herdeiros da vocação de brutalidade fria, desconcertante prazer de matar, e também filhos de policiais desvirtuados, expulsos de corporações e instituições policiais. Gente forjadora de firmas de segurança clandestina. Policiais com processo, desertores da condição civil, pistoleiros, facínoras por vocação, mas cheios de compaixão para disfarçar. Filhos dessa turma compõem o Imperador Balaço, grupo de extermínio categoria júnior. Possuem um harém com vinte meninas sustentadas por eles, mas que também vivem por um fio. Dependendo do humor dos garotos exterminadores elas dançam legal no maior esquema, alteza temperamental e irascível. Todos apelidaram-se com alcunhas de figuras romanas chegadas a uma demência ou carismática e perversa existência, daí que tinha Calígula de Meriti, Nero de Caxias, César da Baixada, Messalino, Claudius Méier, Bangu Brutus etc... Todo ano escolhem uma mascote, uma espécie de miss que recebe todas as regalias e mordomias e batismos antes e depois de ingressar

na escravidão libertadora do harém, de onde só saem pra concursos, bailes de carnaval, alguns programas de tv, alguns programas com clientes ricos pra engordar o erário do grupo. Imperador Balaço. Os garotos são obrigados a manter uma ficha de assistência social em dia, mantendo com grana dos seus serviços alguma instituição caridosa ou alguma creche ou financiando reformas e ajuda alimentar e habitacional e médica e de saneamento básico nalguma comunidade assim carente pra cacete. Toma lá dá cá acendendo vela pra compulsão e pra compaixão.

Cada ano eles têm uma mascote do extermínio que recebe o título de Chacininha. Gorette é a chacininha noventa e um e tem que dar pros dez imperadores todos os dias quando eles quiserem, da forma que quiserem. Acompanha os júniores nas suas missões de matança e tira fotos com o uniforme oficial das chacininhas: um colete de fimose feito com pelinha de pica de cadáver arrumado em lixo cirúrgico ou nas matanças ou... Ela tira fotos como Tarzã fêmea pisando nos cadáveres para a posteridade. Meninas recolhidas na miséria, na carência, pra caírem num estranho atalho pra algum sucesso na vida, tentativa de ser alguém começando por ser a miss do submundo do extermínio, a miss Chacininha. Com vinte anos elas ganham passe livre e podem desfrutar de todos os contratos televisivos e por assim dizer de

mídia de agências e fazer o que quiserem com uma espécie de fundo de garantia por tempo de serviço, uma caixinha das chacininhas mantida pelos Imperadores Balaços. O casarão dos imperadores está situado nalgum ponto de Santa Cruz e é uma obra prima da decoração de exteriores, pois é todo revestido com armas fundidas num emaranhado de gatilhos e canos e um terraço com chão de fórmica zebrada e estátuas dos imperadores romanos e deles, Bangu Brutus, Nero Caxias etc., forjadas em chumbo grosso de munição extraviada. Todos os recintos decorados com papel de parede furtacor e aparelhagens de som quatorze-em-um e tvs de rodapé ou telões de teto, colunas de aquários com tvs flutuando e nas tvs as orgias dos imperadores misturadas às captações de três parabólicas nas cores violeta, vermelho e lilás. Por todos os aposentos, imitações de Roma retiradas de enciclopédias vagabundas ou orientadas por algum historiador da arte especialista em casas, seqüestrado e pago regiamente só pra dar as dicas na decoração e ornamentação da mansão dos meninos.

12:00m. Num salão de espelhos absolutos, quer dizer, chão, teto, paredes, tudo, Chacininha chupa a décima piroca pela segunda vez, segunda seqüência de chupação dos dez membros adolescentes fissurados. Boca de dezessete. Depois da espermada engolida, Gorette começa o último de vários atos de

foda que acabaram por deixá-la totalmente doída e rasgada e surrada de amor batismal. Chacininha tá saciada (sempre teve uma sexualidade totalmente sumária e escrachada, estuprada por pai, clichê absoluto das compulsões desencapadas por indigência social, ignorância fatalista que facilita tudo em termos de rapina criminosa presente em todos nós), saciada e doida.

12:15m. Senta dentro de um trailer de cachorro quente transformado em cápsula de videogame e fica assim cercada de mouses e comandos e controles, toda nua e fodida sexualmente, esperando e descansando, esperando o quê? A já tradicional operação de xota, reconstituição de xota, cu, seios e boca normal no harém dos exterminadores, que são completamente abrutalhados em termos de sexo. Em virtude dessa característica libidinosa violenta eles mantêm um convênio com uma espécie de avon pornô que faz um serviço de plástica recuperação-restauração nos corpos das meninas com sucata biológica, clínica cirúrgica, transplantosa etc... Fazem parte dessa avon pornô funcionários de Institutos Médicos Legais humanos e veterinários, ginecologistas, auxiliares de necrópsia, siliconeiros, atravessadores de anabolizantes experimentais, massagistas sexuais, anestesistas de última geração, costureiros cirúrgicos e membros de uma tal swat espírita da mácula sexual, um bando de excêntricos

pesquisadores do quinto estado da matéria, o ectoplasma. Especializaram-se em estupros, em eliminar com seus passes e manipulações energéticas de superfície aural o mal-estar da violência sexual, transformando-a em sensação de bem-estar. A swat espírita da mácula sexual é formada, cá entre nós, por estupradores e estupradoras compulsivos que, por drama de consciência e interesse financeiro e de plenitude ginecológica, que é êxtase máximo de suas taras, transformaram-se em ambíguos cavaleiros da cura sexual. As bocetas das chacininhas são restauradas de acordo com a escolha delas, dependendo, é claro, do grau de adaptação do material escolhido, devidamente avaliado pelos membros da avon pornô.

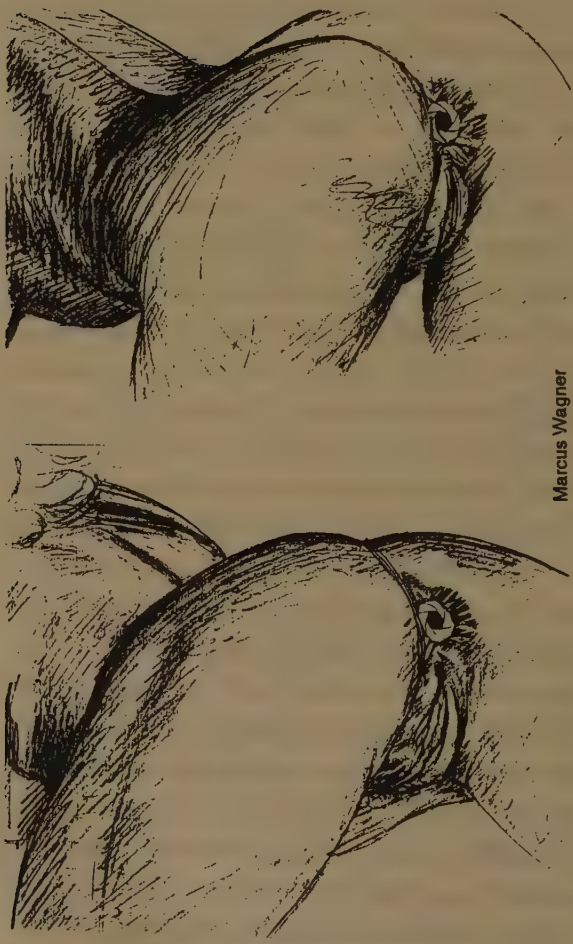
Às vezes são pequenos e grandes lábios feitos com camadas mucosas de gigantescos moluscos abissais ou camadas duplas de lábios marsupiais de lobas-da-tasmânia ou ainda novidades em termos de reciclagem de material ginecológico necrosado ou congelado ou de mulheres frígidas ou doadoras de qualquer naipe. Os cus são invariavelmente substituídos por diafragmas de máquinas fotográficas especialmente revestidos com pele humana. Apresentam uma versatilidade absurda em termos de desempenho anal, principalmente se levarmos em conta que é instalado no reto da Chacininha um dispositivo elétrico de excitação dolorida imediatamente

acionado pela penetração de uma pica. É só colocar supositoriamente antes de dar. Os peitos recebem inovadoras próteses de silicone ou simplesmente revestimentos de pvc canalizado, a boca é restaurada com alcatra esculpida e inflada em forma de lábios carnudos ou recebe camada de lábios de outrem.

12:30m. Chacininha sente dores e sente gozo dentro do tal trailer de videogame. É chamada pra operação de reconstrução. Mesa de operação, Gorette esticada numa mesa espelhada, assim garota, amarrada nos pulsos, pés e tornozelos. Quatro avons pornôs entram na sala usando avental de plástico, máscaras de meia com buracos na boca e nos olhos e narinas, instrumentos cirúrgicos normais e improvisados. Cola cirúrgica, canivetes clínicos, bisturis de design obsceno, motores de dentista adaptados pra modulação das novas carnes nos corpos das pacientes. Baldes e bacias e bolsas com as novas carnes.

12h:37m. Chacininha é operada, anestesias localizadas. Diafragma no cu remontado, plastificação de seios e detalhamento açougue nos lábios, xota de loba marsupial substituindo os lábios vaginais de uma garota de programa egípcia da década de trinta, congelada num frigorífico policial americano. Vibradores testam os furos sexuais e batons a resistência dos novos lábios. 12h:42m. A mesa é virada de cabeça pra baixo e Chacininha, depois de desatada, cai num tonel com

líquido cicatrizante pós-operatório. É içada pelos espíritas da mácula sexual, recebe os passes na xota, no cu, na boca e nos peitos. O trabalho só pára quando ela é penetrada, beijada e sarrada, e ao invés de esboçar reação



Marcus Wagner

Empinando o seu cu-diafragma máquina yashica.

de nojo ou trauma ou desespero apresenta um sorriso de prazer cativante. Três horas depois Gorette já está pronta pra acompanhar seus imperadores em programas de televisão, apresentar-se em concursos, posar nas matanças. Só que a inquieta Gorette já tá a fim de se mandar. Não quer esperar os vinte anos pra receber o salvo-conduto dos Balaços; quer ir à luta do seu lance de manequim ou qualquer coisa artística. Mas sabe o que acontece com quem se rebela: vira sofá humano ou pior, pele de gostosona, tapete de chacininha que nem aqueles tapetes com pele de onça ou de urso ou de leão, o corpo esticado, as patas e a cabeça assim virada pra cima, empalhadinha. É isso o que acontece com as rebeldes e o palacete dos imperadores tá cheio desses tapetes alertando as meninas. Também tem imperador traidor transformado em pele de cinzeiro ou de interruptor... Ela bem que gosta das fodas abruptas e orgiásticas, da salvação da lavoura da sua vida que é estar ali livre da miséria, mas ela quer é mais em termos de manecagem e de se dar bem e viajar, e quer pra ontem, mais três anos vai ser foda... Resolve se mandar aproveitando o cansaço e a comemoração de mais um extermínio encomendado por comerciantes de uma certa área. Vários menores e maiores são acusados de estar fazendo a maior arruaça numa certa zona comercial da zona norte.

16h:14m. Lá foram os imperadores pra

cima dos caras. 16h:56m. Pegam os arruaceiros no esconderijo deles numa revendedora abandonada de refrigerantes e levam as figuras prum terreno baldio perto do aeroporto internacional.

17h:22m. Tascaram cimento colorido numa betoneira que os acompanhava.

17h:25m. Enchem a cara das vítimas com vinho tinto acionando bombas de sucção acopladas às bocas dos elementos condenados. Acionam essas bombas com pedais e o vinho vai bacana por tubos transparentes pra boca dos fodidos.

17h:37m. Jogados bêbados dentro da betoneira, são chacoalhados como ameixas marginais a serem colocadas num drink petrificado e cuspido como rocha moldada em cadáver.

17h:43m. Chacininha posa para fotos ao lado dos quatro mortos arrumados como um stonehenge sinistro. Pedras de cimento com adolescentes marginais enterrados vivos. Maiô de fimoses. Cabelo louro falso quase abóbora platinada, astral calendário insofismável. Sol sobre a chacina. Chacininha.

18h:30m. Chegando de volta ao refúgio, Gorette resolve levar seu plano de fuga adiante. É liberada pra passear nos domínios do palacete com sua perua Vemag envenenada.

18h:38m. Pega várias armas do exército desviadas, pega ampolas de injeção antibiótica necessárias pro seu corpo castigado, uma

lista telefônica cheia de recortes de revistas e jornais e polaroids e fotos dela e das meninas normal e transando com os imperadores e clientes e cartas para um príncipe demente que ela inventou e o amava e ela sempre leu essa lista telefônica cheia de palavras e fotos coladas quase a esmo, cheia de cartas suas pro príncipe demente da moto chinesa, que ela adora filmes de artes marciais, e Gorette, como último preparativo, enfia no cu-diafragma um supositório de visões, um solvente anal lisérgico que um executivo suspeito hindu lhe deu num desses bailes qualquer nota privê, submundo vip dos negócios, impossível de ser noticiado em qualquer lugar.

18h:42m. Chacininha detona rambosamente o palacete do Imperador Balaço matando dois deles e atraindo pra fora da casa as meninas e os outros já em estado de rútilo tiroteio. Seguranças fuzilados, portão de saída idem. Chacininha se manda rumo aos seus sonhos de maneca e etc.

18h:46m. Os imperadores restantes saem atrás dela, que não sabe da existência de um localizador injetado na bunda, uma placa de atração hertziana no rabo da Chacininha, que permite aos exterminadores localizarem-na facilmente.

19h:15m. Valdemir está escondido nas tubulações de uma instalação desativada da companhia de gás. Instalação desativada, defeituosa em Del Castilho. Escondido com seu

arsenal de garrafas de pinga roubadas de tendinhas, botequins, biroscas e quiosques espalhados pela Leopoldina, zona norte, zona oeste, Baixada etc... 19h:26m. Começo de noite. Valdemir sonha com igrejas amolecidas cheias de línguas cavalgadas por garotas avermelhadas com chifres parabólicos na base da espinha e antenas peridurais captando ondas de sexual energia, e sonha com ir à luta contra edifícios cavalgados por nadadoras olímpicas. Delírio-pesadelo-sonho de luta

Chacininha, a musa do extermínio, posando durante uma operação de eliminação.

entre arquiteturas cavalgadas por amazonas-valquírias acopladas a instrumentos de captação frenética ativando o centro de energia abaixo da espinha e... 20h:00m. Valdemir acorda e sente, pensa que tá na hora de enviar mais pessoas pro reino do álcool etéreo habitado por gente purificada em linchamentos gnósticos. Levanta, pega seu arsenal e vai na direção de Madureira.

20h:25m. Sombra de aguardente na pupila direita queima nervuras de filamentos de um baiano com pinta terminal. Platinado de fuscão meia nove. A sombra de aguardente na pupila é a sombra de Antonio Conselheiro, a sombra de Charles Manson, Jim Jones, Nero, Gengis Khan, Hitler... que sempre aparece quando alguém de forma colapsa e messiânica entra em desacordo com a matéria da realidade e passa a vê-la carismaticamente como uma decadência boçalizante cheia de culpados e atrofiados. Decadência boçalizante onde os sentimentos, os pensamentos, as sensações são venenos de corrupção hipnótica impregnando os corpos das pessoas que precisam ser avisadas e purgadas de forma drástica. No Brasil, país-purgatório, esse tipo de alucinado é mato de lixo civil. 20h:44m. Relâmpagos iluminam Madureira. Na linha férrea, trecho fora de rota dos comboios, um casal de adolescentes conhecidos-enamorados em cursinho de inglês, esse casal se diverte sexualmente assim aos beijos e abraços

e sarros sob luz de céu estroboscópico. A garota toda jeans (só jaqueta sem nada por baixo, e calça – calcinha preta de algodão meio puído) a garota abre a jaqueta e deixa o

Chacininha escapa do imperador Balaço.

garoto lamber assim chupar em frêmito os seus peitinhos enquanto ela acha atrás da sua cabeça no acostamento dos trilhos uma luneta velha e dentro dela, na perspectiva do olhar, galáxias improvisadas com bola de gude moída. Vai ficando excitada e rindo um pouco e viajando de amor olhando pras estrelas fictícias da luneta quebrada vagabunda. 20h:59m. Valdemir chega com tudo: garrafadas gerais e chifre no estômago do garoto, dedo pontiagudo nas bochechas da garota, rabo de Exu no pescoço dela, garrafadas. 20h:00m. Valdemir acende os pavios com os copos se debatendo. Relâmpados ininterruptos. Ele pega a luneta, olha as estrelas de gude moído, coloca de novo na mão da garota e se manda. 21h:11m. O casal explode e Valdemir já vai longe. Relâmpagos sobre Madureira. Sombra de aguardente purgatória feita com uma sucuri sufocada. Valdemir o baiano ataca casais em flor de foda pra pegar o sumo-kirlie das carnes se amando em pegação de sacanagem. Separar o efeito kirlie vermelho-azul que vaza dos amantes e enviá-lo através do vento e da atmosfera para outros casais que treparão inspirados pela vibração da aguardente purgatória explodida nas peles amantes, nos corpos amantes. Do amor desses casais receptores do kirlie purgado nascerão outros seres renascidos da matéria brasileira degradada. 21h:14m.

22h:30m. Chacininha com sutiã japonês

musical tocando Daniela Mercury, Snap, Madonna, Grupo Raça, Xuxa etc. se manda pelas ruas suburbanas e tome Del Castilho, Coelho Neto, Honório Gurgel, Parada de Lucas. Anda em círculos, desvia de tudo, acelerando. Os júniores do extermínio atrás da sua mascote. Pra piorar a situação raivosa vão atirando a esmo em qualquer um, só pra descarregar, e Chacininha vai atirando em todos os sinais e guardas e o couro come na sua perseguição.

Shortinho vermelho de criança com barquinho, sutiã musical tocando Rosana, colete de franjas e bota vermelha cano longo de caubói sepetiba. Mulatinha oxigenada se manda enquanto uma chuva violenta começa a cair.

21h:34m. Valdemir vai na direção da quinta da Boa Vista pra continuar sua missão. Na cabeça o filme da memória desenrola-se abrupto. Valdemir era um garoto de rua de Salvador que foi assim recolhido e seduzido por uma antropóloga pedófila de nome Laurinda Guilhot. Tirou-o da sarjeta com o intuito de transformá-lo no enfant-sauvage das suas carências e carícias sexuais. Laurinda era pesquisadora de alterações mentais e corporais promovidas por poções de simbolismo erótico, fecundante, sexual-delirante. Laurinda era fera no tal assunto mas bem piradinha tipo dedicou sua vida a estudar entidades da desmedida vital, rituais relacionados com es-

píritos, radiações de atração desconcertante levando as pessoas para as fronteiras da consciência, entidades da ambigüidade absoluta da criação e destruição, criação a partir da destruição, shivas e Exus e poltergeists, fradins e gremlins e plutões e quantas entidades gargalhantes e sanguinárias e luminosas e sexuais e motivadoras. Pontes entre o humano e o desejo de ser mais que humano. Laurinda foi fundo nessas pesquisas e atingiu aquele estágio de distanciamento antropológico em que se perde a noção social e só se vê espécie de macaco demiurgo mutante evoluído nalguns aspectos, evoluído assim-assim. Macaco demiurgo inventando convenções e imaginando maravilhas e pesadelos, e assim totalmente gorilão e gorilona depilados e existencialistas, frágeis e patológicos, esforçados e insatisfeitos e inevitavelmente sociais, e grudados e misturados e resultados de uns nos outros, com os outros e para os outros disfarçando a solidão enclausurante distorcendo a solidão encapsulante que caracteriza o macaco e a macaca demiurga. Laurinda chegou nesse estágio como Marlon Brando no filme *Apocalipse Now*, ou Howard Hughes, ou Amir Klink, ou qualquer bandidaço ou ricaço ou executivo cosmopolita sem vida privada, ou qualquer militar que esteja às voltas com o horror da guerra, ou qualquer pessoa com subjetividade no vácuo, longe dos cotidianos motores sociais motivadores

dos contratos sociais. Essa mulher recolheu Valdemir, o marginalzinho carismático, e apresentou-lhe mandrágoras reveladoras de imagens guias da vida de uma pessoa. Mandrágoras que acionam desejos que se transformam em alucinações que se transformam em energia vital que encurrala, aprisiona a pessoa, a mente, o coração da pessoa e o assim chamado espírito na cena da imagem gerada que precisa ser materializada, pois o que importa não é a realização espiritual mas a realização material das mais extravagantes vontades mentais. "Existe alguém dentro de mim que é mais eu do que eu mesmo", a máxima agostiniana é frase-refrão de encantamento filosófico e eureka poético de Laurinda, que entregou a sua mente e a de Valdemir a um bálsamo, uma beberagem definitiva, um coquetel feito com quiabo batido, marisco-medusa (marisco com barba), urina de gestante, aguardente, alho, limão, sucuriplutão e raiz de peiote médio. Mistura essa que atinge os porões da libido mundana, os porões maníacos da libido mundana despertando o escorpião humano à espreita em cada um de nós. Despertando o fio e dissolvendo a camada nervosa que serve de fronteira entre o espírito e a carne, gerando ondas da inquietação deliciosa e valentia de fecundação sanguinária acompanhada de gargalhadas e imagens de igrejas amolecidas cheias de janelas, vitrais transformados em bocas com línguas

contínuas cavalgadas por meninas com antenas peridurais acima do rabo. Fissura de sacrifício e foda redentora é o que pinta ao se beber a tal mistura. A antropóloga e o pivete adolescente fundaram uma seita milenarista de linchamentos fundamentalistas visando purgar o mundo da sua falsidade, sua miragem de pensamento e humanidade, purgar objetos e pessoas e plantas e animais com aguardente mandrágora e pedaços de entidades, de estátuas de criaturas da mitologia brincalhona e galhofeira e debochada, entidades da fecundidade e da destruição de todos os tempos. A polícia baiana acabou por prender e matar Laurinda e todos os que participavam dos rituais de linchamento purgatório, com exceção de Valdemir, o garoto, que escapou e foi pro Rio de Janeiro, para os subúrbios do Rio continuar sua purgação, continuar sua sinistra ascese, seu processo de aproximação da fronteira do humano com o não-humano. A tampa do bueiro das inconsciências coletivas, individuais, irracionalidades místicas amorosas, existencialismos rapinantes, bueiro onde Dobermans da inconsciência vivem mostrando seus dentes pois a tampa desse bueiro é aberta a toda hora, sutilmente ou escancaradamente, a partir de qualquer colapso ou surpresa violenta mesmo. De dentro desses bueiros sai gente como Valdemir e sua antropóloga pedófila, como sinais convulsivos da realidade como insufi-

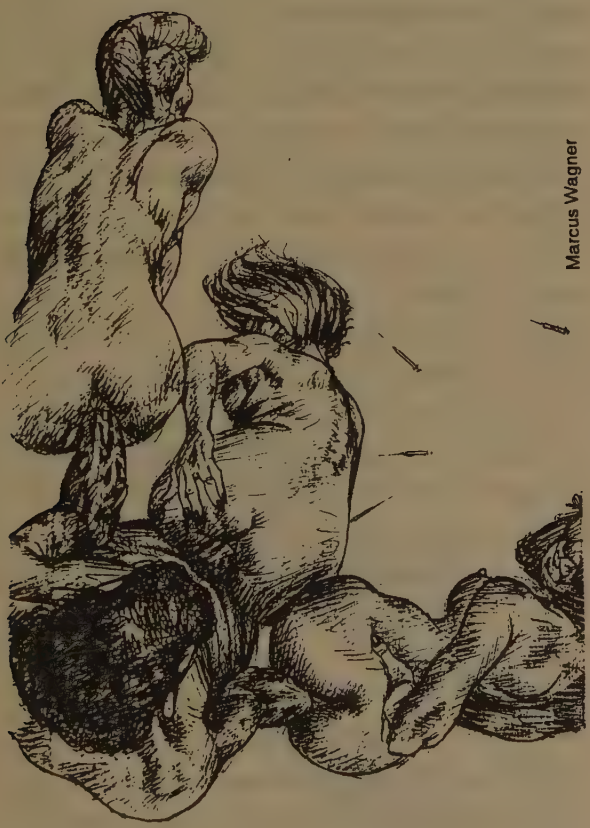
ciência, precariedade, monotonia social. Apesar de todas as conquistas da modernidade e do humanismo o buraco da transcendência mais violenta e súbita e animalesca e etérea não foi tapado. Todos os misticismos voltarão em forma de patologia consumista e erótica, desconcertantes gírias patológicas do além. Aliás sempre foram isso.

Valdemir chega aos arredores do zoológico e vê um travesti mastigando mirabel com banana na chuva de pingos grossos. Laminha na boca maquiada do travesti assim gatinha enganosa, fácil-fácil leva qualquer um no bico da ilusão de que é mulher. Nenhum sinal de inchaço nas maçãs do rosto ou traços masculinos denunciadores de que existe uma neca, quer dizer, uma piroca entre as pernas e, é claro, tem gogó e tal, mas foda-se porque o traveco tá deslumbrando na chuva em topless e short de couro com uma abertura na bunda mostrando o por assim dizer rabo lordoso de cocota marombada nas academias de São Cristóvão ou de Bonsucesso ou de onde? Mirabel com banana na chuva. Valdemir se aproxima. Aproxima-se com sua bolsa cheia de garrafinhas aguardentes e pedaços. 22h:30m. Valdemir atrai sexualmente a boneca noturna da Quinta mostrando o pau pra ela e o travesti fica meio assim impelido porque Valdemir mostra cédulas enroladas encharcadas no seu pau. Diz: "Chupa os cruzeiros da minha pica, capeta boneca. Chama

tuas amigas ali. Quero foder com as três em nome de Plutão, sem camisinha em nome de shiva pra purgar qualquer vírus, qualquer bicho micróbio insolente. Tenho grana e pago pra foder vocês nessa chuva." Dalila chama Sue e chama Fabrícia. Sue fica junto com Fabrícia oferecendo os cus arrombadaços para as cavoucadas de punho de Valdemir, que entra quase inteiro nos retos mingaus das duas bonecas, uma ruiva vestida com trapos de debutante desiludida que jogou fora o vestido rasgado, e a outra mulata meio caída, com a camisa da globo assim camisão prateado com o globo da globo em alto relevo. Chuva e gemidos. As duas com as mãos apoiadas em hidrante xifópago sendo cavoucadas pelos punhos de Valdemir, que está totalmente transfigurado de roxo tesão. Depois Fabrícia troca com Dalila que empina o rabo oferecendo no centro de suas nádegas hormonizadas um perímetro assombroso de buraco pra penetração, uma autêntica vala anal magistralmente contraída e descontraída seguidamente como se o olho do cu de uma égua demente de cio não parasse de piscar para Valdemir já sendo chupado por Fabrícia. Chuva cai legal. Os travestis gozam que gozam direto no maior antiprofissionalismo de envolvimento súbito com o cliente. As bonecas ficam loucas e chupam os cruzeiros da pica e dão o rabo duas vezes cada uma pro baiano linchador que com sua reação doentia

não goza e sente dores. A piroca inchada com bolhas se formando na glande. De repente sente que vai gozar. Tira mais uma nota do bolso e pede pra Sue chupar sua trolha com a nota e um jato inunda a boca com a cédula de cem pratas. A chuva descendo firme. Nota molhada e esporrada nas bocas dos travestis que ficam assim entregues a um âmbito de paixão efêmera pela fúria de Valdemir, e nesse momento contínuo de entrega vão se despindo e ficam totalmente nus na chuva ao lado do Zoológico. Valdemir pede pros travestis começarem a se beijar e a foder que ele quer ver e que ele pagava mais, e as bonecas capetas começam o trabalho de sacanagem, sarração, penetração mútua e eis que de repente Valdemir mete bronca no seu ato contínuo de discurso alucinado. Pega cola e garrafas e sai executando os travecas. Enfia o pau de um cheio de cola no rabo do outro e assim sucessivamente... Ensangüentados e feridos e furados e rasgados numa chuva totalmente superbonderizados nos rabos e chorando. 22h:59m. Não entendem nada e começam a gritar, o que chama a atenção de outras bonecas que começam a correr na direção do, digamos, fato policial. E Valdemir diz: "Não estou na frente de vocês à toa. Não surgi diante de vocês à toa. Sou aquele que está na fronteira da carne com o espírito, sou o lampião de todos os Exus, minha piroca é o roto-rooter dos porões psicopatas adubado

pelas injustiças, pelos pauperismos, mediocridades, crises generalizadas na vida de cada um, adubado pelos dentes arreganhados dos Dobermans do irracional superior, da inconsciência sorrateira que nos liga à violência original do universo e da natureza, esse monstro de mutações eróticas e mil dimen-



Marcus Wagner

Valdemir escava os rabos dos travestis.

sões superpostas. Roto-rooter dos porões psicopatas, ferrão absoluto do zangão das esferas mentais arrebentadas por impulsos escatológicos de nostalgia de quando ainda não éramos humanos, apenas lama genética, bife ansioso ambicioso mergulhado na radiação de uma ambição orgânica chamada espírito. Quando o verniz social tá ralo dentro da pessoa ou nas ruas das comunidades humanas, aglomerados urbanos, eu apareço pra purgar tudo. E eu vos digo, oh capetas bonecas do Zoo. Vocês estão impregnadas de pessoas e ônibus e revistas Contigo e ovos e moscas e contatos generalizados com a matéria desse mundo mentiroso desse país purgatório que nunca fale e existe como um fungo infinito inventando novos tipos de vida remediada e novas formas de vida miserável em luta constante, e eu vou purificá-los com a cachaça dos abismos e os pedaços dessas entidades explodindo em vocês que se transformarão em ondas de ressurreição pousando noutras pessoas que vão gerar outras pessoas de teor carnal espiritual novo."

23h:10m. Alguns travestis chegam na violência pra cima de Valdemir, que não se faz de rogado e tasca na boca de um deles uma perna ponteaguda de Exu. Boca rasgada, o traveca berra ensangüentado. Boca de touro shiva no pescoço de outro, que cai bufando e urrando na chuva intermitente. Com garrafadas e muita força Valdemir vai derrubando as

bonecas. Não consegue acender os pavios das estátuas enfiadas nos corpos das "garotas" e resolve se mandar. 23h:23m.

Chacininha vai desafiando a chuva. Bate de frente num caminhão de carne parado. Dá ré na maior dificuldade, mas Vemag envenedada é perua Vemag envenenada. Pneus sem calota, Vemag vermelha. Ela continua sua fuga que já não é mais fuga dos caras e sim da polícia que vai atrás daquela que provocou os linchadores chacinadores categoria júnior. Um deles sobreviveu à batida com afogamento e já confessou, dedou o esconderijo de todas as outras regiões de domínio dos grupos

Piroca roto-rooter dos porões psicopatas.

de extermínio categoria júnior. A polícia vai começar a caçada a eles. Os policiais têm ordem de deixar no local os elementos encontrados. Chacininha vai dirigindo na chuva envolvida por vento boreste sentimental que bate junto com o vento da chuva, nostalgia assim saudade de tudo. Normal, lembra do seu batizado quando foi integrada ao Imperador Balaço. Foi colocada numa piscina com farinha láctea e notas de cem dólares, uns quinhentos mil dólares na piscina de farinha láctea. Sofreu vários cortes pra passar o seu sangue pras notas e pra farinha. Depois gim pra cicatrizar e dez mil dólares pra guardar na caixinha das chacininhas. Gorette vai mudando, mexendo no dial do sutiã musical e vai ouvindo Zecas Pagodinhos, Paralamas, Kid Abelha, Patricia-Sonho de Amor. Vai mudando o pouso do dial e dá de cara com um noticiário; se distrai e não dá outra: enfia a perua Vemag num canteiro de obras que já estava submerso pela chuva. Por sorte consegue aproveitar uma parada na queda do veículo na vala e sai fora carregando seu catálogo encharcado.

Com água quase até o joelho vai andando com seu rádio sutiã na maior estática, vai bebendo numa pequena garrafa térmica goles e goles de rabo de macaco, uma mistura de café com leite com pinga, pra agüentar meio assim o pouco frio que pinta e pra tomar coragem. O supositório visionário vai se ma-

nifestando e ela olha pra chuva e vai vendo alfinetes alados com caras de mongolóides. Ela fica vendo aqueles alfinetes mongolóides caírem e se assusta um pouco, mas dá uma apertada no cu fechando um pouco o diafragma yashica. É a mulatinha oxigenada Gorette, a Chacininha noventa e um.

Consegue alcançar um terreno baldio, ou melhor, um quintal baldio com uma concha de parque de diversões abandonada, cheia de vigas. Sobe nas vigas da concha e vê trens parados e gente ilhada, carros enguiçando na noite chuvosa. Seu sutiã tá com estática ainda. Meia-noite. Consegue ouvir, toda molhada e meio bêbada e asfixiada de perseguição, com saudade da sacanagem a que era submetida mas de saco cheio de não ter liberdade e por isso fugiu. Gorette tá linda no alto das vigas, amontoadas na concha de parque de diversões. Parece uma vênus da baixaria, afrodite da vulgaridade no meio das vigas sob a chuva que deu uma meia-trava. Porte de majestade putana. Começa a ouvir no rádio do sutiã o noticiário sobre Valdemir e o encosto de volúpia sádica começa a bater abaixo da nuca e vai descendo, e a coisa boa da sua inspiração começa a pegar fogo na gengiva da boceta e a campainha da amígdala da sua sexualidade começa a bater como sinos de fucking forever. Faveluda sumária, ela começa a passar a garrafa no corpo no meio da chuva, no pico da concha de vigas e vai

ouvindo o noticiário levada pela coisa boa, e o supositório visionário facilita a aparição das imagens que os locutores noticiam. As imagens dos cadáveres que Valdemir preparou. E ela vai esfregando a garrafa cheia de café com leite e pinga no corpo encharcado. Relâmpagos azulando tudo e a cidade aparece nos relâmpagos menores das tvs de um gigantesco conjunto residencial de terceira em frente à casa em cujo quintal está Gorette ouvindo o noticiário. E ela diz pra si mesma: "Vem, lampião dos Exus, vem me pegar". Gorette deita no chão e tira a calcinha, derrama o que resta de rabo de macaco na boceta, mastigando o pedaço de plástico que se desprendeu da tampa, se masturbando no meio da chuva ela cospe fora o pedaço de plástico e vai ouvindo o noticiário e se masturbando com a história de Valdemir e com os alfinetes mongolóides e o edifício em frente que ela vê cheio de rabos de Exu, bundas de shiva e olhos de plutão relampejando. 00h:15m. A cidade alagada. Ela goza. Olha a chuva, levanta. Decide ir atrás de Valdemir, quer se entregar pra ele, ficar com ele. Jesus ou Romeu ou galã dos seus desesperos aplacados. Ela, que só sabe fazer pose de concurso de pantera e foder e atirar e jogar na ponta direita e cozinhar purês meio assim papas de tudo com ketchup e dirigir em descampados, se desova totalmente biritada. Gorette vaga na direção de Valdemir, o lampião de todos os Plutões.

00h:27m. Pra azar de Valdemir uma das bichosas travecas, aliás, não só essa, mas outras também, não morreram. Levadas pela polícia prum hospital público detonaram seu retrato mais ou menos sussurrando. A gravação dos travestis foi direto pros noticiários radiofônicos e televisivos. Gorette ouve e Valdemir não sabe. 00h:47m. O baiano linchador chega às imediações de uma tendinha ali nas quebradas da avenida Suburbana. Maloca sua bolsa num lugar próximo assim mato mesmo e entra na tendinha pra comprar mais pinga redentora pra juntar com marisco e urina de gestante e alho e limão, raiz de peiote e pedaços de entidades com pólvora recheadas. O comerciante vende o que ele quer e tudo bem. Valdemir anda e anda e anda e acaba voltando pros arredores de Madureira. 01h:20m. da manhã. Passa perto de um bar e é reconhecido por uma pequena turma boêmia, que imediatamente sai no seu encalço acompanhada de um carro da polícia que está passando na hora. A chuva deu um tempo. A água não baixou de nível, o baiano corre e corre e corre. Chegou numa estação de trem e atravessou no maior risco antes da passagem de um comboio, e conseguiu se livrar da perseguição indo parar num lugar bem próximo de onde estava Chacininha. Alarme geral foi dado e a polícia comunicou imediatamente à imprensa, à televisão, e Madureira em peso ficou alerta. Muita gente perseguindo o

linchador a fim de acabar com a raça dele, apagar o coisa ruim direto. 01h:35m. A sombra de Antonio Conselheiro e Charles Manson paira sobre os subúrbios. Valdemir entra numa rua sem saída totalmente escura mas com um monte de lixo que dá pros fundos de uma igreja meio assim furreca. Ele salta rápido o muro e cai na cesta de roupa suja da igreja, misturado com lixo de hóstias e outras coisas jogadas fora. 01h:42m. Ninguém por perto. Ele entra na igreja e fica acocorado perto da sacristia durante um tempo. Os pedaços de Exu misturam-se a pedaços de barbie e boneca xuxa e angélica, que ele agora já tá apelando geral pra qualquer entidade. Enquanto isso Chacininha, mortaça de cansaço, chega às imediações do templo e subindo as escadarias deita e apaga totalmente, estafada de tanta fuga na chuva além do que a bebida contribui, é claro, pra isso. Grilado com o barulho, Valdemir resolve dar uma olhada. Sai devagarinho pelos fundos da sacristia. Atravessa o tal lixo e dá de cara com aquela delícia de mulatinha oxigenada largada assim nas escadarias da igreja. Arrasta Chacininha pra trás do templo. Ouve ao longe os gritos da turba persecutória e fica agarrado à sua presa, que usa sutiã com rádio falando baixinho. A pilha do sutiã quase no fim. Ele ouve Patrícia cantando *Sonho de Amor* e olha pra cima, pro teto da sacristia onde anjos de gesso mal talhado flutuam pendurados tipo

móbiles pesados, totalmente descascados, alguns decapitados, outros pela metade e, acima deles, o símbolo do fanatismo futebolístico do padre que era meio bicão em São Paulo, um religioso que teve que se mandar pro Rio pois comia umas peruas endinheiradas que sustentavam, em boa parte, a paróquia decadente dele. Mas um marido estava prestes a descobrir e ele foi aconselhado pela amante a se mandar pras plagas cariocas. Mas voltando pros anjos decapitados, acima deles surge um coração de Jesus palmeirense. Jesus com camisa do Palmeiras e seu coração em alto relevo com o escudo do Palmeiras, um reboque que o padre mandou o pedreiro fazer. Valdemir segurando aquela que ele já identificou como a sua Madalena, Maria de todos os seus priapismos e pensamentos de compaixão delirante e transformadora da vida. Botinha molhadaça vermelha, shortinho de criança com desenho de barco, sutiã de renda com microrrádio, calcinha de algodão zebrado, jaqueta tipo búfalo bill com franjas e napa de terceira, totalmente em napa de quinta. Pulseiras e colar de nylon, supositórios visionários e cinto de bala nove mm. Valdemir beija Chacininha que acorda e dá de cara com o pau duro dele. Sente logo que está diante do lampião de todos os Exus e cai de boca na boca dele e depois na pica e de volta na boca e param de se sarrar pra se olhar, marginalidade alucinada e recalcada e fugitiva e amor dis-

torcido, ambição desmedida se espelhando nos olhos mútuos desses dois náufragos existenciais. 02h:17m. Chacininha beija Valdemir sem a menor dúvida e ele diz pra ela com olhos rútilos de convicção esotérica, lixo esotérico: "Acabou tua solidão, mulata loura. Não tinha emprego, ou amor que resolvesse, cobrisse a ausência de sentido da tua vida. As recepções do nada que a antena do teu coração recebia". E ela disse: "Acabou tua solidão, cangaceiro de Plutão, meu nome é Gorette, sou modelo-manequim dos campos de desova e concursos de terceira. Sou gostosuda periférica e fui mascote de exterminadores categoria júnior. Fui batizada por eles em piscinas de farinha láctea cheia de dólares que precisei encharcar com meu sangue. Veja minhas cicatrizes". O baiano lambe as cicatrizes com aguardente. O corpo de Chacininha parece um depósito de centopéias fósseis. O priapismo de Valdemir convida Gorette pra primeira trepada. Ela senta na sua pica e continua falando abaixo do cristo palmeirense: "Você vai me levar pro seu mundo, linchador. Gostoso assim. Mas antes eu vou enfiar em você uma coisa e depois vou sentar de novo na sua pica e você vai me dizer o que vê nos meus peitinhos, nos meus olhos, no meu corpo. Me diga o que eles têm de cinema profético, o que eles escondem, o que só você vê, Lampião dos espíritos errantes". Gorette tira o último supositório visionário e coloca

no cu de Valdemir que por sua vez derrama na boca dela a tal mistura usada nos rituais de fecundação pró-linchamento. E ela pergunta: "O que você vê nos meus peitinhos, sementes de chupeta com gatilho?" E Valdemir detona: "Vejo montanhas de gansos entijolados sendo escalados por bilhões de pessoas e animais e espécies de plantas, e edifícios, e máquinas, e ferramentas, e vulcões, e ciclones, e nuvens, e tempestades, e aparelhagens, e espécies de insetos, e móveis e veículos, e TVs, e tudo isso se dirigindo para o topo, onde despencarão para a tua boca gigantesca, aberta, que receberá tudo que existe e engolirá, ficara grávida de tudo que existe e dará à luz a tudo isso novamente, purgado da atmosfera decadente e é o que vejo na tua boceta de pandora detonando a humanidade mutante futura, Gorette, minha Madalena. Somos gêmeos de espírito, tua mente é a minha, teu coração é o meu, tua espécie sexual é a minha e tua ambição humana é a minha. Vamos batizar com linchamentos proféticos o mundo, abençoar com o sangue da fecundação sutil nosso casamento anunciado dentro de nós por vontades de transformação absoluta. Minha Madalena."

Gorette sente o ovário inflamar-se como um crucifixo inchado e começa a rasgar pedaços do seu catálogo telefônico de colagens mosaicas de mau gosto, vitral-lixo de frases recortadas e estampas de banca de

jornal, exilada como um livro de recortes absolutos. Tudo o que existe e tem uma versão revista, uma versão jornal, uma versão TV, uma fotoversão registro perdido num catálogo telefônico cheio de colagens prontas pra serem enviadas num satélite ou sonda que vai cortar o universo galático à procura de contatos et's. Pegar o catálogo de Chacininha é viajar na impressão de que todos os registros, todas as transmissões, todas as páginas de jornais e revistas, todas as programações que saem das tvs e das rádios, todos os sinais, tudo que é divulgado, todos os filmes, imagens, sons, músicas, fotos, tudo que é divulgado é uma espécie de gigantesca e ininterrupta reza desencontrada, saída da esquizofrênica brutalidade simultânea de tudo o que acontece na face do planeta. E Gorette reza pra Valdemir: "Sulfurosas grelonaves espectrais se besuntam candelabras em cunilingües betacam de vagiline oleosa bombardeadas por lombardias magnólias". Os dois vão trocando carícias lisérgicas e visionarismos de sarração, estimulados e possuídos por ondas de frases habitadas por palavras desconhecidas por eles. Atalhos paramediúnicos explodem nesses dois ignorante e eles ouvem um barulho dentro da igreja. 02h:30m. Gozam silenciosamente se mordendo até arrancar pedacinhos mútuos. Mastigando esses pedaços, fatias um do outro, e segurando a

dor com a ação dos supositórios e da bebida ritual, os dois se abraçam forte mastigando na ambigüidade de um pós-gozo e uma apreensão de serem encontrados e linchados, pois Madureira não dorme à procura de Valdemir, a polícia não dorme procurando os dois. Eles ficam abraçados olhando religiosamente pro Cristo palmeirense. Sacam que não é uma turma e sim algum vigia da igreja. Esperam o sacristão vigia supreendê-los nus. Quando ele abre a porta recebe um vôo-chupão de Gorette que quase lhe arranca os lábios em sufoco-tampão de boca, enquanto Valdemir põe a roupa e quebra uma garrafa na cabeça dele. Chacininha mastiga um pedaço dos lábios do rapaz. Põe seu shortinho, colete de fimose debaixo do outro colete búfalo bill de franjas, sua bota caubói sepetiba vermelhona e sai com Valdemir carregando a lista telefônica e o rádio-sutiã japonês.

A chuva cai de novo e os dois saem da igreja, agora sim, ouvindo a aproximação da turba persecutória de Valdemir. O baiano e a gostosuda periférica saem correndo sob a chuvarada caudalosa chutando correntezas rasas e o efeito do supositório e da poção do daimelinchamento vão levando os cérebros e sensibilidades por caminhos de desejo e visão de excitação, e sensação de superioridade nunca antes sentida pelos dois. Chacininha tem que parar em frente a uma borracharia

fechada pra dar umas bufadas e Valdemir, que já viu isso nos rituais de pré-linchamento do daime gnóstico, encosta a mulatinha lourosa na grade do borracheiro cheio de posters de minas calendárias, absurdamente gostosas e esculturais com meses nos colos ou nas testas, ou nas coxas, ou nas xotas ou bundas, entre macacos, instrumentos de recauchutagem pneumática e escuridão de borracheiro, quebrada por lâmpada acesa sobre águia de ferro da Portela num canto alto do lugar, tipo imagem de santo de açougue na escuridão.

02h:45m. Valdemir encostado em Chacininha segura os primeiros momentos da poção, antiqüíssima mandrágora de preparação corporal pro momento do encontro da vida com a morte em rituais de canibalismo – abrandamento da besta fera, do magnetismo platônico que nos puxa perversamente pra desejos de outros mundos de plenitude e prazer fora da insuficiência terrestre.

02h:53m. Chacininha acorda depois de se mijar e perder o controle das funções excretoras e bufar e falar frases desencontradas nada dela, e acorda sorrindo, a chuva caindo e a zoada da turma linchadora chegando. Chacininha beija Valdemir com força e começa a ver as tais igrejas amolecidas com línguas de fogo nas naves e nas janelas, enquanto iguanas de crista ígnea caem junto com os pingos da chuva vindos do céu, transmutado em imenso músculo atmosférico, co-

ração que se contrai e descontrai em explosões de chuva estranha assim iguanas de crista ígnea despencando. Chuva.

03h:00m. Valdemir puxa Chacininha pronta pra missão e pra correria de fuga. De repente um tiro corta a proximidade dos dois e Valdemir leva um susto. Bala no ombro. Tiro disparado por um guarda, seguido de um camburão e mais atrás uma, por assim dizer, multidão. Gorette não marca bobeira, pega na bolsa de Valdemir um chifre de búfala etíope, guia de rituais e festas carnavais de facadas minúsculas e lançamentos de leques cortantes. Atira o chifre no guarda que, escorregando na chuva, perde o equilíbrio e não atira nela, tempo suficiente pra faca chifruda voar e vazar o olho direito do meganha e o olho escorrega do buraco na face e fica boiando assim gelatina ótica na água da chuva. A dupla de gnósticos se manda com a multidão encharcada atrás. 03h.12m. Dentro do corpo deles a sensação de poder de mutação das primeiras formações orgânicas, dos primeiros fígados e olhos e laringes e visões e mãos e felicidades de raciocínio abstrato. Iguanas ígneas. Chuva forte. Os dois conseguem se esconder num quintal ex-estacionamento de shopping abandonado transformado em matagal apinhado de carros destroçados e eletrodomésticos esquartejados. Mato cobrindo carros e eletrodomésticos. Bala no ombro de Valdemir. Chuva forte. Os dois se escondem

numa Rural Willis cheia de material de limpeza derramado. A turma passa batido. O camburão leva o soldado sem olho direito pro hospital. A chuva, as cobras e ratos do terreno inibem a ação dos revoltados. Preferem montar guarda até eles saírem, mas eles já saíram cruzando na maior velocidade e fazendo barulho na maior cara de pau. Só que a chuva apertou demais e eles se livraram facilmente dos que tentaram persegui-los e ficaram pelo caminho totalmente feridos.

03h:33m. O efeito supositório visionário se desfaz, mas a mandrágora de rabo de macaco, alho e limão e urina de gestante e raiz de peiote ainda tá firme e forte no corpo dos dois que estão bem amassados e vagando e vagando. A bala é arrancada do ombro de Valdemir por Gorette. Habilidades cirúrgicas com facas alcoolizadas. Semi arigótica. Paramediúnicos atalhos explodem na mente e no corpo desses dois náufragos existenciais.

03h:37m. Os dois descem por uma rua que tem de um lado algumas casas com andares e grades curvas nas janelas bem típicas, com pastilhas amarelas numa, azuladas noutra, um armarinho entre as duas, iluminação precária. Relâmpagos ajudam. Chuva intermitente. Pára. A sombra de um casal assim bonnie and clayde gnóstico, lampião e maria bonita do crime idealista, baader-meinhoff da brega revolução lisérgica, a sombra desse casal paira sobre Madureira.

VALDEMIR E CHACININHA

Valdemir e Chacininha vão olhando com ar piegas as casas, de repente bate uma necessidade de simplesmente ter lar e ficar assim mediocremente integrados a qualquer dia a dia sem heroísmos e assim normal, normal, normal, normal...

Piegas bem patético sem combinar a mínima com o temperamento dos dois esse olhar pras casas. Ruas meio ladeira e a água então desce legal. Do outro lado da rua Valdemir e Chacininha, cansados mas alertas, pra que ninguém se atreva a chegar junto, bem os dois avistam do outro lado da rua um terrenaço, uma ruína de Ciep bem ruína, assim metade do edifício com muito material de construção e apenas o ginásio e a quadra de futebol de salão prontos e muito saco de cimento e outras coisas de pedreiro e carpinteiro abandonadas, e tudo cheio de lama e habitado por mendigos que gritam e gritam, gritam de alguma dor que não deve ser apenas o pânico alcoólatra e a fome no escuro. A cena é pré-neanderthal completa, com fogueirinhas, cagadinhas ao ar livre, fumaça de guimba, som de radinho de pilha mal sintonizado num samba qualquer. Valdemir e Gorette vão descendo a rua quando vêem um grupo de pessoas, umas seis ou sete vindo na direção deles e eles estão carregando sacolas e bolsas cheias de estátuas de entidades e garrafas de cachaça, e Chacininha e Valdemir vão bebendo os últimos goles de rabo de macaco en-

quanto a turma se aproxima e eles trocam de calçada. A turma passa. Eles continuam. O músculo celeste se contrai. Chuva suspensa. Vento frio.

03h:48m. Resolvem roubar um carro. Fusca parado na esquina da rua com avenida de alta velocidade. Quebram o pára-brisa e Gorette cheia de técnica abre o carro, faz a ligação direta depois de destroncar a tranca carneiro e os dois se mandam, ouvindo pelo rádio do sutiã, fraquinho mas audível, o noticiário sobre a chuva, sobre os exterminadores categoria júnior desbaratados, sobre a perseguição monstro que a polícia está empreendendo a Chacininha e a Valdemir. A miss do extermínio e o assassino dos Exus explodidos em carnes superbonderizadas e alcoolizadas com garrafadas. O fusca guiado por Gorette circunda o quarteirão do terreno Ciep e entra numa pequena região de motéis chiques espalhafatosos em termos de visual decorativo exterior e interior. Eles param em frente ao motel Excalibur, cheio de espadas gigantescas girando em coroas gigantescas, iluminando de maneira falha as redondezas, já que um defeito nos engatamentos elétricos provocou uma espécie de soluço elétrico nas espadas luminosas. Eis que a gasolina do fusca acaba e Valdemir sai do carro pra dar uma mijada num cantinho de mato perto da entrada de acesso ao perímetro dos motéis, em meio a um jardim de buquês pornôs, quero dizer,

rosas improvisadas com páginas e paginas de revistas pornográficas, flores iluminadas por pequenos postes de luz fria. Valdemir mija mas desequilibra-se na passagem de um rato enorme que resolveu dar um tempo na sua perna e foi o suficiente pra ele cair, bater a cabeça e desmaiar. Gorette fica no carro esperando pr'eles fugirem de novo ou entrarem no motel e aprontarem de novo. 04h:00m. Chega uma kombi toda coberta de pelúcia rasa e preenchida sonoramente por música alta de flashback dançante, sublinhada por gargalhadas de gente alterada por bebida ou qualquer outra coisa bem química. Mauricinhos suburbanos com astral animalesco e suas escorts gostosonas arregimentadas em falsas agências de modelo, fachada de agência com conexão no segundo grau, nos cursinhos pré-vestibulares e nas universidades e academias de marombagem, enfim, bocetudas vestidas no melhor estilo secretária de virilha perfumada em escritório de concessionária de tratores e motoniveladoras. Elas descem cheirando cola de sapato italiano e se picando na beira da kombi com gemas dissolvidas, minerais heroinados em ourivesarias traficantes, a nova coqueluche da boçalidade intoxicante dos sábados à noite da turma mauricinha barra pesada. Escorts com colar de coleira pastora alemã, calcinha com abertura na xota e na bunda, bustiês espelhados, cabelaços leoninos. No centro da alma um

coração de boate. Algumas com filho deixado com mãe, totalmente culpadas e desnaturadas. Todas com um amor assim distante ou próximo impossível, romantismo que a vocação de boemia e diversão e grana fácil não permite que tome conta delas; esse romantismo é chinfra, molho que segura a onda ferina e voraz e amargurada e ambiciosa de todas elas. No centro da alma um coração de boate. Seus corpos e espíritos são autoramas de substâncias farmacêuticas animadoras e desanimadoras do impulso vital. Algumas não estão nem aí pra isso. Taximetram-se e pronto. Sem festa. Outras são festas ambulantes, focos de alterações maníaco-depressivas, sedutoras sempre, perigosas ou patéticas sempre. Seus espíritos e corpos são pistas de pouso e decolagem de carências masculinas-femininas, sexuais ou não e elas sabem manipular seus olhos, dedos, falas, lábios, palavras, vaginas, bocas, cus e todo o corpo e mente como anzol de pescaria dos inconscientes, dos traumas, carências, desejos, vontades sociais ou íntimas, sonhos de solidão e anonimato, pescaria do que está proibido ou reprimido ou deixado de lado e precisa de uma mulher esconderijo-pago-com-amor e foda e carinho e atenção. Essas garotas são domadoras de Dobermans afetivos, dos Dobermans da carência afetiva e das taras mais efetivas. Lindas e suburbosas elas se injetam e bebem e gritam e cantam Bee Gees e Adamo

e Wanderlea e flashbacks ininterruptos. Vento. Garoa. 04h:05m. Garotões de gravata assumidamente furta-cor, mauricinhos animalescos vão mergulhar na carne dessas garotas calendárias. Uma delas grita: "Vem, vem dois ao mesmo tempo pra me tirar de vez desse estado sólido, me deixa aguada e depois me vaporiza e me desacopla dessa dimensão terrestre dois uísques abaixo, me tirem desse estado sólido, garotos, sou toda sua". Chacininha vai olhando tudo achando que Valdemir começa a demorar e de repente um micrococchilo e quando menos se espera chega um dodge dart no mesmo astral putaria. Ele acerta em cheio o fusca que bate na kombi de pelúcia rasa e fere assim derruba uma das escorts que tava se picando e a agulha entra na veia meio cateter indesejado e ela berra num escândalo endovenoso, e as outras tentando arrancar com alicate de unha o objeto invasor e estão até conseguindo e o sangue escorre na noite do pátio do motel Excalibur. Espadas de luz defeituosa giram cagando pra situação. Os rapazes correm na direção do fusca dizendo que assim não pode ser e que Gorette vai ter que pagar pelo prejuízo de lataria da kombi e da lataria de veia da garota de programa. Chacininha deve pagar submetendo-se a uma foda geral. Gorette é amarrada depois de tomar uns safanões e uma pancada na cabeça com salto alto vermelho. Enquanto era tirada do carro e ouvia a designação da

Marcus Wagner

Chacininha chacinada pelas putonas
e mauricinhos animalescos.

foda geral lembrou por segundos dos imperadores balaços e suas orgias de dez contra uma. Lutou, esperneou pra não sair do carro, furou com pedaços de Exu os mauricinhos e as patricinhas escorts, o que apenas serviu para irritá-los ainda mais. Agora está sendo amarrada desmaiada entre a kombi e o dodge. As putosas vão se fazendo junto com os animalescos em termos de sacanagem e tortura e injetação de substâncias minerais ou gasolinas nas veias de Gorette. Desmaiada, ela é fodida seguidamente na maior laranja mecânica masculina e feminina ao som de flashbacks e pensamentos filosóficos e cartas de amor lidas pelo locutor programa. A chuva não cai mais. Relâmpagos continuam pontuando todas as ações na região de Madureira, Cascadura, Coelho Neto etc.

A garota que sofreu o acidente com a agulha da seringa já tá na boa assim veia aberta, mas sem a agulha dentro do corpo. Chega na maior raiva perto de Gorette e reconhece a figura dos noticiários. Todos resolvem matá-la quebrando-lhes os ossos, puxando seu corpo pra lados diferentes com a kombi e o dodge. Empalam o cu yashica com um frasco de lavanda cheio derramado no reto dela. Com um grito meio último de dor, Chacininha olha pro céu e sente o músculo celeste pulsando enquanto igrejas amolecidas cospem fogo pelas suas naves e janelas cavalgadas por mulheres com chifres na base da

espinha, chifres que são antenas de captação de toda libido e vontade destruidora de fecundar. Ela grita e as suas companheiras de espécie se chegam mais e mordem seu corpo, e ela grita já no sufoco carbônico de fumaça dos carburadores. Valdemir finalmente chega do desmaio e vê a cena terrível. Imediatamente a dor do platinado aumenta e ele acende um pavio de chifre e coloca o chifre numa garrafa, acende outro pavio num braço de plutão, outro pavio numa piroca de Exu, outro pavio numa bunda de tranca-rua, e mais dois pavios em pedaços de outras entidades inclusive numa boca de xuxa e numa coxa de angélica e coloca em várias garrafas, como coquetéis de molotovexu. Tudo muito rápido e na habilidade, desespero de ir ao encontro da cena crime assassinato linchamento e agora o paradoxo absoluto da dor no coração de Valdemir vendo o que se faz em prol da salvação do mundo sendo usado em prol da simples crueldade. As crueldades dialogam nervosas no coração de Valdemir. Ele zune as garrafas com entidades acesas na direção da rapaziada, corpos e carros, tudo vai explodindo direto, cabeça de escort aberta, peito de mauricinho aberto com gravata de sangue e colarinho preso na goela aberta. Uma das meninas saca uma arma calibre vinte e dois e atira errando no lampião de Exus que sai rasgando a infeliz pela boceta, de baixo pra cima com um imenso caco.

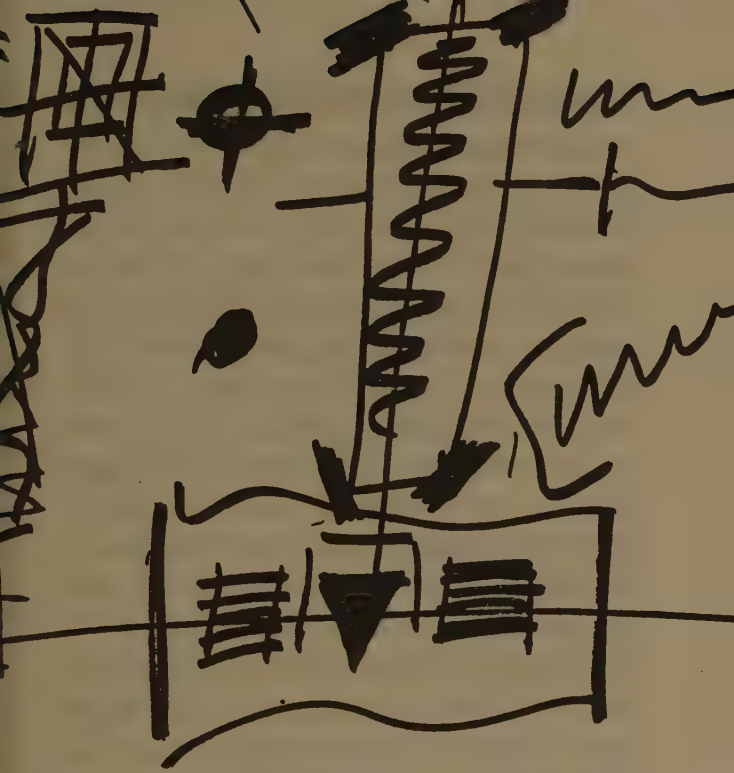
Depois parte pra cima dos homens que tentam fugir e esfaqueia-os nas cabeças e base da espinha. Se não morreu, aleijado está. Garrafas com pedaços de entidades explodem levando corpos de gente que ia se divertir na intoxicação previsível, mas acabou tentando se divertir na crueldade mais terrível e acabou dando de cara com o roto-rooter dos porões psicopatas que no casamento da inteligência mediúnica com os Dobermans da insanidade idealista chegou com muito mais força e determinação. A sombra de Charles Manson paira sobre os subúrbios e Valdemir corta a corda tirando Chacininha já moribunda e levando-a pra fora dali enquanto os últimos pavios dentro dos carros vão se aproximando da gasolina e por fim explodem levando definitivamente tudo pelos ares e acordando e tirando de dentro do motel Excalibur todo mundo assustado. 05h:17m. Espadas de luz defeituosa giram estúpidas aquecidas por carros incendiados, escorts incendiadas, mauricinhos animalescos incendiados. Chacininha no colo de Valdemir chora no colo de Valdemir que chora. Ela tá toda, totalmente intoxicada e quebrada por dentro, estalados todos os ossos e no pulmão a perfuração é fatal. Ela ainda consegue dizer: "Olha pela última vez essa boca que é tua, essa boceta que é tua, esses peitinhos, coxas, unhas, ouve minha voz bem fundo e olha mais fundo ainda nos meus olhos moribun-

dos. Vê tua mente, teu espírito exilado lá dentro se distanciar como um balão de bucha espírita à deriva. Minha carne é tua carne, lampião dos Exus, guardião da transformação. Tua Madalena tá indo embora. Tô sentindo todas as dores mas a porra da poção me encoraja. Vai, me enfia um pedaço de Plutão e deixa eu fecundar alguém. Antes trepa devagar comigo. Me faz um sexocarinho gostoso uns dois minutos, que mais não agüento, tô cheia de dor. Me beija toda estalada porque ainda vejo o coração músculo celeste pulsando e me chamando. Você é Jesus da minha vida, Valdemir, eu sou tua Madalena. Assim, me fode um pouquinho. Tá bom, me olha me olha me olha tô indo tô indo eu te amo eu te amo continua tua missão eu te amo te amo". Gorette morre nos braços de Valdemir que grita num terreno baldio que dá prum riacho marrom cheio de bolas de futebol murchas misturadas com caixotes de feira e alguma lingerie de terceira, assim campo de foda e futebol, dejetos de feira livre. 05h:47m. Valdemir não pára de gritar chorando e o grito parece rebater no tal céu músculo contraído. Vento frio. Os lábios do linchador baiano trêmulos no sutiã sonorizado japonês tocando novamente *Sonho de Amor* com Patrícia. Lábios trêmulos no colete de fimose, no shortinho de criança, nos pés ensangüentados, no colo ensangüentado e chamuscado, na fratura exposta perto do fígado. Desesperado, Valde-

Valdemir segura, fulminado, cabeças
de PMs e populares decapitados.

mir entope o corpo dela com pequenos, minúsculos pedaços de entidades submundo que restaram no bolso da sua bermuda de tergal. Acende os pavios. Não vai sobrar muita coisa de Chacininha. A explosão é total, levando para algum outro casal a inspiração de fecundação explosiva de Chacininha. Valdemir fica louco de dor e fúria gratuita. Nada de psicopata. Nenhuma frieza. Apenas descontrole. Desencapado em termos. Fúria gratuita. Nada a ver com rituais de ressurreição. A dor é grande e a pancadaria será de vingança absoluta. 05h:59m.

Quatro dias depois Valdemir é fuzilado numa rua de Austin depois de decapitar cinco pessoas com uma peixeira e um serrote. Uma das pessoas era um comandante da PM, fuzilado com zilhões de tiros. A sombra de Charles Manson e Antonio Conselheiro é apagada dos subúrbios cariocas. Um dos PMs arrancou da sua cabeça o platinado alojado, com um alicate.



VANUZA E RACHID

Impossíveis auroras boreais flutuam azuladas, flutuam projetadas no céu da Amazônia. Abaixo delas um suculento e enigmático corpo de mulher desafia todos os sentidos, sonhos e certezas biológicas. Uma mulher de cabelos platinados diverte com acrobacias, contorcionismos, dança chacretosa e strip-teases, sob play-backs dos mais variados hooked-ons, as populações amazônicas. Reza a lenda que essa jovem encontrou o elixir da juventude, pois já vem divertindo várias gerações e não mudou nada. Absolutamente durinha e atleticamente lasciva conti-

nua prendendo a atenção de populações ribeirinhas, seitas eremíticas de todo tipo, comunidades hidrelétricas, comunidades mineradoras, científicas comunidades botânicas, índios, migrantes, garimpeiros, colonos, miseráveis e aventureiros totais. Um olho é cego. Sobre o corpo, lingerie lantejoulada. Ainda segundo a lenda, essa mulher foi levada pro Amazonas (levada para a região conhecida como Cabeça de Cão) por um muambeiro pesado que atendia pelo nome de Wilson Terceiro Grau pois era filho de uma crioula ufóloga da Baixada Fluminense. Wilson conheceu Vanuza Gina (a loura) na imensa balsa Babilônia, propriedade de um empresário extrativista mineral. Na balsa funcionavam a boate Belnipur e a lanchonete Nabucodonosor onde se comiam as mais radicais dietas de sobrevivência aborígene de todo o mundo. Pratos e sanduíches calcados na potência nutritiva de animais e vegetais repugnantes: farinha de cupim australiano, filé de salamandra malgaxe, brigadeiro feito com bílis de doninha, salada de libélula, etc... Tudo isso regado a uma boa caipirinha Suzie, cachaça misturada com cabeças de boneca Suzie bem amassadas. Comer na Nabucodonosor e beber caipirinha Suzie na boate Belnipur assistindo ao show de Vanuza. Esse o roteiro de quem entrava na balsa Babilônia para um passeio de uma hora. Wilson cumpriu esse roteiro e vendo a loura em ação no

palco apaixonou-se de forma boçal e seqüestradora – tinha que ficar com aquela mulher por um bom tempo. O show começava com Vanuza tomando um banho de calculadoras, brinquedinhos, robozinhos, microeletrodomésticos, maquininhas ligadas com mariscos cibernéticos numa gigantesca banheira. Luz azul e fogos de artifício soft se contorcendo como planctons em fast-motion em volta da banheira. Depois de se esfregar com os artefatos eletrônicos ela saía da banheira e ia para a frente do palco apresentar-se através de uma lente de aumento. Apresentava o corpo com contorcionismos incríveis que acabavam por deformá-la totalmente, sensualmente. Boceta, olho, coxas, cu, bunda, peitos, língua, orelhas, cílios, dentes, umbigo, sola do pé, mãos, joelhos deslocados, transformados em coisas carnais, fragmentos fisiológicos de teor monstruoso mas extremamente sensual. Sempre acompanhada por uma ininterrupta colagem de sons pasteurizados sob uma batida funk-qualquer-nota, variando pra batida marcial. Rosana, Titãs, Madonna, Fernanda Abreu, Angélica, Kaoma, Alaketu, Rolling Stones, A-Ha, Rita Lee, Bach, Beethoven, Vivaldi, música de filme, Wanderléa, Vangelis – todos servindo à sensualidade e competência corporal de Vanuza. Vestida ou pelada, o magnetismo era avasssalador. Dançava, contorcia-se, fazia acrobacias de ginasta, dava show de narcisismo exibicionista diante

de três câmeras ligadas ao palco registrando e transmitindo seu corpo pra telões espalhadores pela balsa. Girava sob fuzilaria estroboscópica enfiada num maiô de fosforescência escandalosa. Mas o que enlouquecia mesmo as platéias era o último número, em que ela submetia seu corpo a truques de iluminação que transformavam cada parte dela em miragem erótica, efeito visual de carne colorida, ilusão de ótica lasciva. Depois do show Wilson foi ao camarim atormentado de fissura por Vanuza, que por sua vez correspondeu com mais fissura ainda. Ela se apaixonou sem mais nem menos e se deixou levar por uma aventura amorosa no inferno verde. Chegando nos confins do hipermatagal amazônico o casal submeteu-se a taras mútuas quase sempre com a participação de outros muambeiros e muambeiras. Ménages sucediam-se entre contrabandos variados sob os auspícios de duas fontes sonoras incessantes: a selva e seu blá-blá-blá de ventos, pássaros, aves, insetos, enfim, tagarelices animal, vegetal e aérea junto com gigantescos gravadores que circulavam pelo hipermatagal. Um dia Vanuza caiu numa armadilha sexual armada pelo seu muambeiro heavy juntamente com uma morenosa mexicana de cabelos longos e boca chicletuda. O corpo dessa buça veterana de teor azteca era acostumado a sadomasoquices, era chegado a um batesopraenfiacorta. Os três excederam-se na curti-

ção sádica depois de terem tomado entorpecentes caldos de cipó ativador do centro de torpor cerebral. Vanuza não sentiu nada quando tomou uma porrada da mexicana em trabalho de gozo totalmente enrabada e manipulada pelo Wilson. Não sentiu o olho afundar como uma almofada minúscula e empapar-lhe de sangue o rostinho. Desmaiou e com o olho estragado foi jogada semimorta no rio dos olhos moribundos, um filete do Rio Negro onde são jogados os olhos dos alcagüetes, fugitivos e inimigos dos processos traficantes. Vanuza ainda respirava quando foi encontrada por um selvagem vestindo cuecas Zorba superposta e rasgadas, camiseta com a cara da Xuxa, óculos espelhados e mocassim branco. Esse ser das selvas praticamente ressuscitou Vanuza, recuperando, restaurando cada quadrante de seu corpo cortado a canivete, ferido com tiros de raspão, cheio de hematomas e ossos quebrados. Restaurou a superfície e o interior orgânico com uma planta de teor híbrido só existente naquela região amazônica. Essa planta apresentava-se de várias formas: começava cacta, virava espada de São Jorge, em seguida assumia formas florais variadas e continuava numa vertigem trepadeira em transmutações botânicas enigmáticas. Cada pedaço, cada parte dessa planta híbrida fornecia uma espécie de seiva, um estranho iogurte dilatador, acelerador, intensificador de alguma função orgâni-

ca. Anabolizante vegetal. Uma mistura desses vários iogurtes ingerida tinha efeitos devastadores em termos de aumento da resistência corporal, anulação do relógio biológico, ação sobre as memória superpostas (cérebro de réptil, porões e sótãos do inconsciente) regiões condutoras da percepção, desempenho hormonal, restauração hepática, comportamento da retina, centros de desejo alucinógeno, agressivo, sensorial, piegas etc... Uma vertiginosa mutação celular e neurológica influenciando a carne e o assim chamado espírito. A pele tornava-se comestível e imediatamente reproduzível. Vanuza recuperou-se totalmente e tornou-se amante desse cirurgião botânico que não tinha pau nem saco. Eunuco cirurgião. Se chamava Bob Mowgli e não tinha sexo, ou melhor, não tinha o sexo tradicional de todos nós. As relações sexuais entre os dois eram bastante bizarras já que Bob tinha uma espécie de chupetinha vegetal (ou vegetalzinho em forma de chupeta) que surgia de dentro de um orifício mucoso existente entre as suas pernas sempre que ele se excitava. Bob apresentava fungos na virilha e nas axilas devido ao uso do vegetal híbrido. Vanuza transformou-se num robocop vegetal. Bob Mowgli lhe falou de experiências feitas com índios e aborígenes do mundo inteiro naquela região amazônica. Aborígenes de tradição alimentar exótica, exótica tradição alimentar botânica. Falou-lhe de cru-

zamentos de raças vegetais e organismos humanos alterando padrões genéticos de funcionamento da vida. Levou Vanuza para conhecer galerias subterrâneas, verdadeiras cavernas cabeça-de-porco, kichnetes minerais habitadas por uma escória aborígene de homens e mulheres semi-vegetalizados. Bob e mais oito fugiram desses laboratórios de lavagem científica que incluíam, além de inoculações vegetais, experiências neurocibernéticas e pesquisas de ponta na medicina legista. Bob e seus companheiros botanicamente frankeinsteinizados colocaram-se em pontos estratégicos da Amazônia para com seu conhecimento do vegetal híbrido ajudarem, influenciarem organicamente as populações da hipermata. A região onde desemboca o Rio dos Olhos Moribundos e onde mora o eunuco cirurgião Mowgli é uma espécie de triângulo das Bermudas amazônico, uma zona não explorada que camufla segredos arqueológicos, geológicos e biológicos elementares. Cada um desses segredos sendo explorado, testado, morfodesenvolvido por laboratório de lavagem científica, autênticas aduanas da ciência. Vanuza acompanhou seu amante Mowgli de sexo vegetal inédito em excursões por buracos negros da história biológica, antropológica, paleocriptomesozóica. Enquanto isso Bob observava os processos de influência vegetal no corpo da dançarina. Que dom, que carisma estariam sendo ativa-

dos ou revelados pela ação do iogurte esotérico? A seiva despertou o vigor físico de Vanuza, anulou o relógio biológico, acelerou a recuperação da carne de modo que ela passou a alimentar-se de si mesma, se autocanibalizando, aumentou sua capacidade extrasensória, gerou cogumelos nas virilhas e uma capacidade orgásmica absurda. Os efeitos colaterais foram violentos também. Uma potência religiosa foi despertada em Vanuza de forma tratoral e atropelante.

Bob disse pra ela que os tais aborígenes capturados comiam plantas com propriedades religiosas porque acreditavam que essas plantas um dia foram criaturas de vigor elementar, encarnações de potências religiosas que foram transmutadas em vegetais para se esconderem dos símios que começaram a povoar o planeta. Energias camufladas por vegetais. Ingerir essas plantas seria o mesmo que repassar a força energizante dessas criaturas para si. A planta híbrida funcionava como uma síntese dessa comunidade transmutada em planta que deverá claustrofobizar o mundo em breve e voltar às suas antigas formas por nós desconhecidas. Vanuza teve sua potência religiosa acionada, seu eu privado desintegrado, seu ego dissolvido por uma avalanche de distúrbios somáticos e sensoriais. Chagas surgiam nas mãos, pés e umbigo, sua imaginação começa a comportar-se como um tumor motivador da busca de alívio

através do contato com outras pessoas, de forma violenta, para cura ou assassinato. Essas perturbações somáticas eram acompanhadas por uma visão, uma imagem guia, a libido picture de uma mulata adormecida dentro de uma juke no interior de uma caverna cuja porta de ouro maciço só poderia ser aberta pelo pau de um maníaco, de um fundamentalista. Esse pau deveria ser enfiado devidamente duro no coração gelatinoso de uma estátua cravada na porta dourada camuflada por bilhões de formigas se reproduzindo infinitamente sem comer ou fazer qualquer outra coisa. Vanuza despediu-se de Bob o eunuco que transmutou sua vida e foi atrás da caverna da mulata juke-box. Fez espetáculos móveis, matou e curou pessoas durante as tais perturbações somáticas e sua fama de pin-up matusalém e curandeira assassina correram mundo indo parar nas páginas de magazines esotéricos, revistas de tendências in européias, revistas de prospecção científica, almanaques botânicos e até playboys, hustleres e penthouses que queriam registrar a lenda erótica de udigrudi amazônico. Geneticistas botânicos do mundo inteiro interessaram-se pelo tal vegetal híbrido, espécie de pedra filosofal do reino vegetal. Mas antes desses caras outra rapaziada já estava de olho nessa loura amazônica de vigor religioso. Os tecnognósticos da Greenpeace Al Fatah, braço armado da organização pacifista internacio-

nal Greenpeace. Essa organização surgiu do cisma entre duas facções ecológicas que agiam sob a égide da marca Greenpeace: uma tradicional, ou seja, dedicada a promover ações contundentes contra governos e indústrias autores de atentados a ecossistemas, a outra de caráter mais radical calcada numa visão filosófica teofundamentalista-tecnológica. O Greenpeace tradicional instalou representações em pontos estratégicos do planeta. Dois tipos de pessoas apresentaram-se voluntariamente para fazer parte dessa multinacional ecológico-pacifista: ativistas tradicionais (políticos, pesquisadores, verdes em geral) e pelo menos duas gerações de dissidentes tecnológicos; delinqüentes informáticos, arruaceiros bacteriológicos, cyberpunks, cyberhippies, cyberruralistas, cyberneiros, superdotados mimados e prepotentes, enfim, um pessoal meio luthor meio coringa, Exus da genialidade científica. Superstars da Ciência Corporativa. Esses caras, ou grande parte deles, faziam parte dos esquadrões de pesquisa tecnológica de vanguarda dos maiores institutos e laboratórios de empresas e industriais mundiais. Abandonaram a Ciência Corporativa internacional devido às suas alucinadas convicções gnósticas. Convicções milenaristas embrulhadas num imaginário cyber, tecno, bio, genético, telemático...

Para eles a Ciência Corporativa, esteio tecnológico da cultura capitalista multinacio-

nal (e dos lucros de bilhões de negócios que movem a vida no planeta), transformou-se em mera varejista de artefatos, aparelhagens apêndices tecnológicos a serviço da otimização industrial, social e individual (serviços industriais, serviços comportamentais e neurogenéticos) e da voracidade barroca do conforto kitsch, do prazer medíocre, marcas registradas dos tempos atuais. Onde as grotescas e sublimes produções-ações da humanidade diluem-se no desconforto do excesso. Os tecnognósticos acreditavam que estamos chegando no auge da demência materialista criada, gerada pelo Demiurgo contemporâneo: o capitalismo multinacional. Demência multiplicada pela brutalidade disléxica da mídia, pelos territórios fantasmático-digitais dos bancos de dados internacionais, pela devastação turística que disneylandiza cada milímetro do planeta, pelo militarismo catalisador de grana e criatividade, pelo darwinismo social e grotesquerie característicos dos países fudidos da subúrbia mundial. Demência que não está fora de nós alienando-nos, mas dentro de nós intensificada por nossos desejos, pensamentos, vontades, carências, instintos, pulsões, vaidades, condicionamentos, imaginações, sexualidades. Nessa época excessiva cada vida e detalhe dessa demência materialista que nos transforma em mad maxes existenciais taxiando nossos espíritos à procura de uma

vaga inexistente no abandonado drive-in da transcendência. Os tecnognósticos queriam usar a parafernália, as bugigangas cibernéticas que entulham a atualidade para driblar o Demiurgo e achar um atalho para fugir dessa camuflagem forjada pelos cinco sentidos e que tem o nome de realidade. Desencurralarnos dessa dimensão. Chegar onde iam neuroviajantes arcaicos, alquimistas, religiosos de todos os tipos, zaratustras, cristos, claras de assis, só que por uma via tecno. Os tecnognósticos eram liderados por um físico paquistanês chamado Rachid, fera indiscutível da aceleração de partículas, das pesquisas sobre o Caos, anti-matéria e matéria estranha. Esse físico achava que o Greenpeace tradicional não ia fundo nas suas metas ecológicas. Acreditava que era preciso chantagear os governos e os conglomerados industriais com bombas de neutrons, ciclones e terremotos provocados artificialmente. Ventos químicos, vírus e bactérias concentrados em granadas, enfim, ameaçar com terrorismo científico em troca das indústrias, das empresas, empenharem-se na criação de um novo capitalismo despoluente, biodegradável, biossocial calcado em novas formas de energia e redirecionamento dos gastos bélicos e de circulação de dinheiro mundial. Outro motivo, esse mais visionário e secreto, guiava Rachid e conseqüentemente os tecnognósticos. A informação de que um asteróide ia se chocar

com a Terra em pouco tempo e que a única chance de sobrevivência era se mandar desse planeta ou dessa dimensão. É preciso chegar nas bases de pesquisa aeroespacial escondidas na Antártida, no Saara, na Amazônia e no Pacífico, cordão vulcânico. Mais que acabar com o paulatino desperdício do planeta e das espécies que o habitam os gnósticos queriam isolar o gênero humano e concentrar seus esforços no espaço sideral. Com a proposta de chantagem bélica aconteceu a cisão no Greenpeace – tecnognósticos de um lado e ativistas e cientistas tradicionais de outro. O grupo liderado por Rachid refugiou-se na Amazônia, reserva genética do planeta, para trabalhar na experimentação biológica visando a preservação definitiva da espécie a ser enviada pra viagem eterna no cosmo. Para os gnósticos a preservação realmente conseqüente está ligada à mutação bioneurológica da espécie, já que as interações éticas estão razoavelmente demarcadas e não sofrerão mudanças fundamentais daqui pra frente. O salto na evolução será biológico. Os complexos de Prometeu e Frankenstein novamente se apoderam das mentes cientificamente sonhadoras. Daí que os tecnognósticos recrutaram um lixo civil de calibre pesado: gente miserável, doentes de todos os quilates, tarados em geral e quem mais quisesse ser cobaia ou mercenária da mutação e ganhar dinheiro pra ver seu corpo e mente serem experimen-

tados em nome de não se sabe o quê. Esse exército brancaleone chegou à hipermata acompanhando os tecnognósticos e criou as mais bizarras trincheiras e armadilhas orgânicas e não orgânicas. A Amazônia transformou-se num Vietnã audiovisual, numa Criméia genética já que gênios cibernéticos fiéis ao militarismo aliaram-se aos Greenpeaces tradicionais e também foram pra Amazônia acabar com a ameaça gnóstica. As duas facções especializadas no tratamento e preservação das espécies e dos elementos do planeta se digladiando com as piores armas psicotrópicas, neurológicas, projetivas, alucinatórias, orgânicas. Fizeram de certas regiões amazônicas mostruários do sublime e do grotesco absolutos. A Al Fatah projetava auroras boreais nos céus e soltava na terra filhos de gente praticante de sexo animal armados com gases anuladores neurológicos. Gente com cabeça de coelho, canguru com cabeça de gente, mulher com buceta de vaca e homens e mulheres com paus e crinas de cavalo. Freaks da pornografia animal peidavam gás paralisante nos corpos dos Greenpeaces tradicionais. A batalha final seria no platô dos mórmons marmóreos. Uma elevação onde se erguiam um retângulo de mármore de cento e cinqüenta metros de altura e em cujo interior estava instalado todo saber dos mundos paralelos. Esse gigantesco edifício de mármore fumê (sem janelas visíveis, o mármore

era truque visual) era o troféu máximo para os vencedores dessa batalha. Quem vencesse teria de enfrentar ainda os mórmons marmóreos. O edifício era protegido por centenas de clones-bombas de Kim Bassinger na festa do Oscar 90. Vestido enorme e gestos nervosos e yeahs imprecados pra todos os lados. Enquanto a Al Fatah se empenhava na guerra Rachid se empenhava na procura de Vanuza que por sua vez procurava a caverna da mulata juke box. Os gnósticos sabiam do vegetal híbrido e Vanuza seria a cobaia-mor da evolução. Robocop vegetal. Ela continuava fazendo seus shows e esteve numa tribo de índios que ficara em consignação numa universidade americana vendo televisão e vivendo em paisagens artificiais e comendo papinhas experimentais da indústria alimentícia astronáutica. Recolocados na selva sem nada daquilo enlouqueceram. Passaram a sentir cold-turkeys de aculturação e invadiram povoados e cidadezinhas à procura de eletrodomésticos, tvs, geringonças, crimes, iogurtes, papel de parede com paisagem a fim de sentirem algum alívio ambiental. Vanuza Gina dançou presses coitados. O sucesso de suas apresentações aumentava na mesma proporção em que aumentavam as perturbações audiovisuais cotidianas por conta da guerra entre os Greenpeaces. Amazônicos atordoados, amazônicos atordoados. A loura platinada prosseguia na procura da caverna e sofrendo

os desarranjos somáticos trepou, se esfregou, matando ou curando gente dos dois lados. Acabou sabendo que Rachid estava atrás dela. Excitada pelos presságios de que o tecnognóstico seria o fundamentalista que ela procurava, roubou máquinas de projeção xerox, tirou fotocópias do seu corpo e projetou-as nas nuvens, além de se concentrar sudoriparamente e exalar seu odor de planta híbrida na direção de Rachid, que passou a seguir o perfume e as nuvens com o corpo projetado de Vanuza. Seguindo nos céus o corpo dela Rachid distraiu-se da guerra e acabou caindo nalgumas armadilhas psicotrópicas. Sua mente, seus sentidos eram abatidos a todo instante por aparelhos de materialização hipnótica.

Era difícil saber o que era e o que não era real na Amazônia infestada de projeções e miragens audiovisuais. Mas Rachid conseguiu sobreviver aos ataques lisérgicos e aos Greenpeaces que se escondiam atrás dessas miragens e continuou seguindo o corpo da go-go matusalém projetado nas nuvens. Mantinha contato radiofônico com seus cúmplices gnósticos. As ondas também eram captadas pelos tradicionais e Rachid na verdade podia dançar a qualquer instante. O físico gnóstico atravessou a Metalzóica, lugar cheio de guindastes e máquinas pesadas disformes ligadas ininterruptamente como dinossauros mecânicos histéricos. Passou por um Tivoli

botânico localizado numa parte da Amazônia totalmente mecanizada: flores, vegetais, animais tudo perfeitamente emocionantemente autômato. Odor de planta híbrida e coxas no céu. Rachid atraído pela loura platinum que o aguardava perto do pomar cerebral, uma árvore do conhecimento feita com cérebros de pesquisadores e exploradores que se perderam na Amazônia. Debaixo da árvore do conhecimento perdido os dois se encontraram. O robocop vegetal cobaia-mor da evolução na escala antropóide e o homem de mente maníaca que despertaria com a energia do seu sexo e da sua imaginação fundamentalista a mulata juke-box. Os dois treparam, namoraram, conversaram sobre o que queriam um do outro. Rachid topou trepar com a mulata e Vanuza topou ceder direitos corporais pra Greenpeace Al Fatah. Rachid falou de sua fissura evolucionária, sua vontade doentia de preservação absoluta da espécie humana ainda ensaio carnívoro. Falou-lhe das pesquisas de colonização dos espaços interiores cerebrais e externos cibernéticos eletrônicos, colonização dos espaços artificiais sendo pesquisada pelos gnósticos visando penetrar nos mundos de gozo camuflados pela insuficiência dos nossos sentidos. Falou-lhe que os grandes hits do futuro serão o turismo por paisagens simuladas, telas poderão ser habitadas e processos de desmaterialização poderão ser levados adiante. Migra-

ções do mundo humano para o não humano. Serão nossos descendentes imateriais ou feitos de matéria híbrida? O que era privilégio de desenho animado será realidade virtual, o que era privilégio de iogues, monges espíritas, será kit de boutique audiovisual. Rachid falou, falou e Vanuza então dançou pra ele maravilhosa, majestosa. Só que tribos xifopagadas (tribos de índios coladas uma as outras pelos Greenpeaces tradicionais) chegaram atirando flechas com fungos explosivos; fungos corrosivos que transformavam o que tocavam em pasta fumegante. Vanuza e Rachid saíram batidos e foram refugiar-se na mais exuberante das reservas amazônicas – a reserva dos documentários botânicos e zoológicos da BBC. Centenas e centenas de telões passando imagens das faunas, flores e biossistemas visíveis e invisíveis do mundo inteiro. Paisagem de filmes biológicos. Outro momento de paz do casal interrompido por uma nuvem de insetos teleguiados pelos "tradicionais": gafanhotos, marimbondos, baratas, moscas, enfim milhares dessas criaturas chegando com tudo pra cima dos dois que saíram correndo e foram pra trás de um telão que passava documentários sobre fetos marsupiais. Deram de cara com um beco sem saída vegetal: pensaram que seria o fim mas uma dor terrível, uma cólica mental tomou conta da cabeça de Vanuza. A imagem da mulata ficou gigantesca na sua cabeça e a loura pla-

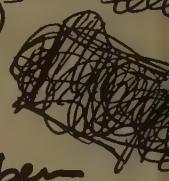
tinada sentiu que estava próxima da gruta dourada. Olhou pro lado e viu um buraco no meio do paredão vegetal, passou por ele junto com Rachid. Chegaram numa clareira onde estava a gruta da mulata adormecida toda em ouro maciço coberta por bilhões de formigas. Os dois descansaram um pouco ouvindo os insetos se porrarem contra o paredão vegetal. Vanuza não agüentava mais a dor. Estava na hora de acabar com todo aquele mistério telestésico. Chupou o pau de Rachid que duro foi enfiado no coração gelatinoso da estátua cravada na gruta. O mausoléu se abriu e os dois entraram. Abaixo das nuvens amazônicas um suculento corpo de mulher desafia todos os sentidos, sonhos e certezas biológicas. Ninguém sabe o que aconteceu na caverna. A única coisa que se sabe é que impossíveis auroras boreais continuam flutuando azuladas, projetadas no céu da Amazônia.

Computação Gráfica: Jorge Cassol

BÁSICO INSTINTO

- BÁSICO INSTINTO

(Sharon, stone me)

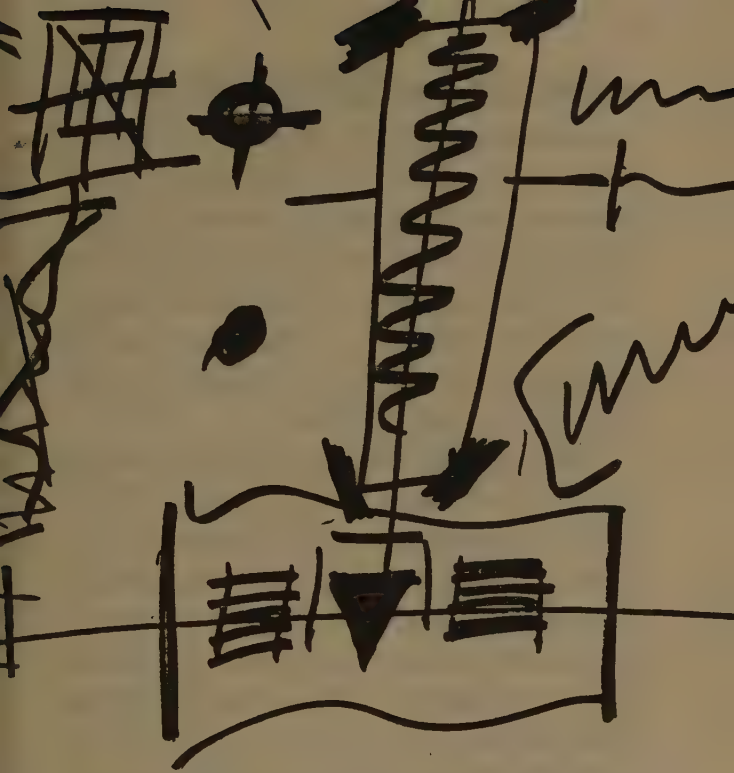


Iminente pulsação
no coração esvaziado
por inútil dia a dia
invertebrado de mediocre sem
perspectiva de sucesso
que te leve muito além dessa vida
que de repente vira alguém
via iminente pulsação
de sonho crime
de erótico sucesso
que te tira dessa vida ordinária
transformada de repente
por um BÁSICO INSTINTO

→ SHARON STONE ME

demência de sucesso interior
ou vaidade fama sexo
escândalo sucesso de escânda
manchete da demência
do espírito
manchete da demência
do espírito
da alma lasciva e rasgada
pela carne eletrizada
que já foi assim velada
para ser purificada
na lunática cozinha
do - BÁSICO INSTINTO

→ SHARON



BÁSICO INSTINTO

Iminente pulsação no coração esvaziado por inútil dia-a-dia que te deixa invertebrado, te deixa bem medíocre e sem visão. Te deixa bem medíocre sem visão sem perspectiva de sucesso pro espírito pra carne pois teu corpo tua alma quer sucesso que te leve muito além dessa vidinha zé ninguém que de repente vira alguém via iminente pulsação de sonho crime de erótico sucesso que te tira dessa vida ordinária de repente transformada por um Básico Instinto.

Não tem democracia nem conquista humanista nem um fundo de conforto social.

Nem um fundo de conforto social de tradição assim gregária, bem estar de sociedade equilibrada, nenhum fundo de conforto social. Mas não tem sequer família amizade ou compaixão que estanque o encosto desse sangue, que segure, obstrua ou camufle a estranha luz fascista de um Básico Instinto. Sharon Stone-me Sharon Stone-me.

Lâmina Exu fecunda tudo sexo punhal na língua goza. Lâmina Exu goza. Êxtase poder grana vêm. Escândalo sucesso de escândalo prazer na manchete da demência do espírito. Espírito da alma que é lasciva que é rasgada pela carne eletrizada que já foi assim levada para ser purificada na lunática cozinha do Básico Instinto.

Sharon Stone-me Sharon Stine-me.

Reza a lenda filosófica que existem forças caóticas inauguradoras do universo, da vida, da morte, da natureza consignadas dentro de nós mandado continuamente sinais avisando-nos da nossa insignificância, da nossa obsolescência, da nossa frágil arrogância civilizatória. Sinais em forma de gente-catástrofe, de catástrofes sociais e naturais em forma de doenças e sentimentos de ambigüidade-dúvida-fatalista, tristezas gratuitas, sinais que são tentações de decadência e transcendência voraz acionando a nossa nostalgia de quando ainda não éramos humanos, apenas fluxo de mutações inorgânicas ou primitivas muta-

ções orgânicas. Sinais avisando que somos ensaios carnívoros rumo a não se sabe o que, movidos por surtos de tecnologias e vontades de contratos sociais e visões de mundo e linguagens direcionadoras das sensibilidades e criações sociais e desejos de perspectivas, de sentido e conforto pra vida, assim frágeis bolhas morais que tentam nos proteger, defender, aliviar-nos dos ataques das forças caóticas à espreita dentro e fora de nós.

Agentes da violência primordial que caracteriza o susto orgânico da existência – nascimento, morte, matéria anímica e natural cheia de perturbações, sentimentos em choque. Forças caóticas mandam sinais em forma de *Básicos Instintos* que transformam as pessoas em vetores de afirmação vital totalmente obsessiva e amoral. Forças caóticas consignadas dentro de nós cobram pedágio das nossas normalidades obtidas com muito esforço de trabalho e crenças e filhos e proibições reguladoras do contrato social e história e linguagem, instituições e platonismos de todos os tipos. Todos sonham com céus e mundos melhores, todos sonham e trabalham rumo a modelos de excelência visando o escape da selvageria, da pobreza, da mediocridade, da ignorância. E a veia platônica pulsa desesperada enquanto as forças caóticas da violência primordial são cutucadas com vara curta pelo excesso de poluição humana das megacidades mundiais que conferem um cli-

ma de instabilidade purgatória ao mundo dito contemporâneo, poluído de heranças, estirpes, tradições, mutações, espécies culturais e biológicas. Cidades muito grandes e excessivas. Fraturas expostas da humanidade. Megacidade. Vertigem humana, e eu pergunto: quanto tempo dura teu entendimento? Todos os mecanismos de percepção e apreensão são fragmentários, efêmeros, ambientais, pessoais. Quanto tempo dura o teu entendimento? Teu entendimento vale pra que pessoa? Pra que lugar? As forças da violência primordial estão sendo cutucadas com vara curta pelos excessos da poluição humana mundial, poluição urbana das megacidades, últimas entidades místicas, majestosas maravilhas monumentais. Fraturas expostas da humanidade. Cutucando com vara curta a violência primordial e incutindo dentro de nós uma visão obscena da espécie humana.

Pessoas encaradas como fragmentos de vida à deriva em meio a intensidades variadas. Acúmulos ambulantes de personalidades construídas e órgãos desejando, mosaico de vísceras desejantes cada pessoa é. Visão obscena da raça humana. Excessos de megacidades, principalmente as do terceiro mundo. Megacidades situadas em países onde o verniz da civilização é bem ralo. Países de paisagem social dantesca onde lixos civis e náufragos existenciais de todos os tipos vagam na proliferação de submundos cheios de sel-

vageria psíquica – falta de perspectivas, sexo de afeto demente, afeto de sexo demente e carnaval de surtos, revoltas e cinismos. Países marcados por problemas gerados pelas burguesias antropofágicas, precariedade total, indigência social, mental, soluções milagrosas de sobrevivência e drible na insuficiência cotidiana. Povos colocados em estado de semi-barbárie adrenalizada e criminosa-apática à espera de salvações ou mutirões desconcertantes e maníacos. Sem acesso às benesses tecnológicas. Com acesso clandestino e perigoso a todas as benesses e sucatas tecnológicas. Sem mercado oficial decente mas com vários mercados paralelos fluindo, humanidade cheia de suíngue dolorido e saídas que vão dar em novos becos para gerar outras saídas da humanidade em liquidação nesses países assim assim ovos de serpente – Brasil. Megacidades. Principalmente as do terceiro mundo. Obscenos purgatórios bregarunner do sublime e do grotesco choque de tudo com tudo na maravilhosa brutalidade de todas as presenças contrastantes. A nova ordem mundial não tem a ver apenas com fim de uniões soviéticas e novos conchavos internacionais de economia abstrata e financiamentos assim assim japões, alemanhas e tigres pomposamente asiáticos... A nova ordem mundial também está calcada (principalmente calcada) no cinturão das megacidades primas entre si: Los Angeles, Rio, São Paulo, Nova Ior-

que, Jacarta, Cairo, Lagos, Calcutá, Bombaim, Tóquio, Londres, Moscou, Bangkok, Hong Kong etc... Nova ordem mundial. Cinturão vulcânico das megaurbanidades e dos intervalos desérticos ou semidesérticos entre elas. Cinturão de vulcões urbanos aguçando a violência que caracteriza o susto orgânico da existência. E tome excesso de população, de miserópolis, de ciência básica e de ciência aplicada, de mídia divulgando, informando, inventando, espetacularizando a vida, os fatos humanos e não humanos transformados em bombas de acontecimentos, bombas de reação comportamental. Mídia é o sexto elemento depois da água, do ar, da terra, da eletricidade e do fogo. Vida transformada em ração de informação pra aliviar, distrair milhões. Excesso de dessacralizações de civilizações orientais e ocidentais. Nada nunca foi sagrado. Tudo sempre foi poeira suja de sutiã profano. Excessos de todas as relatividades físicas, econômicas e pessoais. Excesso de neurociências, genéticas, astrofísicas, engenharias moleculares, excesso de tradições e provincianismos e seitas e particularismos e fundamentalismos contaminando as liberais civilizações, excesso de sexismo e ternura e vontade de catarse e de foda-ses ligados na moita do cotidiano, de promiscuidade comercial, de hedonismos consumistas cibertecnos de erotismo fetichóide mercadológico, excesso de favelada imprecação de diversão lum-

pen desconcertando os que observam os assim fudidos se divertindo movidos pelo desespero franco-atirador. Excesso de espiritualismo de butique estimulado por consumo e produção de máquinas esotéricas do bem-estar por instantes, máquinas espiritualizantes quebrando ou indo pra manutenção toda hora. Excesso de riquezas geradas pela razão em fusão com as riquezas da carne, do desejo, dos instintos, das pulsões. Aguçando a tal pressão, *Básicos Instintos*. Apesar de todas as conquistas da modernidade humanista, o buraco da transcendência não foi tapado. Sonhos de eternidades e palácios de sobrevivência além, num tempo além de primórdios luminosos e inauguradores de tudo que existe, bem, esses sonhos ainda rolam firmes nos corações e mentes. Fora da terra ou politicamente, economicamente sonhados. Desejos de outros mundos, outros corpos, outras inteligências e outras idéias de Absolutos ou convulsivos emaranhados de labirintos galáticos, sociedades idílicas, paradisíacos infernos de essência inédita reveladora dos espíritos. Sociedades orgiásticas camufladas por empresas de responsabilidade privada... Todo mundo sonha com outras dimensões de vida. Evolução geral da humanidade alcançada com mutações gigantescas da civilização ou com uma simples graninha pra sobreviver mais um dia ou mês e continuar sendo ou parecendo humano. Às vezes o paraíso é um

cream cracker com geléia. Guloseima platônica. Todos sonham, tentam driblar a precariedade da condição humana. Tempo, espaço, corpo, estados da consciência-inconsciência ordinária, estados da matéria cotidiana, classe social, atmosferas morais, afetivas, sentimentais funcionando como campos de força comportamentais.

Todos acreditam que existe dentro de si um elemento oculto que precisa ser detonado, materializado. Alguma vontade única da inteligência encurralada numa suíte cerebral que é ponto focal do universo e de toda a sua herança consignada dentro de nós. A veia platônica pulsa e o espírito parece apenas um grito de ambição da carne desejando infinita expansão. E a veia platônica pulsa de sangue sonhador do Ideal impossível. Pulsa no centro dos vulcões urbanos. Sensação de ratazana encurralada nas megacidades nos dá a impressão de que a inteligência é uma vaidade insaciável e maliciosa que injeta vigor de mutação no mundo, reinventando, distorcendo, influenciando todos os corpos, todas as superfícies, todas as energias do assim chamado planeta. A inteligência é uma espécie de vaidade insaciável e seu âmago é a sensual vontade de poder movida pelos insinuantes motores do desejo, do êxtase, do gozo, do amor qualquer que seja, do tesão sórdido, da suspensão dos sentidos, da luxúria racional, da luxúria mental, carnal, sensorial, dos so-

nhos e pesadelos que viram sensações gostosas, da delícia, do deleite, da inquietação gratuita, perturbações doentias, doenças perturbadoras, passageiras, rápidos sustos de acidente-descontrole vital que se transformam em tesão perverso e festivo. *Básicos Instintos* inspiradores da lucidez gerada pela consciência do desejo que é o conhece-te a ti mesmo paralelo à razão. Inteligência é estranha vaidade, insaciável vontade de poder movida pelos insinuantes motores da plenitude dos desejos que são línguas umbilicais nos lambendo, nos chamando, nos ligando à fúria das matérias e energias se engolindo no rolo compressor do universo em eterna mutação. No rolo compressor da natureza em eterno trabalho de parto, sedução e morte. Sensação de rato encurralado na megacidade faz com que a inteligência se transforme em mero oitavo sentido, mero núcleo de aflições e sobriedades e ansiedades e violentas manifestações dos tais insinuantes motores do desejo que vira grito de obsessão e afirmação. Punhal desgovernado quicando dentro do coração. Megacidade, principalmente de terceiro mundo, é uma inacabada e furiosa catedral do excesso humano, violentos coliseus urbanos da luta pela sobrevivência. Brutalidade de todas as presenças, de todas as formas de vida social e subjetiva dando xeque-mate umas nas outras, gerando diversão e dribles de realização emocional, e catártica na mediocrida-

de cotidiana. Luta pela sobrevivência e pela ração de emoção, comida, divertimento, ternura-família-amorzinho-cumplicidade-afetiva, ração de desejo saciado, de sexo, ração de loucura e demência, ração de informação Purgatórios bregarunner. Inteligência como oitavo sentido. Insinuantes motores do desejo de sobrevivência no excesso de tudo das megacidades. Terreno propício pra proliferação dos sentimentos plutônicos, pra veia plutônica pulsar firme e forte nos espíritos e nas carnes. A veia dos porões da inconsciência voraz, dos primitivismos detonadores de delícias e tentações de decadência fulminante. Rapina é bom. A veia plutônica pulsa mais forte que a platônica. A dos Dobermans do Irracional Superior que mostram seus dentes no cinturão das urbanidades vulcânicas. Reza a lenda filosófica que forças caóticas exercem pressão ininterrupta sobre nós e os Dobermans do Irracional Superior, do não-humano perturbador etéreo ou animalesco se apresentam, circulam pelas ruas das megacidades mostrando seus dentes camuflados nos dentes das pessoas, faiscando seus olhos camuflados nos olhares da multidão assim esponja anônima, esconderijo do mundo. Mostrando suas patas camufladas nos braços e pernas das pessoas. Dobermans do Irracional Superior babando o alarme do seu sexo de cio incontrolável nos órgão sexuais de todas as pessoas. Circulam nas ruas vigiando, atormen-

tando, alimentando, provocando, sinalizando, anunciando a pulsação da iminência que provoca a insinuante majestade da barbárie, característica das grandes concentrações urbanas, de certas ações humanas. A Falange Doberman-Exus dos sentimentos Nelson Rodrigues, Ciorans, Calígulas, Messalinas, Lucrecias Bórgias, Cristos, Augustos dos Anjos, Mefistófeles, sentimentos de brilho maligno. Falange Doberman dos sentimentos Exus, shivas, brasinhas, fradins, gremlins, Falange Doberman-Exu dos sentimentos existenciais, gnósticos, cínicos. Falange Doberman-Exu dos sentimentos existencialistas, gnósticos, cínicos. Falange Doberman-Exu do sentimento mundo-cão. Sentimento-necessidade de euforia auditória de teor carnavalesco bizarro. Falange dos Dobermans-Exus dos sentimentos Xuxa, Madonna, Cleópatra, Paul Getty, Randolph Hearst, Michael Jackson. Sentimentos de demência wagneriana e luxo pornográfico de teor hipnótico que não leva a nada que não seja apenas prazer despótico e esclarecido. A Falange de Dobermans-Exus dos sentimentos Copacabana, Cisjordânia, Lagos, Babilônias, Sodoma, Gomorra, Hong Kong, decadentes Romas e miseráveis Bombains. A Falange de Dobermans-Exus dos sentimentos circula por aí, agulhando a pulsação da iminência dos *Básicos Instintos* transformados em impulsos de afirmação vital amoral. Gritos de sobrevivência de algum

desejo de aventura que é luz oculta por alguma claustrofobia existencial, social, financeira, afetiva, mental. Reza a lenda filosófica que pra cada beijo e facada existe uma coisa pesquisada, que pra cada cura encontrada surgem três doenças aceleradas, para cada cinco minutos de civilização existem cinco dias de primitivismo e barbárie acumulada gerada pelo excesso ou insuficiência de civilização. Pra cada cinco minutos de cidadania, ciência, contas, impostos, sentimento familiar, razão discriminadora crítica e eletiva visando um refinamento de emancipação humanista. Pra cada cinco minutos de bom senso razoável, comunhão com o fluxo gregário e sentido da vida mais ou menos dado pelos motores sociais, pelos amores, pela História, pelo trabalho e sobrevivência digna de nota, existem cinco horas de boçalidade catártica, sensações doentias de não ter nada a ver com o mundo, ceticismo ranzinza, carência de afeto patética, demência de massa, incapacidade de comunicação, cosinha dos instintos, lapsos de consciência, tédio gratuito, tristezas de raiva, revolta que vira melancolia apática. Pra cada cinco minutos de escravidão assalariada cinqüenta horas de inconseqüência vingativa, desperdício de consumo voraz, sentimento de rapina pelo outro, vontade de matar, de foder pra esfolar, de ser arauto maligno de toda a putaria, vontade de se mandar da terra, da sala, da rua, do bairro, pra nunca mais

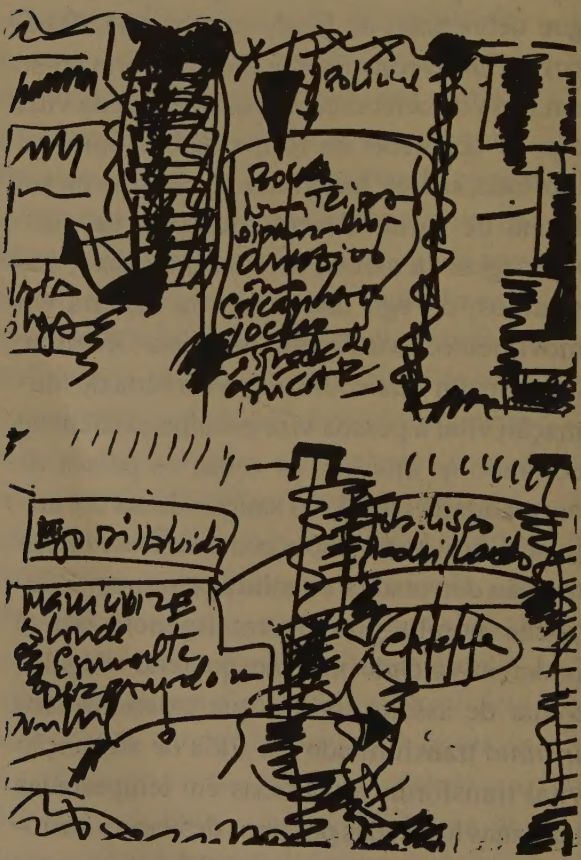
voltar, sensações de abandono fútil, constrangimentos existencialistas advindos do insolúvel afetivo tipo *que porra é essa que eu tô sentindo agora na hora errada da maneira certa? O que eu vou fazer com o que sinto se não tem muita correspondência com o social assim assim?* Pra cada cinco minutos de lucidez e confirmação do equilíbrio do ego, cinco dias de sexo desequilibrante e lisérgica libidinagem intoxicante. Pra cada cinco minutos de compaixão, altruísmo, cooperação com a vida social, cinco horas de porção biológica desejante sugando a mente, deixando o cérebro meio vazio, atordoado. Pra cada cinco minutos de responsabilidade civil, cinco horas de marionete de condicionamentos biossociais e funções cerebrais mediocrizadas, agulhadas pela alma envenenada, contaminada, abastecida, transpassada, fundida, encurralada, engordurada pela banha da vida exalada pelos outros corpos. Sete bilhões de bonecos formigando na superfície do dito planeta, encurralados por si mesmos. (Às vezes acho que tem gente que não se agüenta, não sabe o que fazer consigo mesmo, não sabe o que fazer com os sentimentos, pensamentos, meio como se tivesse dado azar de vir ao mundo em forma de gente. Tava programado pra ser removedor e veio gente e fica aquele removedor humano circulando e precisando de ocupação senão vira parasita de si ou violento desesperado, desconforto de ser

humano. Hamlets obtusos vagam aos milhares por aí.) Pessoas encurraladas por si mesmas a partir dos outros ou por insuficiência psicológica desejando, precisando transformar-se nalgum vetor de afirmação vital, nalguma coisa maior que o perímetro da sua consciência cotidiana permite. Querendo ser alguém, ser orgulho da espécie dizendo eu sou, eu faço, a vida brilha fulminante com a minha presença, eu sou, eu faço. Querendo ser alguém melhor, mais forte de espírito-desejo cujo corpo é campo de força-carnal. Querendo que sua presença seja luz de fogo transformador. Transformar-se nalgum vetor afirmativo nem que seja transmutando-se em máquina mortífera ou em monge negativo de inéditos submundos perigosos ou ainda trocando de identidade mudando radicalmente de personalidade assim darlenegloriamente, rose di primo, odete lara. Fuga radical de uma personalidade pra outra. Outro lado da moeda obsessiva. Ao contrário, existem aqueles que sabem demais o que fazer consigo mesmos. O que fazer deles, o que fazer com a vida. Inteligências insaciáveis guiadas pela luz anti-social do prazer mortal. Inteligências maravilhosamente maquiavélicas, doentiamente superdotadas de intelecto, perspicácia sentimental e percepção da frágil fronteira entre o humano e o não humano, o desumano, o pré-humano, entre a normalidade e a demência e o que a normalidade tem de demên-

cia. Percepção do animalesco emoldurado, estimulado, refinado pela inteligência. Sarcásticos bons vivants celebradores da vida com a morte, que é o apelido da desmedida da vida. São vetores de afirmação vital totalmente amoral e obsessiva cujas vidas transformam-se em navalhas existenciais cortando os pulsos das normalidades sociais e o sangue da normalidade social jorra como menstruação derrotada e engolida pelo sangue debochado da libido-pomba-gira. *Básicos Instintos* constantemente transformam-se em fúria de celebração da desmedida da vida e pode acontecer da forma mais criminosa, mórbida, sádica, luxuriante de cinismo ou em forma de carnavalescas ofensivas de pirotecnorgias da mente, do corpo, do sexo, dos sentidos, do ego dissolvido na matéria em movimento. Exu-Fradim de Shiva-Gremlim. Quando um *Básico Instinto* vira fúria de afirmação vital a pessoa vira navalha existencial cortando as artérias, as veias, os pulsos da normalidade social e o sangue dessa normalidade jorra horrorshow como se fosse menstruação derrotada e engolida pelo sangue-deboche pomba-gira da inteligência que é poderosa vaidade brilhante querendo engolir, tomar de assalto tudo o que existe. *Básico Instinto* transformado em fúria de afirmação vital transforma as pessoas em tempestades humanas habitadas por raios de víscera ansiosa transformando-a numa celebradora insa-

3 9001 03109 0114

ciável da desmedida da vida. Por isso não tem democracia nem conquista humanista, nenhum fundo de conforto social de tradição assim gregária, bem-estar de sociedade equilibrada, nenhum fundo de conforto social. Mas não tem sequer família, amizade ou compaixão que estanque o encosto desse sangue, que segure, obstrua ou camufle a estranha luz fascista de um *Básico Instinto.*



r, Saul.
The last analysis; a play. London, Weidenfeld and
Colson [1966]
118p. 21cm.

First English ed.

I. Title.

LC/nr

65-16904

AUG 13 1975

Como um Guimarães Rosa urbano, **Fausto Fawcett** tira sua língua nova dos grandes sertões do subúrbio carioca, das veredas de Copacabana, uma língua feita de palavras absurdas e impuras, cujo sentido se transforma no contato de umas com as outras, numa montagem pop-barroca. Essa língua recorre a todos os costumes de rua, a todos os dicionários eruditos, às páginas da imprensa policial, mas sobretudo à sintaxe nova do cinema, do vídeo e da televisão.

Básico Instinto é a obra de um dos artistas que, no Brasil, melhor compreendeu a nova visão de um homem sem destino preciso, que não ruma necessariamente a direção pré-determinada alguma. Um homem cujo destino é o êxtase da crise permanente.

Cacá Diegues

RELUME DUMARÁ